
2010000223


494
VD

A VILA RURAL ITALIANA E A FAZENDA PAULISTA

NEIDE MARCONDES

Departamento de Expressão e Comunicação

Instituto de Artes - UNESP

São Paulo - 1989

INSTITUTO DE ARTES - UNESP BIBLIOTECA

Tese apresentada para o

Concurso de Livre-Docência junto à

Disciplina: História da Arte

SUMÁRIO

1. Introdução: *"É preciso acautelar .."* 1
Referências Bibliográficas 9

2. O espaço rural 13
Referências Bibliográficas 19

3. A organização rural e as *"Villae rusticae"* 20
Referências Bibliográficas 50

4. O núcleo rural paulista e o programa das fazendas 51
Referências Bibliográficas 93

5. A imigração italiana e a presença dos mestres-de-obras no espaço rural paulista..94
Referências Bibliográficas 120

6. O *"palazzo"* rural e a casa-sede da fazenda paulista 124
Referências Bibliográficas 244

7. Modelística: transferência, adaptação e fusão 246

8. Glossário 249

9. Documentação Iconográfica, indicação das pranchas 251

1. Introdução: *"É preciso acautelar um patrimônio..."*

1. INTRODUÇÃO

"É preciso acautelar um patrimônio que encerra preciosas contribuições; povoados, edifícios coerentes e harmoniosos na maior parte estão sendo remodelados sem nenhum critério". (4)

O conhecimento dos aglomerados rurais, a organização formal de um domínio construído, interessa sobretudo para um planejamento de ação contemporânea a fim de se perceber e preservar os fatores e formas sócio-culturais regionais. Este tipo de estudo demonstra situações, aspectos, características morfológicas adaptadas engenhosamente aos condicionamentos espaciais e climáticos, às influências e agrupamentos alienígenas com as marcas de adaptação. Pequenas e grandes casas com seus anexos, unidades isoladas ou aglutinadas em formas funcionais de vida e trabalho refletem importantes etapas da evolução econômica e cultural.

Os acervos que restaram nem sempre recebem leitura e interpretação significativa; é raro que grupos sociais e político-administrativos se sensibilizem pelo trabalho acumulado no casario, na colônia, na programação rural de determinada região. Encomendas oficiais são feitas para estudos de edifícios públicos e *"monumentos"*; as condições de trabalho do pesquisador são totalmente desconfortantes

com sérios problemas orçamentários aliados a fatores como dificuldades no transporte, ausência de mapas cadastrados, desconhecimento, desinteresse e desconfianças regionais. A escassez de elementos para o estudo específico leva ao empirismo e interpretação pessoal e intuitiva.

As freqüentes atitudes de falta de entusiasmo diante dos estudos das construções não monumentais refletem a herança das disciplinas acadêmicas da história da arte. Desde o Renascimento, a arquitetura formal tem se limitado a estudos dos edifícios com criadores individuais capazes de plasmar suas concepções no papel mediante a arte do desenho.

Neste trabalho *A Vila Rural Italiana e a Fazenda Paulista* buscou-se demonstrar o processo de aculturação das formas arquitetônicas italianas em termos de ajustamento, fusão e assimilação à nova realidade dos empreendimentos rurais paulistas. Foram identificados e analisados os raros exemplares ainda conservados como testemunho de uma época significativa na região de São Paulo entre 1880 a 1910.

Na zona rural está evidente o produto arquitetônico do imigrante, expresso com tijolos, alvenaria, madeira, técnica e procedimentos aprendidos de sua terra, agora adaptados à terra paulista. Existem também modelos mais *"raros"*, confiados a arquitetos, mestres-de-obras e engenheiros italianos.

A ênfase aos aspectos personalizados de mestres individuais tem conduzido inúmeros historiadores ortodoxos a processos de registro e conhecimento minucioso de características estilísticas, evidentes de traços edificató

rios próprios, relegando as formas rurais, até certo ponto, a um estudo marginalizado.

Durante as últimas décadas, como resultado da ausência do valor atribuído às construções não urbanas, diante de uma completa indiferença dos especialistas ante as mesmas, um elevado número de edifícios e programas rurais foram destruídos ou descaracterizados. São muitos os espaços rurais com significação histórico-estética destruídos por escavadoras dos especuladores ou urbanizadores. A consciência da perda sofrida de valiosas heranças, na maioria das vezes só é despertada quando já transformadas em lotes que formarão um conjunto habitacional *"garden-city" ou "palace-village"*.

Um inventário operacional com estudos sistematizados servirá para as decisões e medidas de adaptação, reconstrução, restauração e transformação apropriada para garantir a continuidade cultural da região.

Um levantamento da literatura estrangeira sobre o assunto evidencia a preocupação dos pesquisadores pelos fatores histórico-culturais que levam à escolha de um determinado sistema construtivo, à adaptação dos meios locais e à introdução de determinadas formas arquitetônicas. Além de publicações especializadas, mais de uma dezena de periódicos regionais com periodicidade constante demonstram trabalhos da coleta do material e métodos para a determinação tipológica e mesmo simbólica de conjuntos rurais.

Na literatura específica italiana Enrico Guidoni estudou e publicou *L'Architettura Popolare Italiana* onde destaca como sendo *"La prima storia dell'architettura senza architetti in Italia" (9). Le Grandi Ville Italiana* realça sob o ponto de vista histórico as características das vilas rurais das regiões Vêneta, Toscana e do Lácio (15).

A reedição da obra da Associação dos Arquitetos Portugueses cuja pesquisa cobre todas as regiões rurais portuguesas recebeu o nome de *Arquitetura Popular em Portugal. (4)*

Luis Feduchi em *Itinerarios da Arquitectura Espanola* aborda o mesmo assunto e estuda as formas rurais espanholas.(8)

Esses trabalhos e o de Paul Olivier em *Cobijo y Sociedad* também se preocupam por explicar as várias denominações, conforme as regiões geográficas, para a arquitetura rural que Guidoni, Feduchi e Olivier preferem a denominação de arquitetura popular. (12)

Bernard Rudofsky, encontrou a expressão *"Arquitetura sem arquitetos"* e desde 1964 é empregada nas publicações francesas e algumas italianas.

> *"Arquitetura sem arquiteto pretende eliminar* nossos *limitados conceitos sobre a arte de construir introduzindo o mundo não conhecido da arquitetura sem "pedigree" tão ignorada que siquer dispomos de nomes para ela. Ante tal carência de uma denominação genérica a chamaremos de vernacular, anônima, espontânea, indígena ou rural segundo o caso". (12)*

Ainda que grande número de edifícios tenha sido construído por artesão ou mestre anônimos, parece inadequado o termo arquitetura anônima. Também a aplicação de formas determinadas por culturas com inclusão de generalizações de usos e costumes permite deixar de lado a denominação espontânea; longe de espontâneos,

certos edifícios rurais refletem tradições antigas adaptadas e modificadas durante séculos. É evidente que inúmeras formas construtivas estão condicionadas a contatos com outras sociedades ou procedem de regiões diferentes se adaptando a outras condições locais.

Trabalhos sobre o assunto são amplamente divulgados nas publicações especializadas que aprofundam e difundem o estudo do partido arquitetônico rural e, com metodologia sistematizada, analisam as formas e influências nas construções secundárias como casas d'água, espigueiros, sequeiros, pombais e assim como nos elementos das cozinhas, nas lareiras, chaminés e em outras formas rurais, as quais aqui no Brasil são ainda consideradas irrelevantes porque não são monumentais.

Preocupada com a displiscência que se apossou das gerações paulistas, contribuindo para a destruição de parte significativa do patrimônio histórico-cultural de São Paulo, documentei a analisei exemplares significativos da região paulista rural.

Na publicação *O Partido Arquitetônico Rural do Século XIX (11)*, procedi ao levantamento das propriedades das regiões de Porto Feliz, Tietê e Laranjal Paulista; definimos padrões tipológicos das moradas de tradição bandeirista, moradas assobradadas, sobrados de café e casas tipo-urbano do fim do século. Nessa pesquisa e em *Arquitetura Rural e o Contexto Histórico-Cultural, Piracicaba (São Paulo) (10)*, ficou destacada, em vários modelos, a nítida influência de formas estrangeiras, no quadro cultural analisado. Foram percebidas influências nos materiais e no sistema de construção, no programa, nas soluções plásticas das moradas e nas construções secundárias.

O presente estudo, *"A Vila Rural Italiana e a Fazenda Paulista"*, propõe identificar a origem da vila rural italiana e o processo de acultura - ção das formas elaboradas pelos mestres italianos que aqui trabalharam nos últimos vinte anos do século XIX e no início do século XX.

A histórica frase de Yan Almeida Prado *"São Paulo foi feita pelos italianos"* sintetiza e explica de certo modo, a ação dos italianos nas cidades paulistas. Tanto para as reformas como para as reconstruções e novas obras é evidente a presença de pedreiros, operários, mestre-de-obras e alguns engenheiros e arquitetos italianos. Foi na segunda metade do século XIX que mais notadamente se desenvolveram os trabalhos destes mestres em São Paulo. Com sua técnica acumulada, improvisavam, adapta - vam e diversificavam a tipologia construtiva. Conjugavam o estilo românico, gótico, renascentista, o romântico, o vignolesco, o neoclássico e transportavam as *"maneiras"* de construir, na maioria das vezes sem obedecer às regras de tratados dos grandes mestres. (19)

No capítulo *"O Ecletismo em São Paulo"* da obra *O Ecletismo na Arquitetura Brasileira* (7), estão destacados estudos de edifícios da cidade de São Paulo agrupados em construções neoclássicas ditas ortodoxas, construções neoclássicas no partido arquitetônico mas comprometidas pela ornamentação neo-renascentista; construções neo-renascentistas *"despoliciadas"* com colagens imaginárias; obras chamadas Art Nouveau; obras de estilo indefinido; construções neogóticas, neo egípcias, neoassírias; construções denominadas neocoloniais e construções de modelos eruditos neocoloniais. Ficou destacada a atuação dos chamados *"capomastri"* (20), fiéis ao neoclássico com platibandas, frontões com ânforas, apelidados de estilo popular *"macarrônico"* como interpreta-

ção livre do art-nouveau.

Os fazendeiros paulistas que se sentiram atraídos pelo ideal de *"modernização"* das formas arquitetônicas chamaram para suas propriedades rurais os mestres-de-obras, os práticos e os licenciados italianos.

Não é simples estabelecer a distinção entre arquiteto, engenheiro, construtor ou mestre nas casas rurais onde nem mesmo a autoria constituiu preocupação em construções desse tipo. Os *Ofícios Diversos* dos arquivos das regiões paulistas comentam as atribuições para os consertadores de pontes, de estradas, de paragens e quase nenhuma referência precisa às construções nas propriedades rurais (1). Revelam-se, entretanto, alguns autores de projetos e construtores de edifícios oficiais e religiosos das cidades do interior paulista. Assim, Manoel Gonçalves da Silva Cantarino, o autor da remodelação geral da fachada do Teatro São Carlos de Campinas, em 1867, com frontispício neoclássico, após projetar o hospital da colônia portuguesa, foi trabalhar para os fazendeiros de café (7).

Sobre o trabalho profissional dos italianos na cidade de São Paulo destaca-se a pesquisa de Anita Salmoni e Emma Debenedetti em *Arquitetura Italiana em São Paulo* (19).

Entre os poucos trabalhos sobre a influência dos italianos na arquitetura rural está o levantamento de casas rurais no núcleo colonial Barão de Jundiaí, núcleo destinado aos imigrantes da região Vêneta, estudo de Eduardo Carlos Pereira (5).

As Contribuições dos Italianos na Arquitetura Brasileira sob a coordenação de Carlo Magno e referências de Pietro Maria Bardi é uma publicação com estudos generalizados sobre as influências italianas em vários pontos do Brasil, mais niti-

damente na Região Sul (5).

Julio Posenato, em edição de 1983, analisa em *Assim Vivem os Italianos* vol. 4, em *Arquitetura da Imigração Italiana* no Rio Grande do Sul (16).

João B. Borges Pereira realizou um estudo sociológico sobre a comunidade de Pedrinhas (São Paulo), e descreve o tipo de vida dos colonos italianos de pós-guerra. Pesquisou os efeitos do deslocamento regional e a adaptação do italiano à realidade rural brasileira destacando seus espaços arquitetônicos (14).

Em *Campinas - Município no Império*, Celso M. de Mello Pupo levantou os solares da cidade, os arquitetos dos exemplares urbanos, e algumas propriedades rurais da região (17).

Construção, conservação, destruição e recriação, esse movimento incessante da história traduz-se, à força de edições e subtrações, por um balanço finalmente acumulativo, e essa acumulação não é em absoluto obra do acaso ou das coer - ções naturais. *"O estudo do patrimônio nos leva, portanto, a duas reflexões: sobre o sentido do futuro no passado e sobre o destino do passado no futuro"* (13).



Referências Bibliográficas

Fontes Primárias:

1) Arquivo do Estado de São Paulo

Documentos manuscritos

- Ofícios Diversos de Constituição (1824-1890)

Arquivo da Câmara Municipal de Piracicaba - SP

- Documentos Diversos
  caixas 1 a 48 (1850-1900)

Cartório do 1º Ofício de Tietê

- Documentos de Compra e Venda

Documentos Publicados

2) Arquivo da Biblioteca de Nápoles:

- D'Atri, Alessandro. *Uomini e cose del Brasile descrizione dei viaggi compistu negh anni di 1894 i 1895* Nápoles, Amedeo Tosco, 1895-6.
- Belli, Bortolo. *Lo Estato di São Paulo*
  . *L'Emigrazione Italiana nello Estato di São Paulo*
  . *Storia di un Colono*. Nápoles, Coll. M.H.

- Cusano, Alfredo. *Italia d'Oltre Mare, Impressione e Ricordi dei Miei Cinque Anni nel Brasile.*
- Grossi, Vicenzo. *Storia Della Colonizzazione Europea nel Brasile Della Immigrazione Italiana Nello Stato di San Paolo.* Nápoles, 1914, 2a. edição.

3) Biblioteca Nacional de Roma - Italia:

- *Emigrazione e Colonie Rapporti di Sr. Agenti Diplomatici e Complari publicati dal degli Affari Esteri.* Roma, Tip. Naz. Bertero, 1893, 1º vol.
- *L' Emigrazione Italiana nelle prospettivve degli anni oittanta Atti della conferenza Nazionale della Emigrazione.* Roma, 1975.
- *L' Emigrazione Italiana negli anni 70. Antologia di studi sull'emigrazione.* Gráfica Moderna, 1975.
- *L' Emigrazione Italiana Testi e Documenti a cura di Lucio Avagliano.* Nápoli, Enzo Ferraro, 1974-
- *Emigrazione Trentina (Teste a cura di Renzo Gubert, Ado Gorfer, Umberto Beccatuva, Calliano Vallagarina.* Arti Grafiche, R.Manfrini, 1978.

4) *Arquitetura Popular em Portugal.* Associação dos Arquitetos Portugueses. Lisboa, 1980.

5) Bardi, P.M. *Contribuição dos Italianos na Arquitetura Brasileira*. São Paulo, Raízes Artes Gráficas Ltda, 1981.

6) Bonta, Juan Pablo. *Sistemas de Significacion en Arquitetura*. Trad. do inglês de Graciela Trevisan, Juan Velasquez. Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 1977.

7) Fabris, Anna Teresa (organiz.). *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo, Nobel e Edusp, 1987, p. 78.

8) Feduchi, Luis. *Itinerários da Arquitectura Popular Espanola*. Barcelona, H. Blume, Editorial, 1974.

9) Guidoni, Enrico. *L'Architettura Popolare Italiana*. Roma, Bari. Laterza, 1980.

10) Martins, Neide Marcondes. *Arquitetura Rural e o Contexto Histórico Cultural*. São Paulo, IMS. Informações Microformes e Sistemas, 1983.

11) Martins, Neide Marcondes. *O Partido Arquitetônico Rural no Século XIX (Porto Feliz, Tietê e Laranjal Paulista)*. São Paulo, Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.

12) Olivier, Paul. *Cobijo y Sociedad*. Trad. do inglês de José Corral, Madrid, H.Blume Editorial, 1970.

13) Parent, Michel. *"O Futuro de Patrimônio Arquitetônico"*. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico*, nº 19, 1984, p. 112 - 123.

14) Pereira, João Baptista Borges. *Italianos no Mundo Rural Paulista*. São Paulo, Pioneira e IEB-USP, 1974.

15) Puppi, Sciolla Gianni C., Barsali Isa B. *Le Grandi Ville Italiane*. Veneto, Toscana, Lazio. Novara, Instituto Geográfico De Agostini, 1986.

16) Posenato, Júlio. *"Arquitetura da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul"* in *Assim vivem os italianos 4*. Porto Alegre, Fundação Giovanni Aganelli, 1983.

17) Pupo, Celso M. de Melo. *Campinas, Município do Império*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1983.

18) Rios, José Arthur. *"Aspectos Políticos da Assimilação dos Italianos no Brasil"* I e II, *Sociologia* 20 (3) agosto, 1958 e 20(4) outubro, 1958.

19) Salmoni, Anita e Debenedetti, Emma. *Arquitetura Italiana em São Paulo*. São Paulo, Perspectiva, 1977.

20) Toledo, Benedito Lima de. *São Paulo: Três Cidades em Um Século*. São Paulo, Duas Cidades, 1981,

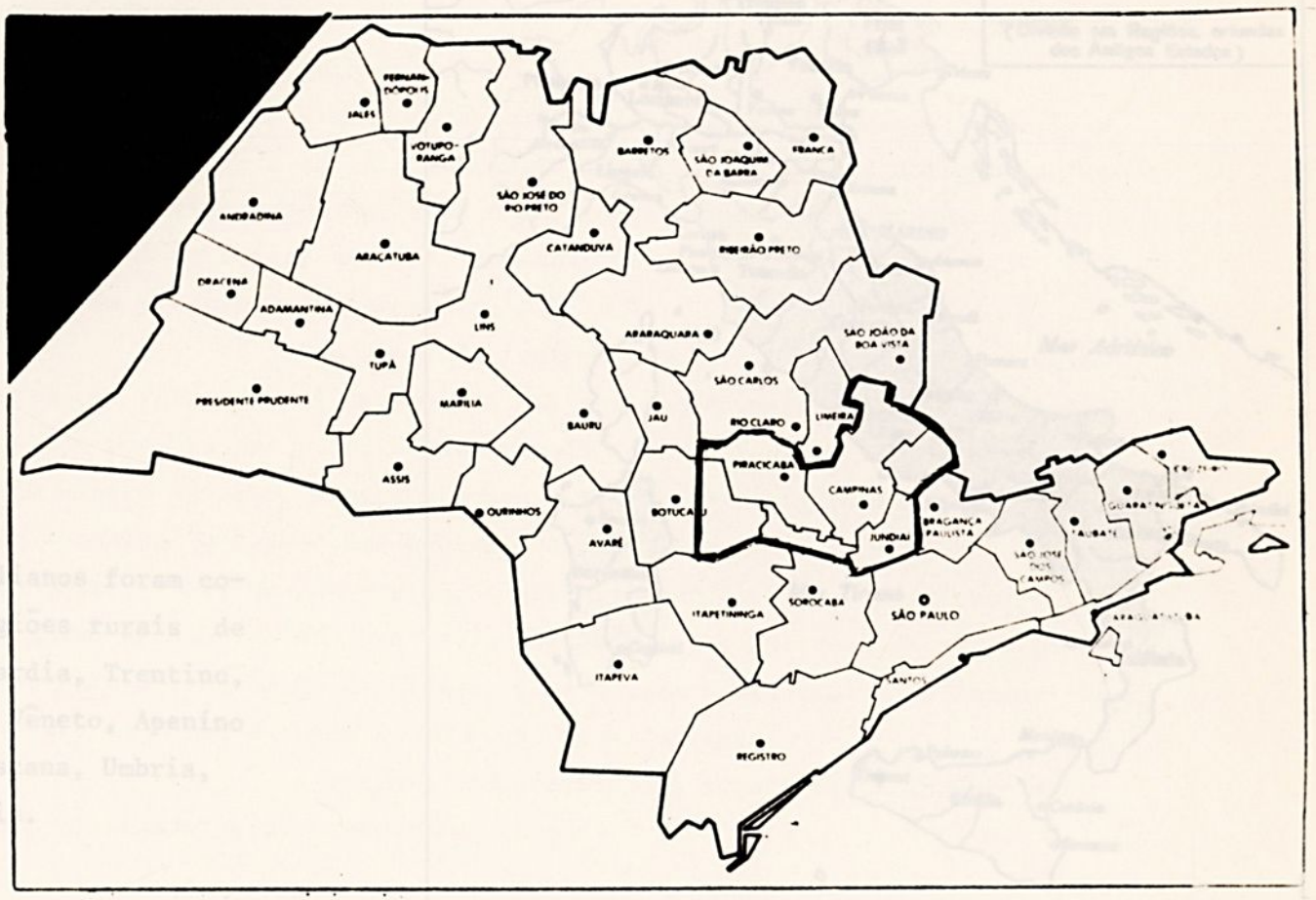
2. O ESPAÇO RURAL

2. O ESPAÇO RURAL

"Toda a história do patrimônio, se confunde com a de uma morte perpétua, mas também com uma ressurreição" (5).

Em pesquisas anteriormente realizadas foram observadas em formas rurais paulistas, transposições da arquitetura rural italiana. O material coletado foi inicialmente identificado segundo modelos utilizados em literatura anteriormente pesquisada. Os exemplares foram registrados fotograficamente e por meio de desenhos e plantas-baixas; foram também desenhados os espaços, as construções rurais e as secundárias complementares das microrregiões paulistas de Campinas, Amparo, Serra Negra, Socorro, Capivari, Porto Feliz, Boituva, Tietê, Laranjal e Piracicaba.

Registrados os exemplares paulistas, foram os mesmos analisados, segundo a localização geográfica e como se apresentavam nos aspectos construtivos, na organização espacial e nas soluções plásticas. Pela associação dos índices descritivos obteve-se a relação entre a arquitetura das regiões rurais italianas e paulistas.



Divisão Administrativa do Estado de São Paulo, 1984



Os modelos italianos foram coletados nas regiões rurais de Piemonte, Lombardia, Trentino, Friuli-Veneza, Vêneto, Apenino Bolonhense, Toscana, Umbria, Lácio e Campânia.

A pesquisa nos arquivos da região de Nápoles e Roma, nos revelou documentação primária significativa sobre os imigrantes: os tipos de contrato de trabalho, a descrição da vida nas fazendas paulistas, a organização do espaço rural, as técnicas e soluções arquitetônicas.

O mesmo ocorreu com a documentação primária publicada ou não, na cidade de São Paulo e no interior do Estado onde analisamos documentos de natureza administrativa e sócio-econômica; atas e ofícios diversos das câmaras municipais, documentos cartoriais de compra e venda, inventários e documentos diversos dos arquivos particulares das propriedades estudadas.

Com base nos índices descritivos suscitados pelos exemplares arquitetônicos foi possível proceder a uma análise comparativa e à interpretação dos programas e dos núcleos das propriedades rurais italianas e paulistas, assim como da organização do espaço externo, a presença das construções religiosas, as construções secundárias de trabalho, o espaço das habitações, os elementos estruturais e de acabamento, sistemas e materiais de construção, a articulação plástica e funcional de elementos, como escadas, nichos, as *"loggia" (3)*, os símbolos plásticos. Estes elementos foram analisados para apreensão de resultados do processo aculturativo em termos de ajustamento progressivo de fusão e assimilação a uma nova realidade.

A análise comparativa das características dos exemplares italianos e paulistas seguiu as seguintes etapas:

INSTITUTO DE ARTES - UNESP BIBLIOTECA

. Análise do programa arquitetônico:
  - das vilas rurais italianas,
  - dos núcleos rurais italianos e paulistas,
  - do programa das propriedades italianas e das fazendas paulistas.

. Análise das construções secundárias de trabalho,
  da colônia,
  do espaço sacro.

. O Partido Arquitetônico da casa-sede. (2)

. Origem da casa-sede italiana,
  as casas-sede paulistas.

. Os elementos estruturais e de acabamento:
  - o tijolo,
  - a pedra,
  - a madeira,
  - o ferro,
  - cal e areia.

. Os elementos constitutivos e de organização espacial:

- as plantas-baixas em U, em L,
- a zona de serviço,
- estar e recepção,
- depósito térreo,
- terraço,
- porão,
- zona de culto.

. Soluções Plásticas artificiosas em:

- madeira,
- ferro,
- cal e areia,
- tintas.

As formas da arquitetura são consideradas, como nos demais produtos artísticos, partes de uma linguagem. Como consequência desta leitura da arquitetura, permite-se prescindir de uma história baseada unicamente no estudo de cada personalidade dominante dos *"mestres"*, como se estes fossem os únicos pontos capitais de todo o produto do artístico (1). Se considerarmos a possibilidade de estudo da arquitetura por meio de análise de singulares e significativas características que contenham resultados paradigmáticos de uma época, de um estilo ou de uma atitude regional, diminuirá a importância da personalidade dominante e singular do autor e permanecerão em destaque certas constantes de uma determinada época ou de determinada direção construtiva.

Referências Bibliográficas

1) Bonta, Juan Pablo. *Sistemas de Significacion en Arquitectura*. Trad. do inglês de Graciele Trevisan, Juan Velasquez e o autor. Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 1977.

2) Costa, Lúcio. *Esquema para Classificação de Construções Civis*.Apostila Mimeografada. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - USP, s.d.

3) Guidoni, Enrico. *L'Architettura Popolare Italiana*.Roma, Bari, Laterza, 1980.

4) Martins, Neide Marcondes. *O Partido Arquitetônico Rural no Século XIX (Porto Feliz, Tietê e Laranjal Paulista)*. São Paulo, Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.

5) Parent, Michel. *"O Futuro do Patrimônio Arquitetônico". Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, nº 19 - 1984, p. 112-123.

3. A ORGANIZAÇÃO RURAL E AS "VILLAE RUSTICAE"

3. A ORGANIZAÇÃO RURAL

"Do Abruzzo a Calábria existem exemplos de comunidades rurais que tiveram como edifício sacro uma igreja, uma ermida, um campanário sobre uma rocha". (3)

O estudo da evolução dos aglomerados rurais e da sua organização formal demonstram segundo Enrico Guidoni (3) que anteriormente à urbanística e à arquitetura, certas imposições tradicionais emergem da estrutura histórico-cultural da região. No caso de exemplos de comunidade rural italiana, a sobrevivência do mito e do rito determinaram a programação do espaço. Torna-se difícil situar precisamente a cronologia de tal situação.

A lenta decadência do Império Romano ocasionou transformações na política institucional; no mundo ocidental houve mudanças na formação das cidades e as antigas *"civitas"* decrescem de tal maneira que muitas desaparecem. A população dissemina-se por toda a área rural não mais se agrupando em grandes concentrações.

Na constituição das pequenas vilas rurais medievais *"não se pode perder de vista a força de atração que exerciam os monumentos sacros servindo de foco a toda a estrutura do lugar" (3).* Os bispados, com sede nas cidades, preocupavam-se em fundar capelas e pequenas igrejas em suas possessões, por doação dos fiéis. Isto ocorreu desde o século IV e principalmente nos povoados. Ao mesmo tempo foram construídas capelas e pequenas igrejas nas propriedades rurais dos grandes domínios senhoriais.

Ao redor do monumento sacro, a comunidade se estrutura com as casas de moradia, casa d'água, fontes, aquedutos e a produção agrícola. Tornam-se comunidades auto-suficientes.

O desenvolvimento da arte e da arquitetura popular rural italiana deu-se entre os séculos XI e XIV, quando se verificou a fusão das características de cultura regional e local. Entre os séculos X e XIII, o mundo rural e citadino definiram-se como culturas diversificadas.

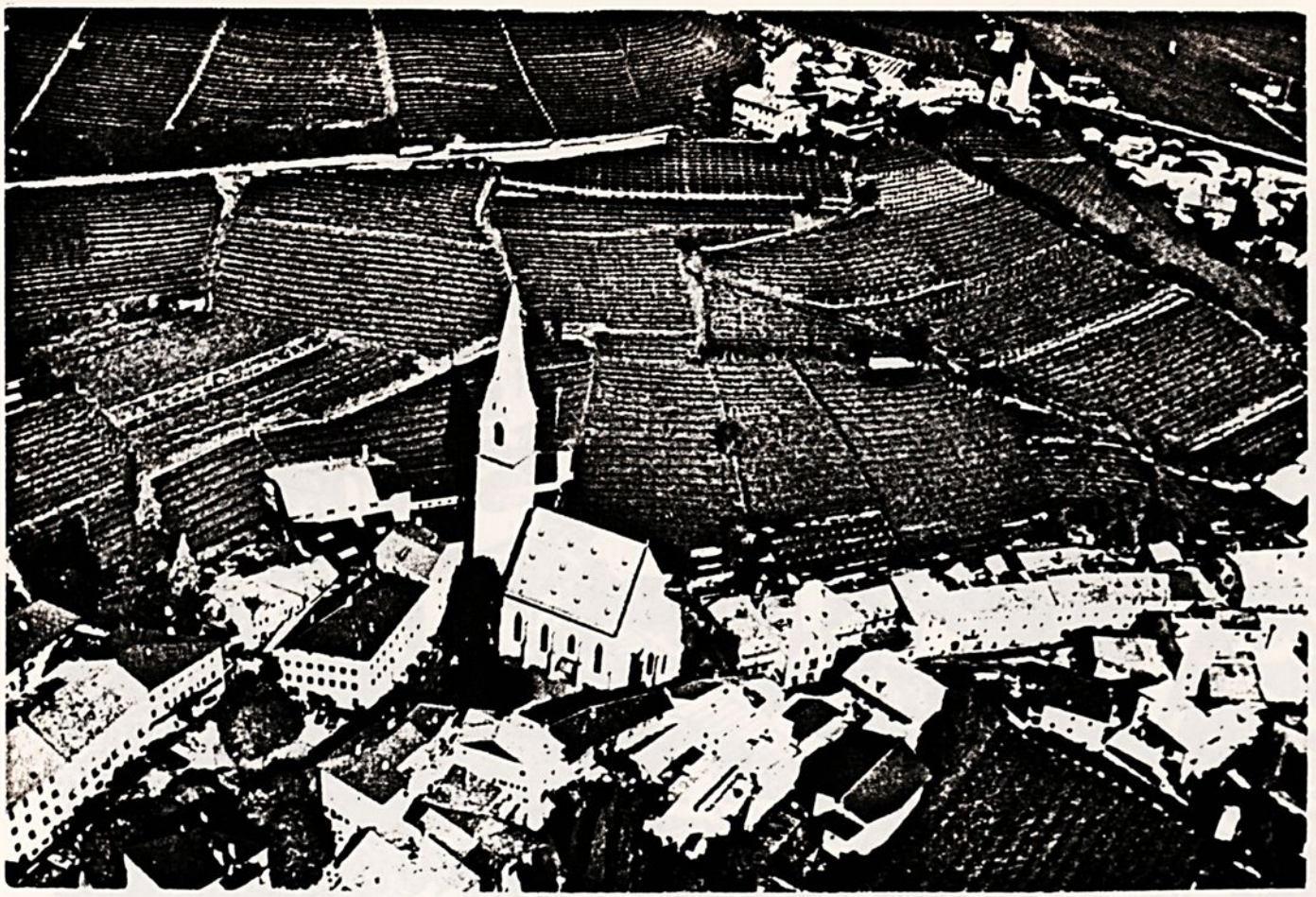
Variando de região para região, enquanto o sul sofreu uma fortíssima influência no setor urbanístico e arquitetônico de tradição islâmica, no campo e na periferia urbana, nota-se no norte da Itália a adaptação de materiais de madeira e pedra no estilo *"correntemente"*, chamado românico.

No último século do período medieval ampliou-se o conjunto de residência e construções de trabalho. Estas agregaram-se ao redor da residência familiar. Muitas construções de serviços, em madeira e pedra, são notadas na região Apenino Bolonhense. (3)

A persistência de um sistema arquitetônico e urbanístico, nas diversas regiões, tem como organização fundamental o *"clã familiar"* assumindo modalidades diferentes nas diversas áreas.

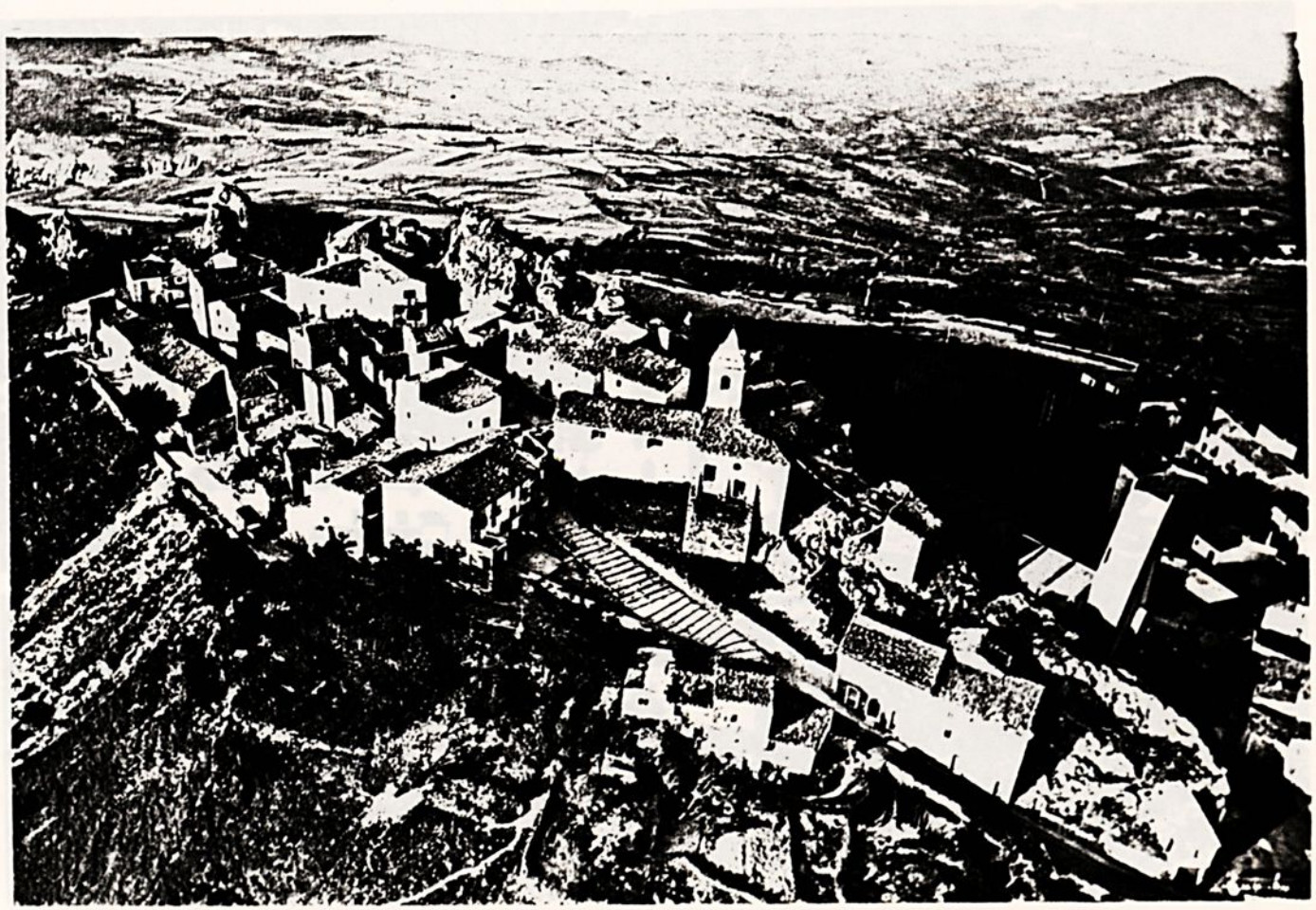
O núcleo de Corsignano, em Siena, reconstruído em 1459-60, conforme documento no Arquivo do Estado de Siena, apresenta a divisão em quarteirões, com zonas referentes a santos: São Francisco, São João e São Vito. Foram reconstruídos alguns palácios, jardins, igrejas que ainda guardam a estrutura medieval de origem (3).

Pequeno centro rural do Alto Adige; foto Quilin.

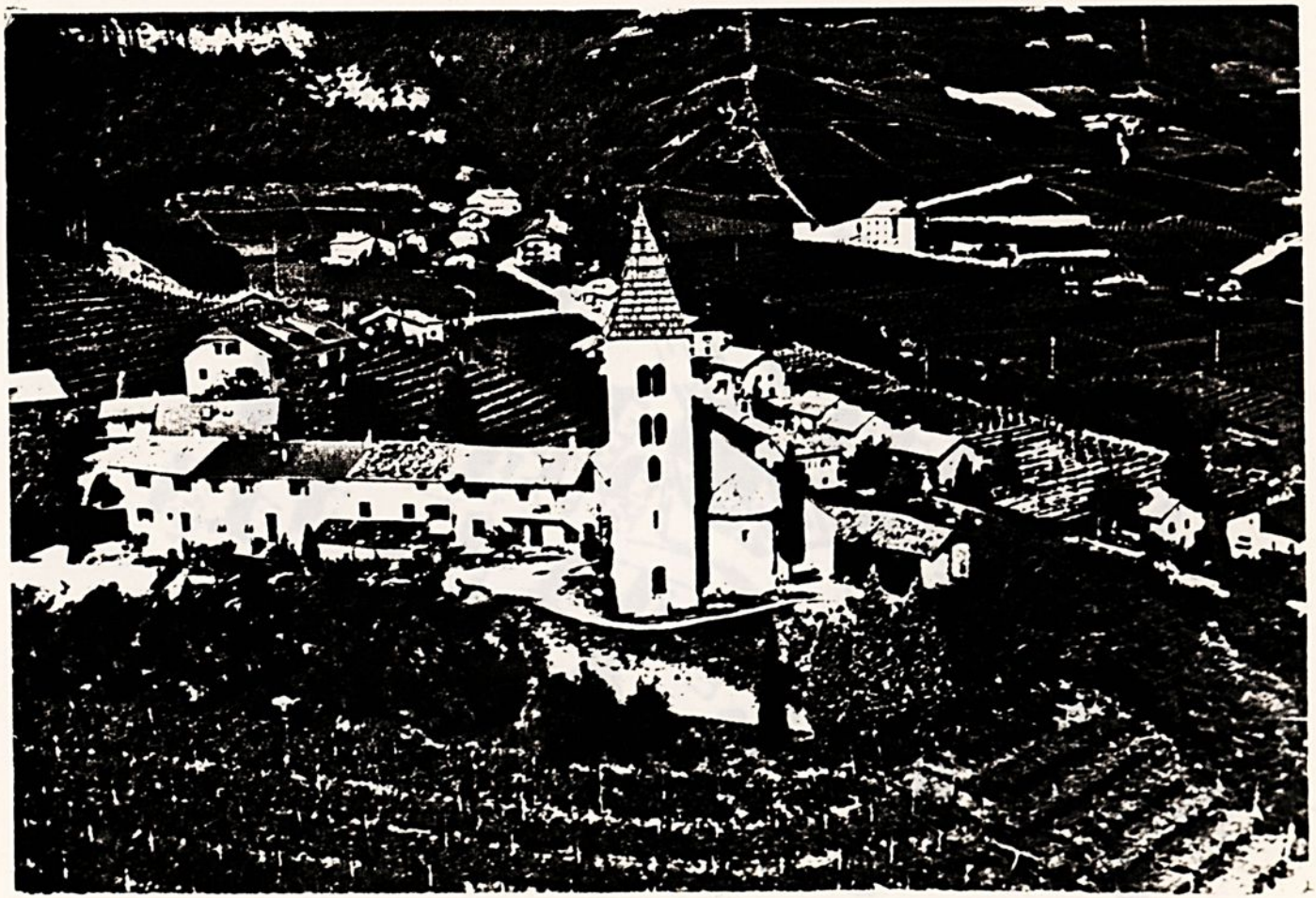


ampliações fotográficas: Jaco Gelwan e Fábio Vara - Laboratório do Instituto de Artes - UNESP

Centros rurais em formação rochosa;
Duronia e Rochetta, Molise;
foto de Quilin.

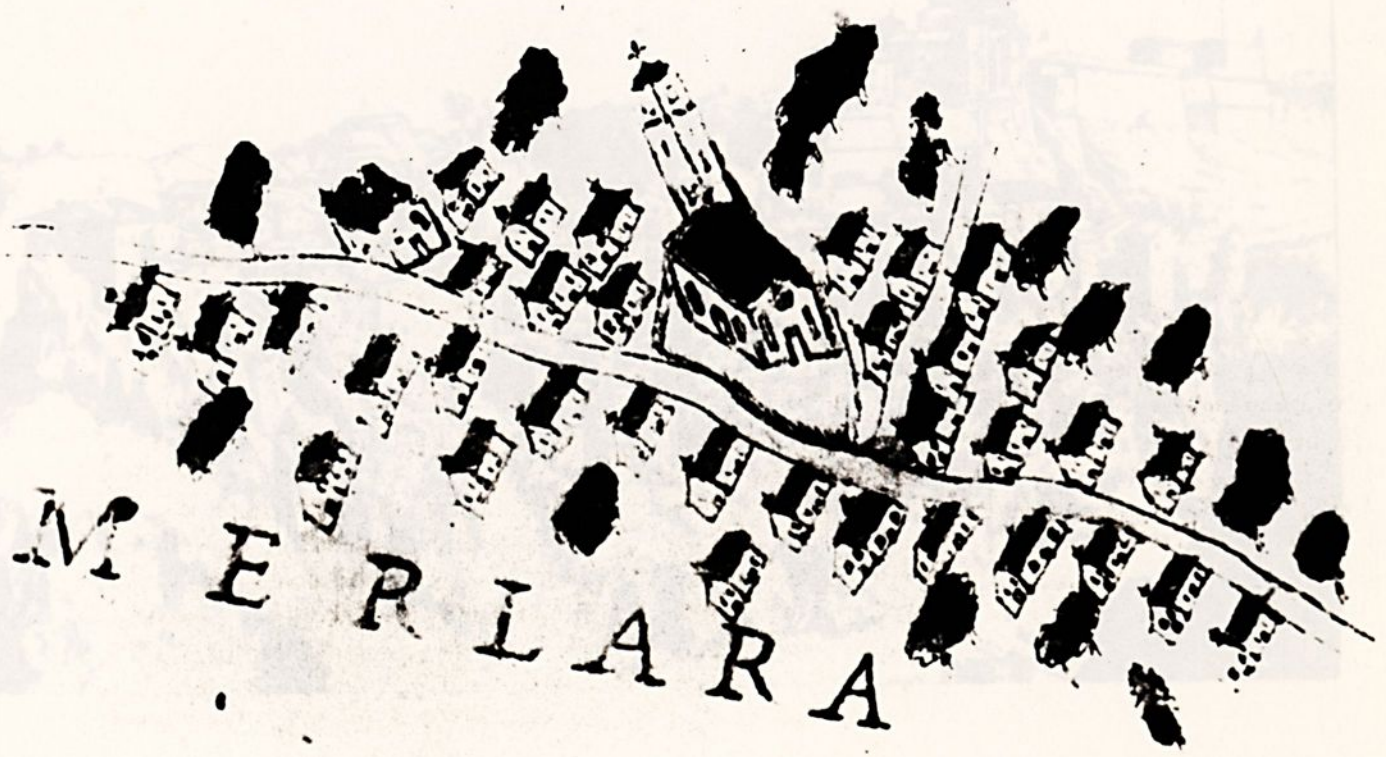


Pequeno centro rural, Alto Adige;
foto de Quilin.



A grande transformação territorial na organização do meio rural italiano realiza-se no século XVI com a construção de estradas, eliminação dos campos introduzindo nas formas de vida, novos meios e técnicas de construção.

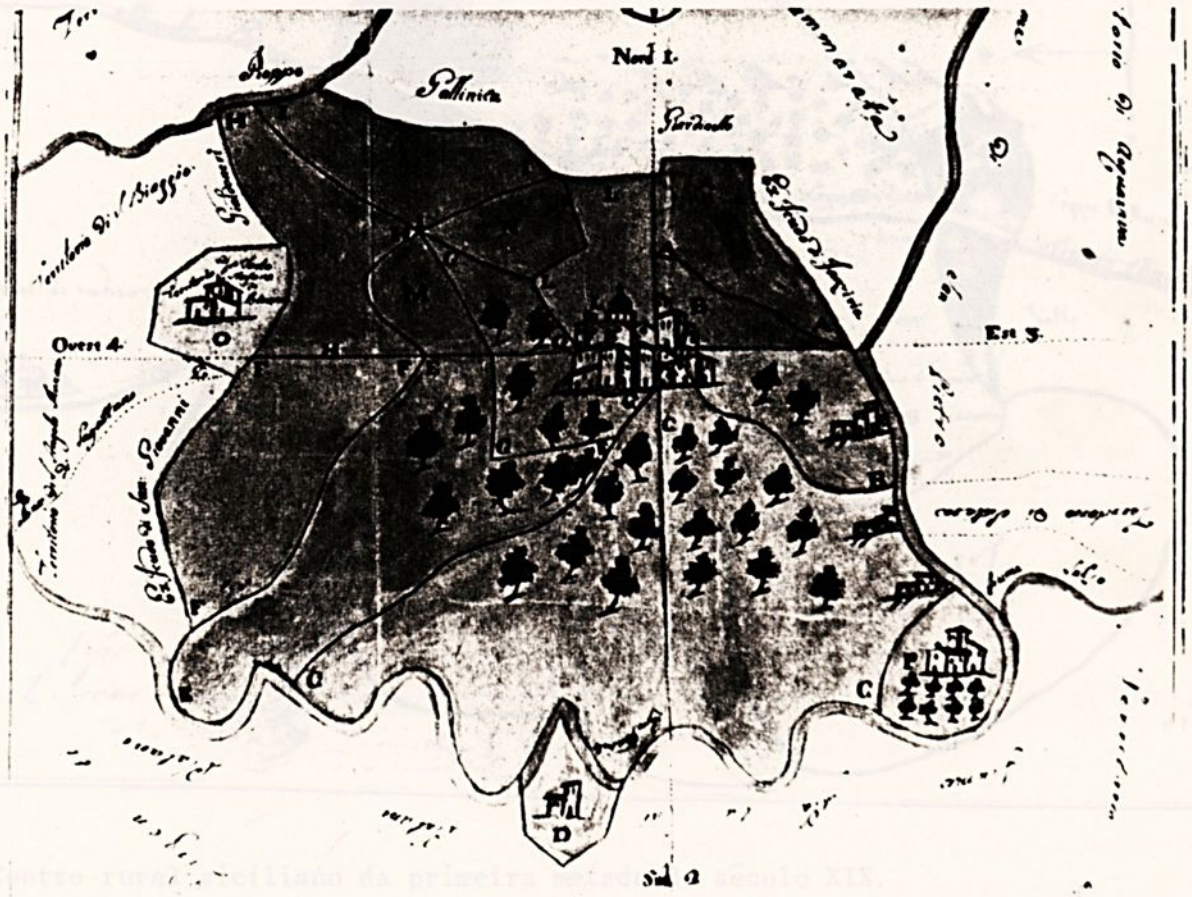
Pequeno centro rural, região de Veneza, 1563
Arquivo do Estado, Veneza.

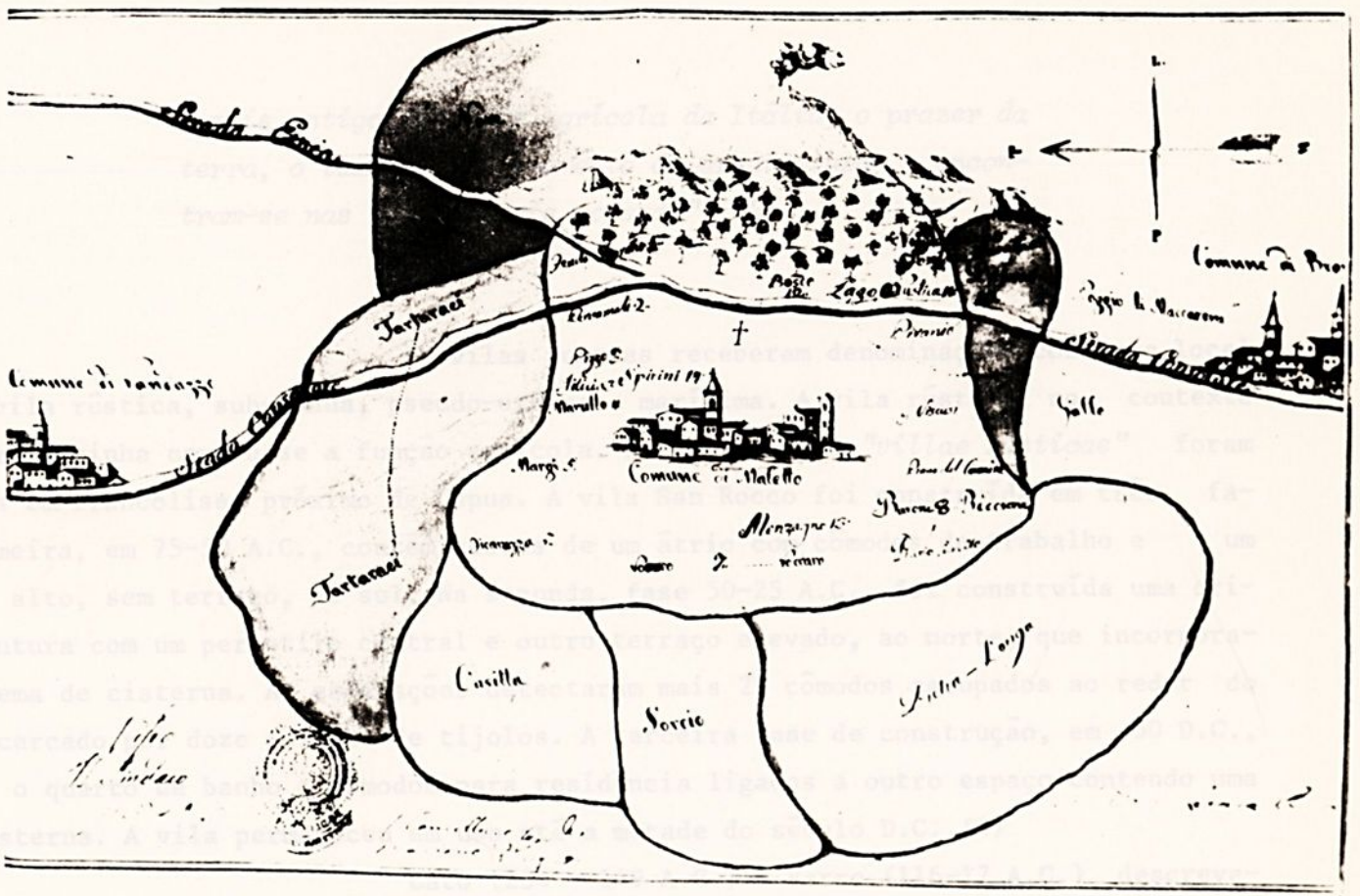


Centro rural, Sorano, região Toscana.
Biblioteca Nacional de Florença.



Representação do centro de Casteltermini, Sicília, séc. XIX.
Arquivo do Estado, Palermo.





Centro rural siciliano da primeira metade do século XIX.
Arquivo do Estado, Palermo.

"AS VILLAE RUSTICAE"

"A mais antiga tradição agrícola da Itália, o prazer da terra, o luxo e o refinamento da arquitetura encontram-se nas vilas rurais romanas". (2)

As vilas romanas receberam denominações conforme local e função: vila rústica, suburbana, pseudo-urbana e marítima. A vila rústica, no contexto da vida rural, tinha como base a função agrícola. Restos de duas *"villae rusticae"* foram descobertas em Francolise, próximo de Capua. A vila San Rocco foi construída em três fases: a primeira, em 75-50 A.C., contém restos de um átrio com cômodos de trabalho e um plano mais alto, sem terraço, ao sul. Na segunda, fase 50-25 A.C., foi construída uma original estrutura com um peristilo central e outro terraço elevado, ao norte, que incorporava um sistema de cisterna. As escavações detectaram mais 29 cômodos agrupados ao redor do peristilo cercado por doze colunas de tijolos. A terceira fase de construção, em 50 D.C., incorporou o quarto de banho e cômodos para residência ligados a outro espaço contendo uma segunda cisterna. A vila permaneceu em uso até a metade do século D.C. (4)

Cato (234 - 149 A.C.) e Varro (116-17 A.C.) descreveram o programa de uma vila rústica de aristocratas do segundo século A.C., com casa-sede. e construções de trabalho que constituíam a grande propriedade (praedia). Faziam parte do programa das *"villae rusticae"*, os estábulos para animais, quarto para escravos, depósitos

para alimentos, cisternas, casa d'água, lareira (cozinha), casa de fermentação de vinho, apiários, aviários e pomares. As fundações da casa eram de concreto com a medida de um pé abaixo do solo. As paredes eram de adobe com concreção e decoradas de pinturas com temas do cotidiano. As casas continham pilares de pedra ou vigas de madeira e eram cobertas de telhas. As janelas eram largas venezianas; os aposentos continham armário para guardar trajes, pequeno lavabo, quarto de banho, cuba para lavagem de roupa e o espaço para a torre. O espaço residencial era separado dos demais por um átrio, local de refeições, alpendre e jardim. (4)

A dominação de Roma teve ação direta na civilização latina também no que diz respeito à exploração da terra, do subsolo, às construções de estradas, pontes, aquedutos e formação de grandes latifúndios. A constituição da propriedade era oficializada com títulos de doação, troca ou compra e venda. A unidade rural era primitivamente demarcada com *"arcos"*, quatro paredes de pedras e o instituidor romano impunha seu nome à vila rural. Os servos trabalhavam sob a ordem do *"factor"* (feitor). Cultivavam cevada, batata, milho, aveia, ervilha, uva. Formavam a unidade rural denominada *"villa"*, com a vivenda do *"dominus" e a "villare"* (sub-unidades). Um tipo de cabana era construída para o trabalhador rural (pastor) e para o artífice, o pardieiro para o lavrador, o quintário (quintal do proprietário) para a população rural remediada. A casa (casari) era a habitação para o pedreiro, ferreiro e oleiros. A *"dominus"* era a morada do proprietário e o mobiliário enunciado nos diplomas dos proprietários eram cadeiras, mesas, cubos, leito, armário. As refeições eram na base de capão assado, requeijão e vinho.

INSTITUTO DE ARTES - UNESP BIBLIOTECA

Recentes trabalhos de escavações em Cose, próximo de Ausedônia (antiga Etrúria) descobriram várias vilas construídas em terraço. A casa-sede era toda no terraço superior como as de vila Ballantino no Valle d'Oro e Le Sette Fenestri.

Algumas vilas italianas mais antigas aglutinavam instalações de trabalho em uma única edificação, dividida em vários corpos, talvez para reduzir a ocupação da terra e economizar o solo. Próximo de San Giovenali, antiga Etrúria, escavações demonstraram a vila Sambua com restos rurais arquitetônicos ainda do período republicano romano. As fundações são de pedra, as paredes de madeira e tijolos: vigas de madeira sustentavam telhados de argila. O piso era em argila socada com fragmentos de pedra. Segundo o relatório de Cato (234-140 A.C.), havia quatro cômodos para estocagem de alimentos, uma estrebaria e grandes cômodos para escravos. A ausência de um átrio indicava ser uma construção utilitária. (3)

Uma das vilas mais bem preservadas da região de Campânia foi descoberta em 1893/4 perto de Boscoreabi, duas milhas ao norte de Pompéia. O *"impluvium"* é colunado com três fileiras e apresenta um cubo com cisterna. Em uma das alas está a lareira (cozinha com fogão-lareira), reservatório de água comunicando-se com estábulo, quarto de ferramentas, moinho. Na outra ala ante-quarto, quarto, lugar para refeições e forno. O *"impluvium"* comunica-se com um corredor que dá acesso aos cômodos de recebimento de uvas, de prensagem, de fermentação, vasilhames, cubos para uso da ala, cômodos para dormir, entrada para o celeiro, cômodo para receber sementes, para debulhamento e feitura de óleo. Na mesma edificação a zona de serviço da vila e a zona residencial. (1)

A vila italiana com tipologia do *"domus domicalis"* construída por moradores da cidade definiu-se na primeira metade do século XV, caracterizando uma nova solução construtiva agrícola de aspecto urbano. A gênese da vila quatrocentista se reporta à época em que imperou o interesse pela terra com adequação orgânico - funcional e plástica dos edifícios urbanos.

"A vila rural é para Leon Battista Alberti uma construção importante com muita luz, espaço, panorama, tudo que o campo pode oferecer" (6).

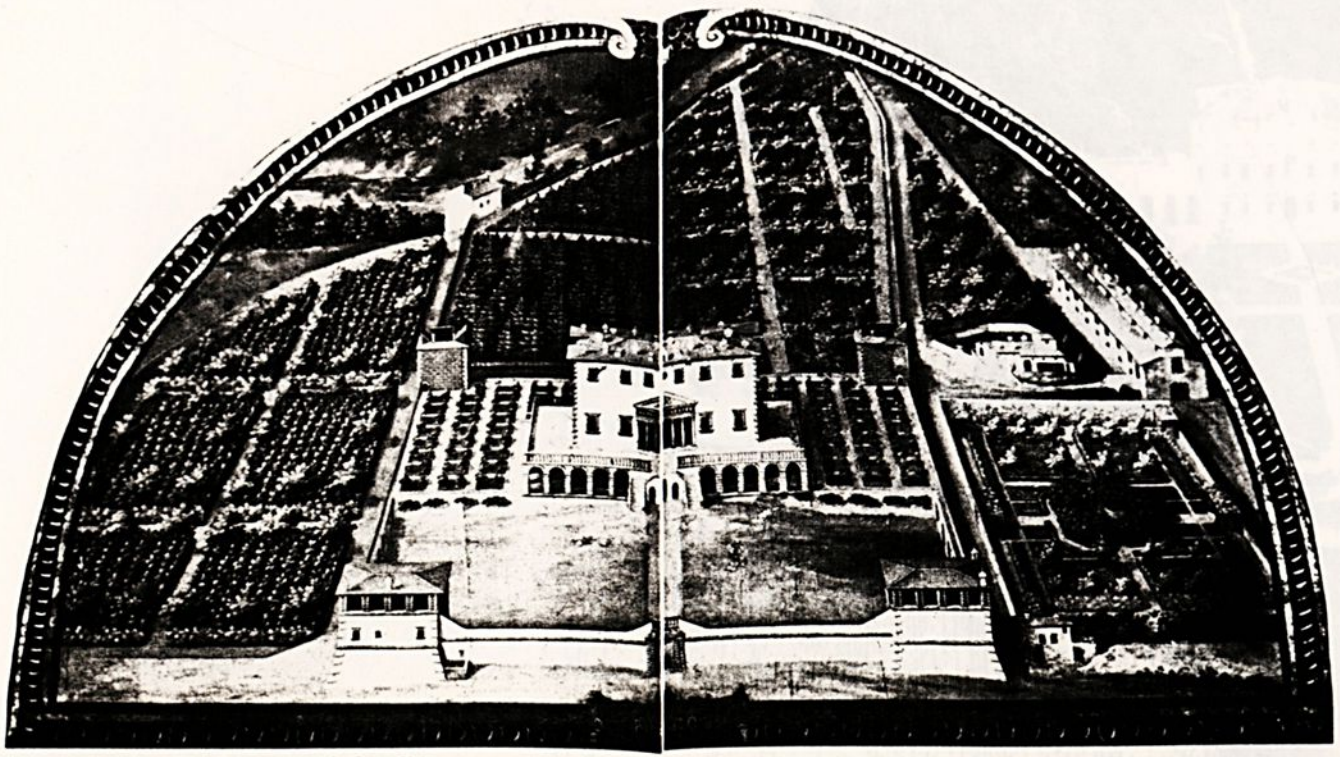
A transformação de uma aristocracia mercantilista em autocracia nobre com terra própria deu-se por volta de 1530. A total reconstrução do campo e da natureza, a nova tipologia dos edifícios necessitou convocação de equipes que expressassem a vanguarda urbana arquitetônica e pictórica da época.

A presença do *"gentiluomo"* na vila é enunciada detalhadamente por Andrea Palladio: *"vem, olha e orna sua possessão que oferece em troca da agitação da cidade muita consolação e quietude e dedique-se ao estado de contemplação e facilmente conseguirá aquela vida beata". (6)*

Leon Battista Alberti em *De reaedificatoria e villa*, publicada em 1458, dedica um capítulo a propósito da tipologia da vila no Quatrocento (6). A vila rural é para Alberti uma construção muito importante. É oportuno começar pelo edifício de fácil construção. Deve-se evitar terreno lodoso e escolhe-se terreno salubre próximo a uma boa água. O terreno deve estar próximo de uma estrada que permita percorrer a pé, em qualquer estação do ano. Uma vila não deve ser situada em zona abandonada, sem atrativo; deve sê-lo em região hospitaleira.

A urbanização é para Palladio o ponto mais importante da vila que deve ter jardim, pomar, fonte e várias culturas. Deve ser caracterizada na vivenda da vila, o aconchego familiar concentrado na propriedade econômica agrícola.

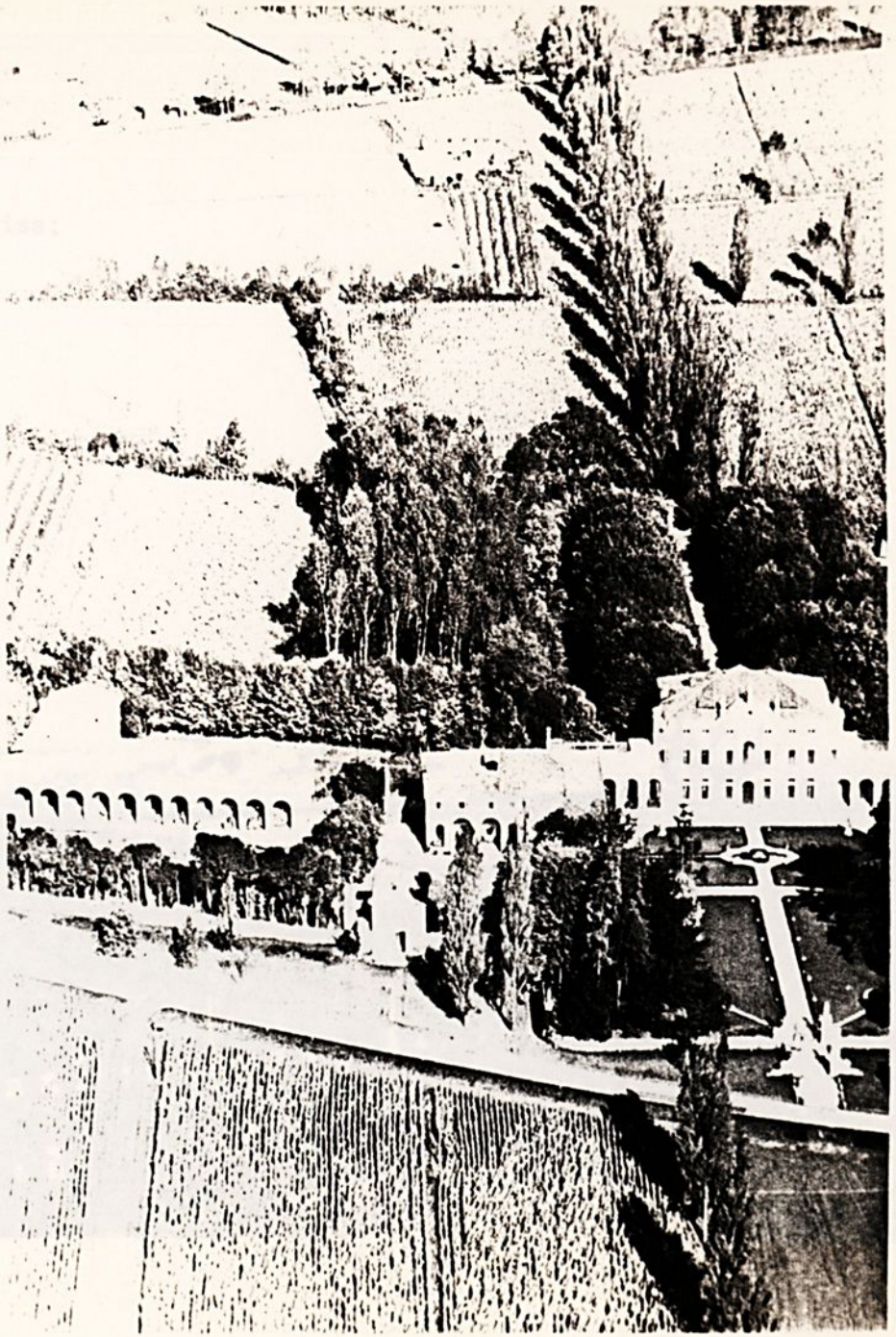
Vila de Poggio, 1485, planejada para Lorenzo de Medici.



Lunetta raffigurante la Villa di Poggio, eseguita da Giusto Utens.

Vila Marcelo, região Vêneta iniciada no Cinquecento e reformada no Setecento; a vila consta de um corpo central, construções de trabalho, jardim, pomar e área de agricultura;

foto de Gianni Dagli Orti.



Vila rural, região de Pisa;

foto da autora.

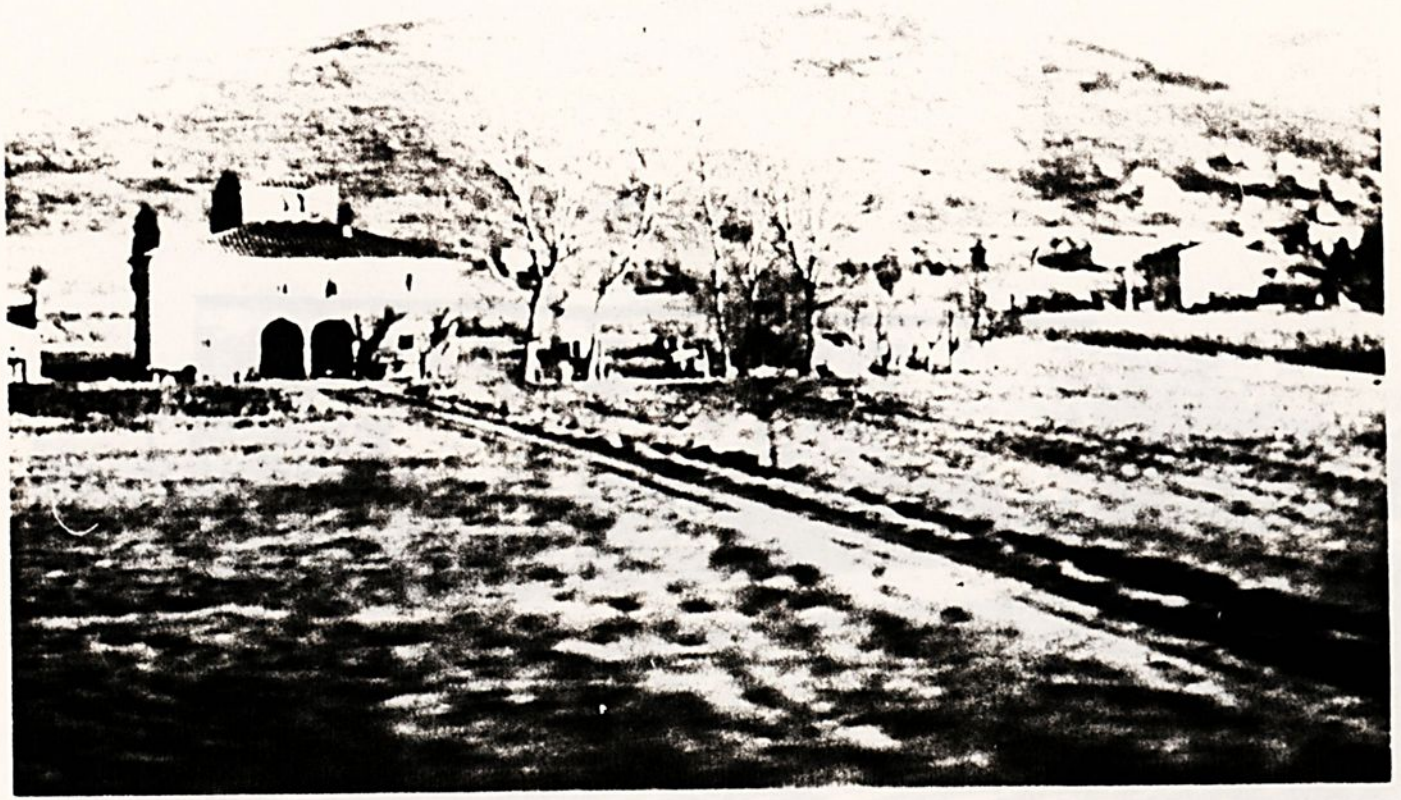


Vila rural, região de Pisa;
casa do proprietário e casas dos empregados;

foto da autora.

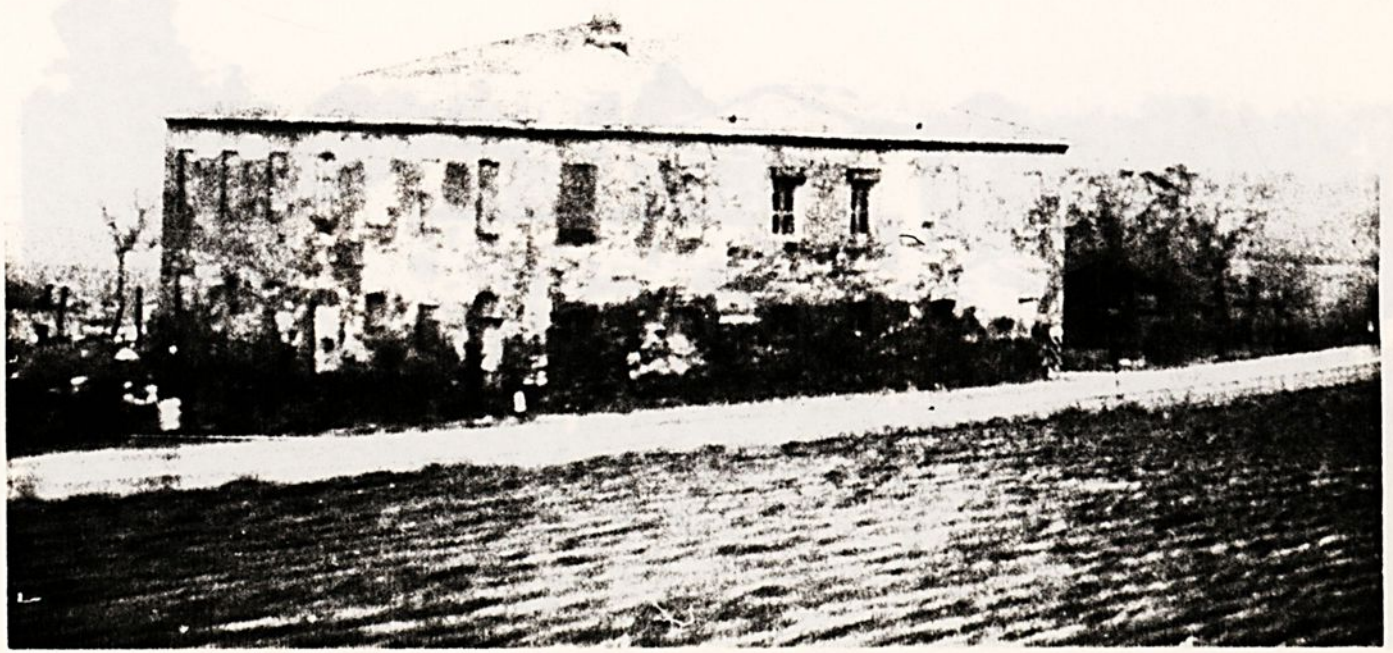


Vila rural, região de Pisa; casa do proprietário,
plantação e casas dos empregados;
foto da autora.



Vila rural, região de Perugia;
casa do proprietário;

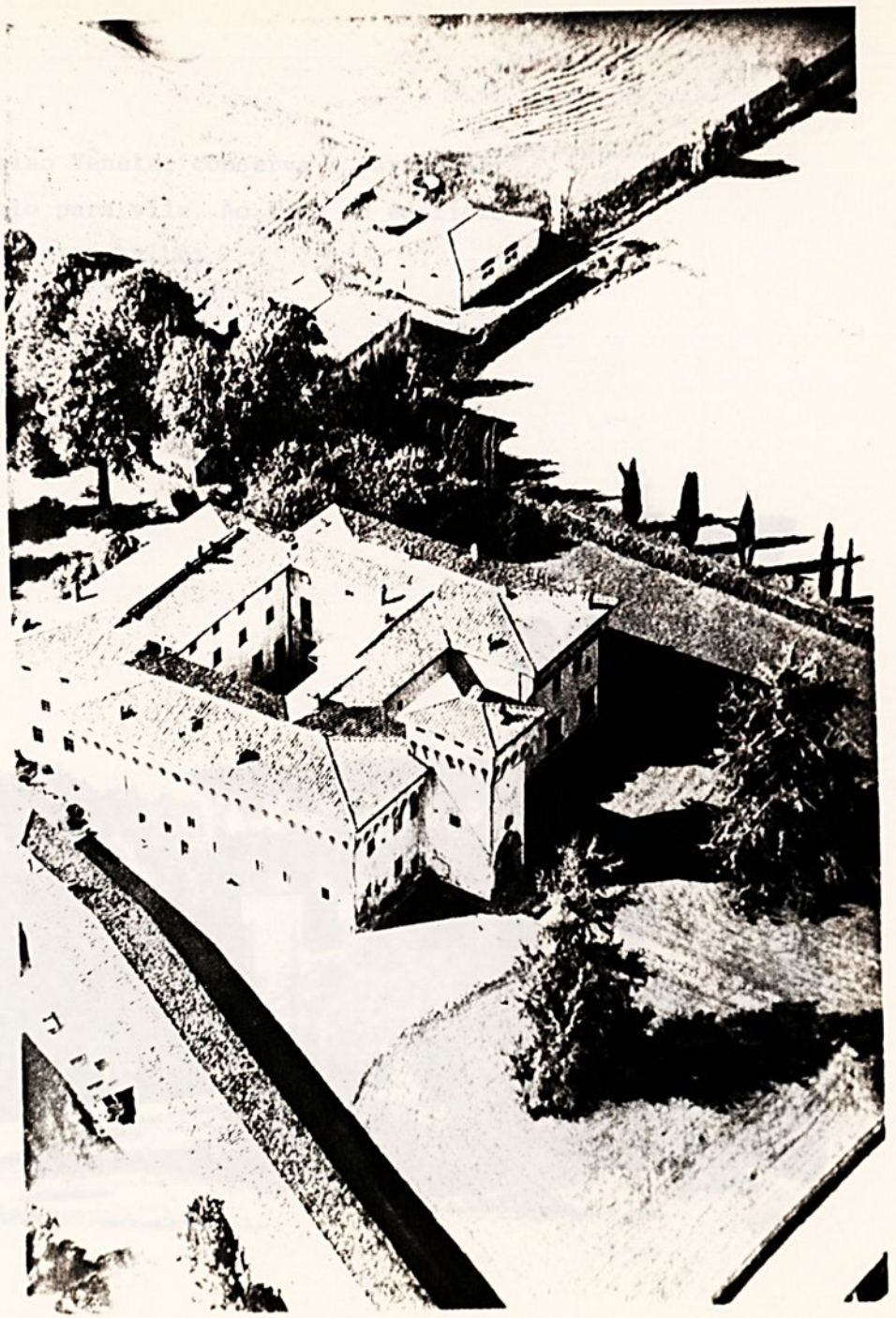
foto da autora.



Vila rural, região de Perugia; casa do proprietário e casas dos empregados;

foto da autora.

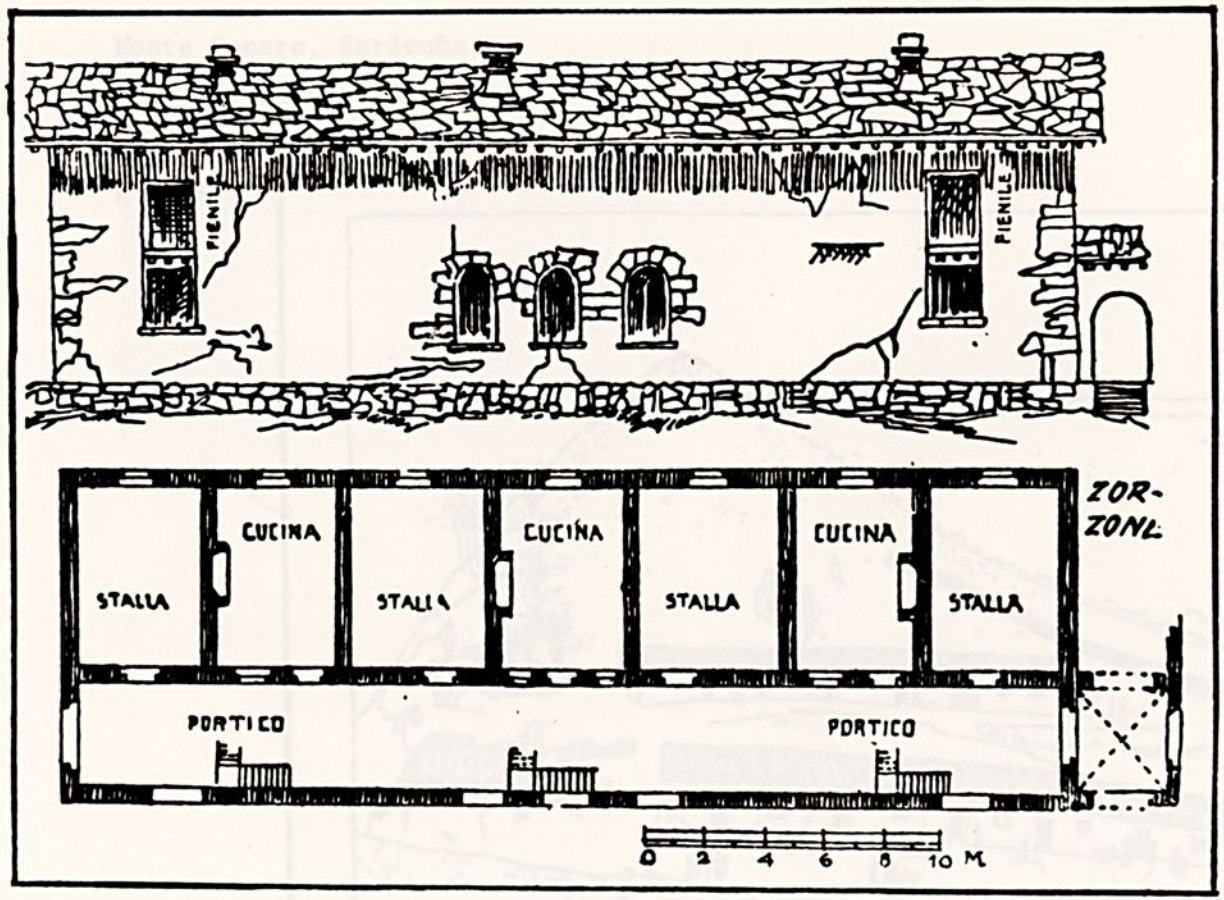




Vila de Cafaggiolo, região Toscana.
O edifício principal com pátio interno é circundado por videiras, pomar e bosque com ala lateral de edifícios para serviços.
Construída em 1492, foi reformada por Michellozzo e modificada em 1864. Apesar das modificações, a vila conservou e seu elemento característico: o corpo central, com galeria lateral coberta e o volume da torre na entrada;
foto de Ghijo Roli.

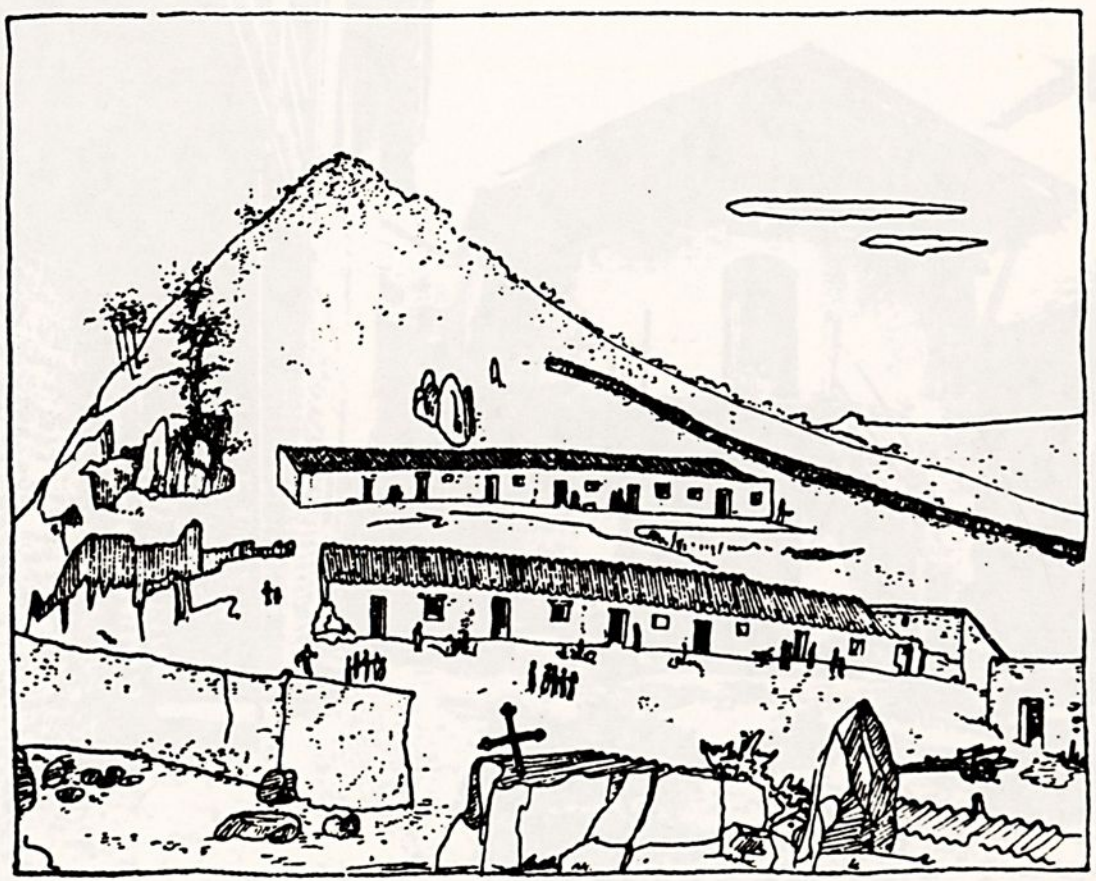
Vila de Cafaggiolo, região Vêneta, conserva a particular característica de castelo para vila. Ao lado do edifício central, as construções de trabalho;
foto de Ghigo Roli.





Casa do trabalhador rural de Valcellina;
foto de E. Guidoni.
portico : entrada
cucina : cozinha
stalla : estábulo

Monte Gonare, Sardenha; casa de trabalhadores e espaço para ritos religiosos.



Vila rural, região de Novara; construções de trabalho;
foto de E. Guidoni.



Vila rural, região de Novara; construções em pedra;
foto de E. Guidoni.



Vila rural, região de Apenino Bolonhense; construções
de trabalho em pedra, celeiro e paiol;
foto da autora.



Vila rural, região do Apenino Bolonhense; construções de trabalho, paiol, cocheira em pedra;
foto da autora.



Vila rural, região da Alta Valsesia; casa do proprietário
e construções de trabalho;
foto da autora.



"A interpretação esquemática, classificação tipográfica, quadro de síntese são sempre úteis, mas ocorre sobretudo um novo programa de busca analítica destinado a, rapidamente, conhecer as características ambientais, detalhes da paisagem, a pavimentação, a escada externa, a cobertura tradicional, a medida humana e o edifício, o signo da religiosidade e da magia.

É através da documentação fotográfica que se tem conhecimento da tradição local, identidade histórico-arquitetônica permitindo completo resultado e reinterpretação". E. Guidoni (3)

Referências Bibliográficas:

1) Adams, Nicholas. *"The Acqusition of Pienza 1459-1464". Journal of the Society of the Architectural Historians.* Maio 85 vol. XLIV - nº 2 p. 99-100.

2) Bötthins, Axel. *"Italian Villas: Rural Suburban and Maritime"* in A.G. Mckay. *Houses, Villas and Palaces in Roman World.* Thames and Hudson, 1970, p. 36.

3) Guidoni, Enrico. *L'Architettura Popolare Italiane.* Roma e Bani, Lateza, 1980.

4) Mckay, A.G. *Houses, Villas and Palaces in the Roman World.* Thames and Hudson, 1970.

5) Mielsch, Harold. *Die Römische Villa: Archite Rtur und Lubensform.* Munique; C.H. Beck, 1987.

6) Puppi L., Sciolla Gianni C., Barsali Isa B. *Le Grandi Ville Italiane Veneto, Toscane, Lazio, Novara.* Instituto Geográfico De Agostini, 1986.

INSTITUTO DE ARTES - UNESP BIBLIOTECA

4. O NÚCLEO RURAL PAULISTA

E O

PROGRAMA DAS FAZENDAS

4. O Núcleo Rural Paulista e o Programa das Fazendas

"Os trabalhadores italianos repetiam em coro canções populares das suas longíquas aldeias...recordavam os doces e ociosos domingos transcorridos na igreja da aldeia nativa do tépido hálito do sol da Itália..." (2)

O bairro rural constitui um tipo de habitat bastante comum no Estado de São Paulo onde uma unidade de povoamento é formada por um conjunto de estabelecimentos; os bairros surgidos no século passado ligam-se a três fatores básicos: desmembramento de terras, estabelecimento de núcleos coloniais e colonização espontânea por elementos vindos de outras áreas, atraídos pela tomada de posse de terras. (6)

No caso das regiões do centro-oeste paulista, devido à cultura do café instalada em fins do século XIX, somada à cana-de-açúcar existente desde o início do século XIX nas regiões de Campinas, Piracicaba, Porto Feliz, Capivari e Tietê, predominaram as grandes propriedades. (4)

Os imigrantes que entraram não se interessaram pela criação de bairros e povoamentos, provavelmente porque se mantinham assalariados junto à lavoura de café. Em 1890, a lei Glicério, que regulamentava alguns aspectos referentes à imigração, estabelecia vários favores e prêmios em dinheiro para famílias que fundassem núcleos agrícolas de povoamento. O imigrante que se instalava em colônias obtinha um lote de terreno pago em

prestações. (8)

No início do século, a decadência do café e o desenvolvimento econômico do imigrante propicia a subdivisão da terra e a propriedade rural, assim como a formação de bairros que se distribuiam pelos municípios, ocupando especialmente a porção oeste ao longo dos rios Tietê e Piracicaba e de seus afluentes.

A área rural dos municípios de Piracicaba, Tietê, Capivari e Campinas possui áreas de fazendas com seu habitat típico de núcleos, nos quais predominam os bairros. O núcleo é, por assim dizer, o *"core"* do bairro, o elemento que o individualiza e o caracteriza. Excepcionalmente, certos bairros não possuem núcleo quando o conjunto de pequenas propriedades é resultante da subdivisão de uma fazenda e serve-se das facilidades oferecidas pelos bairros vizinhos.

O núcleo dos bairros é variável em suas dimensões, composição e formas. A composição do núcleo depende do número e variedade de atividades ou *"serviços"* que se fazem presentes: construções de moradia, igreja, escola, barracão para cinema e festas, sapateiro, barbeiro, armazém, lojas, máquinas de beneficiar. Na região de Piracicaba, considerada com maior número de *"serviços"* está o núcleo do bairro de Santa Olímpia (Fazenda Santa Olímpia).

Hoje, bairro da cidade de Piracicaba, Santa Olímpia, cuja peculiaridade é ter sido constituído pelo desmembramento da Família Correr apresenta cerca de 80 casas. A Família Correr é originária da aldeia Romagnano dos Alpes Trentino. Santa Olímpia ou Fazenda dos Tiroleses, a dezoito quilômetros de Piracicaba, fundação registrada em 20 de novembro de 1892, com área de 180 hectares, foi adquirida pelos membros da família Vitorio Correr e Rosa Cristofoletti.

As primeiras casas ali existentes eram de taipa. Compridas senzalas, de 30 a 40 metros, usadas no tempo da escravidão, abrigaram os moradores italianos. Havia terreiros de café, cafezal, pomares e três partes da fazenda era coberta de mata-virgem. Construiram a serraria, trouxeram o abastecimento de água, da fonte para a caldeira que acionava a máquina de beneficiar café e cultivaram a cana.

À construção da primeira capela, seguiu à igreja. Uma corôa de casas a cercava. No meio da praça, de chão arenoso, está o lavadouro público, através do qual as famílias utilizavam a água para abastecimento e para a lavagem de roupa. Os velhos, vindos da Europa, recordam sua terra natal pelas parreiras que cobriam a cercania do arraial. A Fazenda Santa Olímpia era isolada da cidade; o trem passava, a quilômetros longe dela e as rodovias eram precárias.

A igreja é o núcleo do bairro, com o salão paroquial, o bar, a loja, as residências, o campo de futebol, a escola de primeiro grau e o Posto de Saúde. Atualmente as casas possuem sala, cozinha, copa, dispensa, banheiro, dois quartos, pequeno jardim à frente e, ao fundo, o quintal.

As famílias são predominantemente patriarcais e os filhos moram no próprio bairro. São raros os casamentos com pessoas de outras cidades.

As tarefas são divididas. As terras são de proprietários que nelas trabalham, com empregados e, também, com meeiros que ocupam as terras para plantações e repartem os lucros. A cana-de-açúcar é transportada para a Usina Costa Pinto, a poucos quilômetros de distância. É cultivada a agricultura de subsistência.

A vila mantém festividades durante o ano, todas originárias da Vila Trentina.

O templo religioso do núcleo rural é católico e apenas, vez ou outra, com serviços religiosos. As vendas, instalações modestas, são pobres em estoque, tanto em volume quanto em qualidade e variedade: bebidas e algumas mercadorias, como o fumo em rolo, o querozene, o sal e outros gêneros. A atividade dos habitantes raramente se concentra nos núcelos dcs bairros. O pároco e os professores nele não residem, ao contrário das aldeias européias, onde os padres e os mestre-escolas são figuras de projeção. No núcleo, vivem as famílias que trabalham a terra, alguns sitiantes e raramente algum fazendeiro.

A evidência da grande influência do elemento italiano, na área rural de Piracicaba, são as canchas para jogo de boche que aparecem, ao lado das vendas, por vezes pertecentes ao vendeiro. Também o templo religioso se apresenta com influência italiana, nas suas formas, no seu aspecto fronteiriço e na distribuição do espaço, da torre, do corpo principal e área lateral, assim como da casa, na lateral direita da praça, com suas colunas clássicas, adaptadas e em chão de terra. Na existência de uma só estrada, o núcleo toma disposição linear, ordenada pela via de circulação.

No caso do núcleo de Pau d'Alhinho, duas vias se dirigem para o rio Piracicaba; uma para Pau-Torto, outra para o Bairro dos Godóis. A parte principal do núcleo Pau-d'Alhinho fica antes da ramificação das casas; é um bairro do início do século XX, considerado de formação recente.

Os bairros como Monte Alegre e Capuava são núcleos das antigas fazendas, atualmente usinas canavieiras. Em seus núcleos concentram-se os trabalhadores direta ou indiretamente dependentes da cana.



Núcleo Rural Santa Olímpia, Piracicaba;
casa-sede da antiga Fazenda;
foto da autora.

Igreja do núcleo rural
de Santa Olímpia,
Piracicaba;
foto do arquivo da fa-
mília Correr.





Família Correr, Núcleo Rural Santa Olímpia, Piracicaba;
foto do arquivo da família.

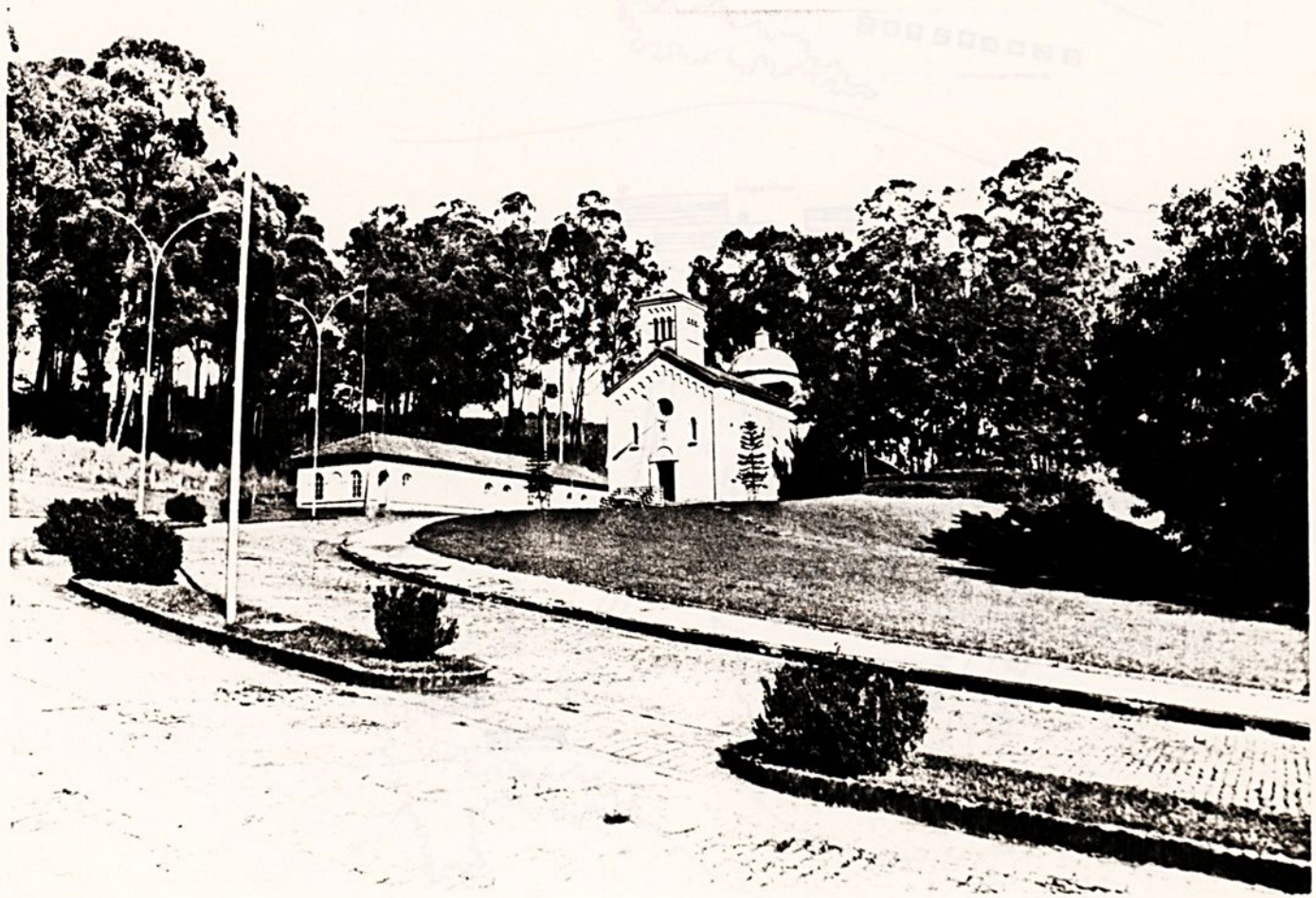
A Usina Monte Alegre foi comprada dos fazendeiros da fazenda Marquês de Monte Alegre. Situada à margem esquerda do rio Piracicaba, em 1816 continha *"vasta" terra, 26 escravos, casa de engenho, casa de purgar, senzalas, monjolo, olaria para telhas, alambique, três caldeiras, duas rocas, duas novilhas, dois bois". (4)*

A casa sede foi demolida e substituída por outras na década de 30. O colono italiano marcou sua presença na urbanização, assim como na construção da igreja, de suas casas, na construção de comércio e farmácia. (4)

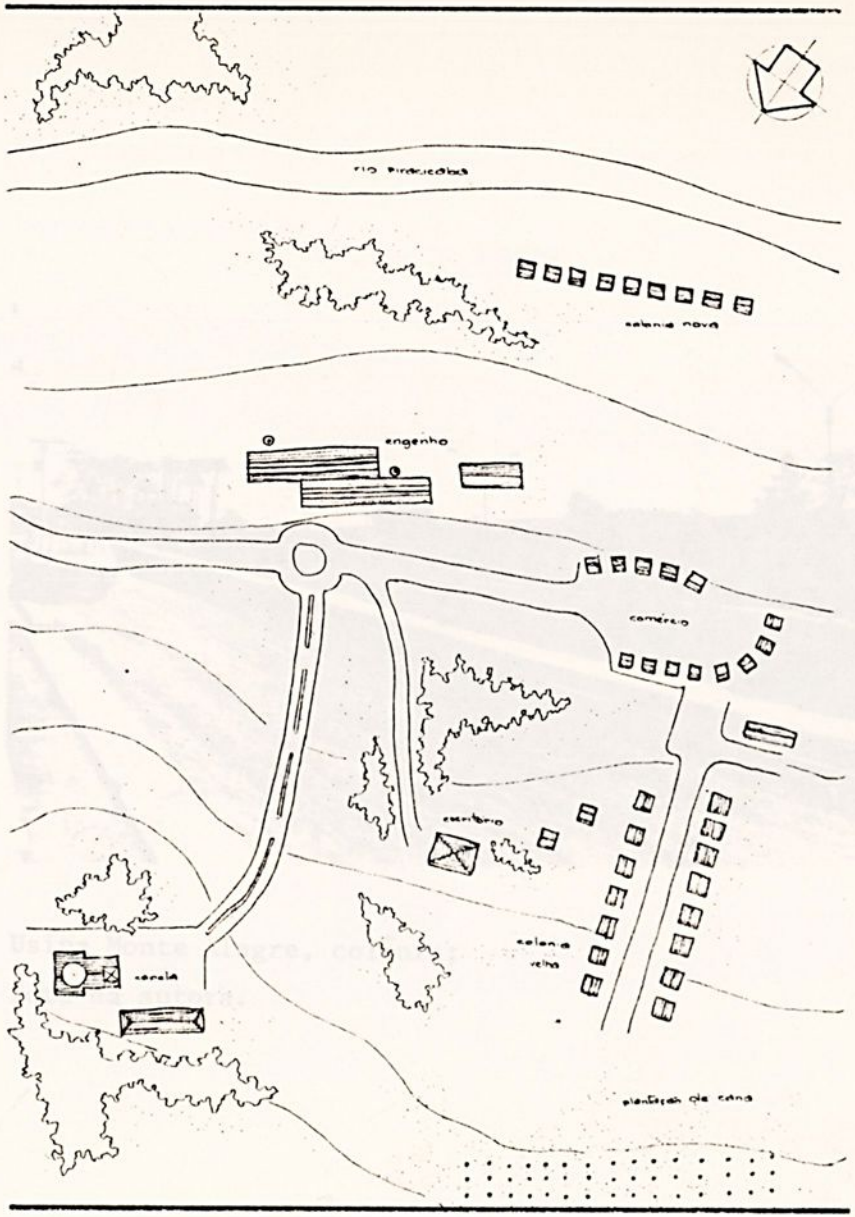
A Usina Capuava, antiga propriedade da fazenda Capuava, está localizada no eixo Piracicaba-Rio Claro. Seu antigo programa de café apresenta terreiros, tulha, paiol, silos, colônia e casa-sede. Foi formada a usina de açúcar e a de gás carbônico a partir da fermentação do caldo-de-cana, processo pioneiro no Brasil. A partir de 1945 a Usina Capuava passou a produzir aguardente e gás carbônico que é atualmente obtido do óleo combustível. (4)

A Usina de Monte Alegre, assim como o núcleo de Capuava, absorve a mão-de-obra dos moradores. Os assalariados das grandes fazendas ou das usinas, são os ex-proprietários de terras, os antigos moradores da antiga fazenda e os recém-chegados atraídos pela possibilidade de trabalho.

A presença da mão-de-obra italiana fica nítida na igreja do núcleo da Usina Monte Alegre. Estes núcleos, Capuava e Monte Alegre ficam em total independência econômica das usinas; dedicam-se à produção e comércio da cana, vendendo a safra para as usinas próximas.



Capela, residência e jardim,
Núcleo Monte Alegre, Piracicaba;
foto da autora.



USINA MONTE ALEGRE IMPLANTAÇÃO

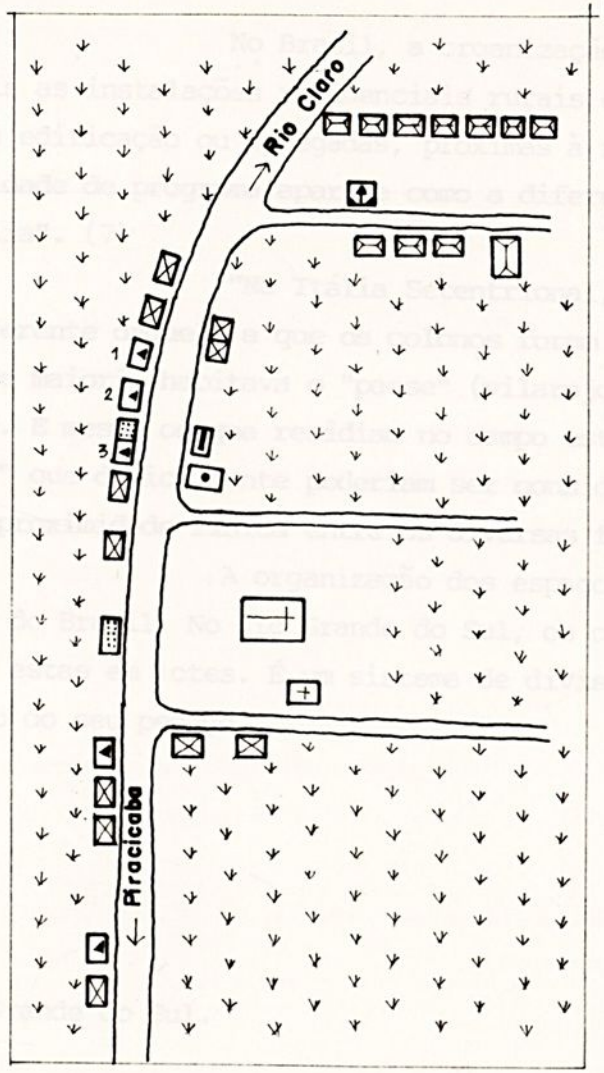


Usina Monte Alegre, colônia;
foto da autora.

Farmácia do Núcleo Monte Alegre, Piracicaba;
foto da autora.



Nucleo do Bairro Vila Nova e Fazenda Capuava



PIRACICABA/SP

LEGENDA

- Venda
- Moradias
- Casa Paroquial
- Igreja
- Escola
- Salao de Festas
- Cana
- Usina
- Moradias da Fazenda
- Sapateiro
- Acougue
- Barbeiro
- Benef. de Arroz
- Verdureira

No Brasil, a organização dos espaços diverge daquela adotada na Europa, pois as instalações residenciais rurais e de trabalho européias, ou são aglutinadas, numa única edificação ou agregadas, próximas à residência e segundo diferentes funções. **"Esta diversidade de programa aparece como a diferença mais notória em relação à habitação rural na Itália".** (7)

"Na Itália Setentrional, o sistema de habitação e ocupação do solo era bem diferente daquele a que os colonos foram submetidos quando da sua chegada ao Brasil. Lá, a grande maioria habitava o "paese" (vilarejo), indo ao trabalho pela manhã e voltando à noitinha. E mesmo os que residiam no campo estavam tão próximos entre si e tão vizinhos de um "paese" que dificilmente poderiam ser consideradas como isolados da vida comunitária local. Havia proximidade física entre as diversas famílias..." (7)

A organização dos espaços apresenta-se de modo diferente, conforme as regiões do Brasil. No Rio Grande do Sul, os colonos são enviados às colônias, divididas em léguas e estas em lotes. É um sistema de divisão de glebas que deveria ser colonizado. Cada um é dono do seu pedaço.

Caxias do Sul, Rio Grande do Sul.
foto da autora.

"Nel Brasil no vi scno padroni
Ognum qui é padrone de sé"

"No Brasil não há patrões
Cada um é patrão de si"

(Hino do Cinquentenário da Imigração) (7)

Do relato de Bortolo Belli: "O proprietário de uma grande fazenda recorda o antigo "castellano" do velho continente. A residência do proprietário paulista é circundada por jardim e pomar; possui suntuosíssima mobília e está próxima de uma ferrovia. O administrador é o informante do fazendeiro, os colonos vão à missa, a dona e os "bambinos" raramente saem de casa. A vida da fazenda não é arrumada como de um vilarejo italiano. O colono quase sempre vive em família". (1)

O imigrante encontrou, na zona paulista, casas do mesmo estilo, de taipa de mão e, algumas, em alvenaria, com as dependências (sala, cozinha, dois quartos e fundos) comuns para todos. No espaço externo, estão as latrinas (casinhas). Outras vezes, as casas são geminadas (com o mesmo telhado), uma adaptação da antiga senzala. Os colonos, ficam, assim acomodados e isto, provoca descontentamentos acerca desse modo de vida. (4)

O termo *"colônia"* adquiriu o significado de conjunto de habitações para moradia das famílias dos colonos. Colônias, são agrupamentos como em uma aldeia de casas de um só andar, geralmente divididas em dois cômodos.

Alguns fazendeiros perceberam que podiam fixar os colonos à terra oferecendo-lhes casas mais confortáveis. Surgiam, assim, em algumas fazendas paulistas, casas simples mas bem construídas e razoavelmente confortáveis.

Por volta de 1886, o equipamento de agricultura passava por uma fase de grandes progressos técnicos no aperfeiçoamento do preparo dos grãos de café. Os fazendeiros procuraram máquinas de despolpar, secadoras artificiais e classificadores mecânicos. Na zona de Campinas, estava em funcionamento um sistema de grandes rodas verticais acionadas por bois; era o carretão onde o café era colocado em espécies de cubas que giravam em rodas. Um sistema de engrenagem de madeira movimentava a carreta pela força da água corrente e as regiões de Jundiaí, Campinas, Piracicaba e Tietê possuíam fartos rios para acionar os motores.

Devido a isso sofisticaram-se os programas da fazenda de café onde era imprescindível a tulha com paredes de tijolos por fora, num espaço de 10 cm de parede interna; deveriam ser bem fechadas para não entrar vento. Comportavam de 700 a 1.500 sacas de café em côco. O terreiro era de chão socado ou de tijolo para a secagem do café. Também foram construídas casas de máquinas, os celeiros e silos.

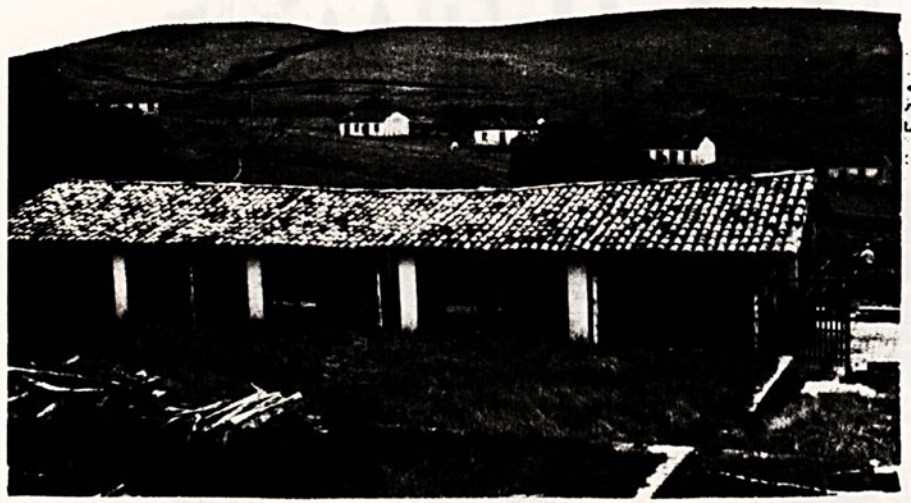
Em muitas propriedades de Campinas e Piracicaba o programa para o produto café é de solução mista; foram adaptadas as construções secundárias do engenho para o café, com tulhas e terreiro à frente; a mão de obra italiana está presente nas construções para abrigar a nova produção cafeeira.

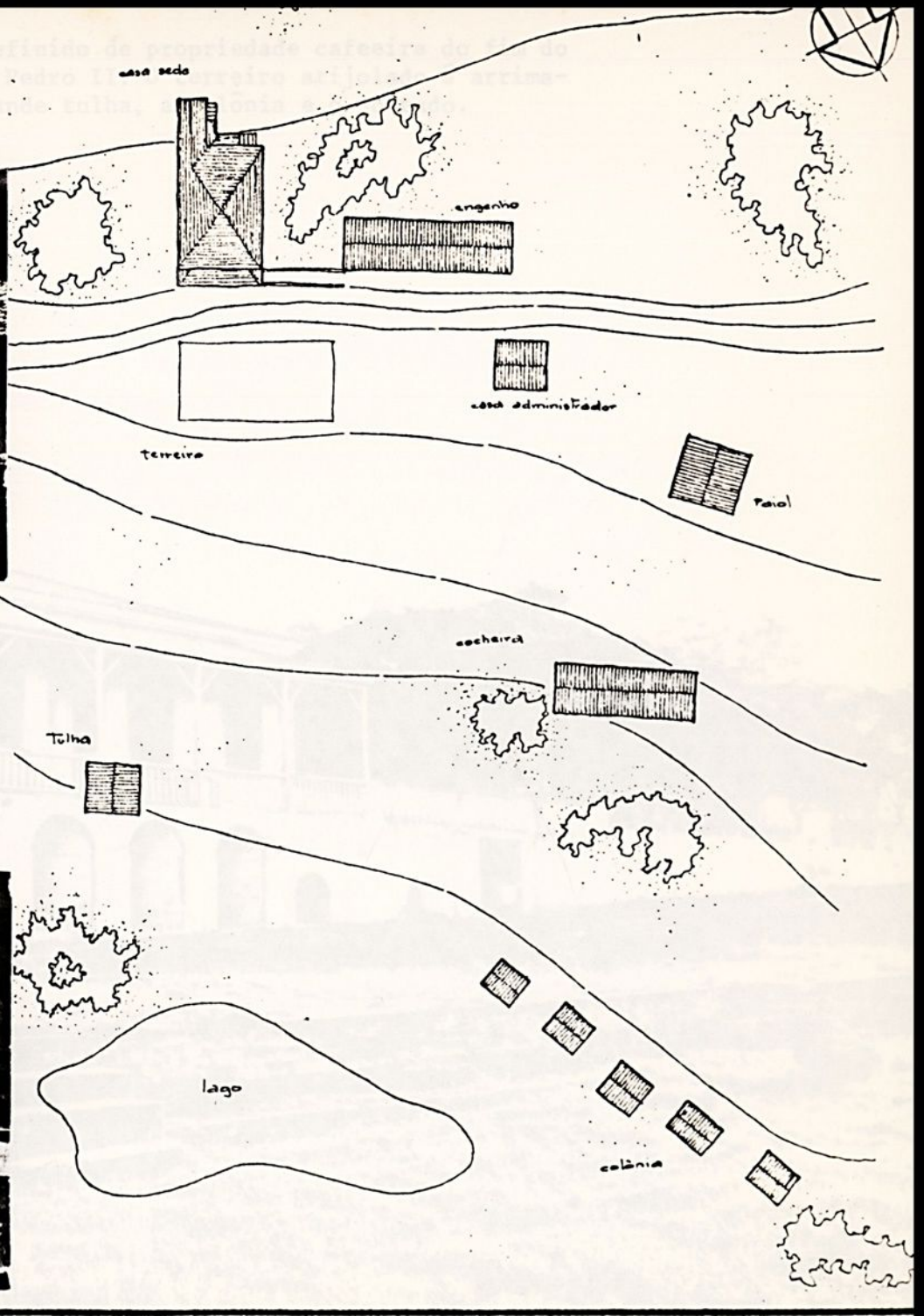
A concentração das construções, junto à casa do fazendeiro, facilitava a vigilância. O administrador tinha sua casa construída perto da colônia. Ao lado da colônia ficam as construções destinadas à maquinária, secagem, celeiros, silos.

A partir das últimas décadas do século passado, os cafezais *"invadiram o antigo sertão paulista" (4)*. Na área de Campinas, Itatiba, Morungaba, algumas propriedades revelam a fase de penetração dos cafezais: casa-sede, casa das máquinas, o terreiro, a tulha, a olaria, o estábulo, o curral, o tanque. de degomagem do café despolpado.

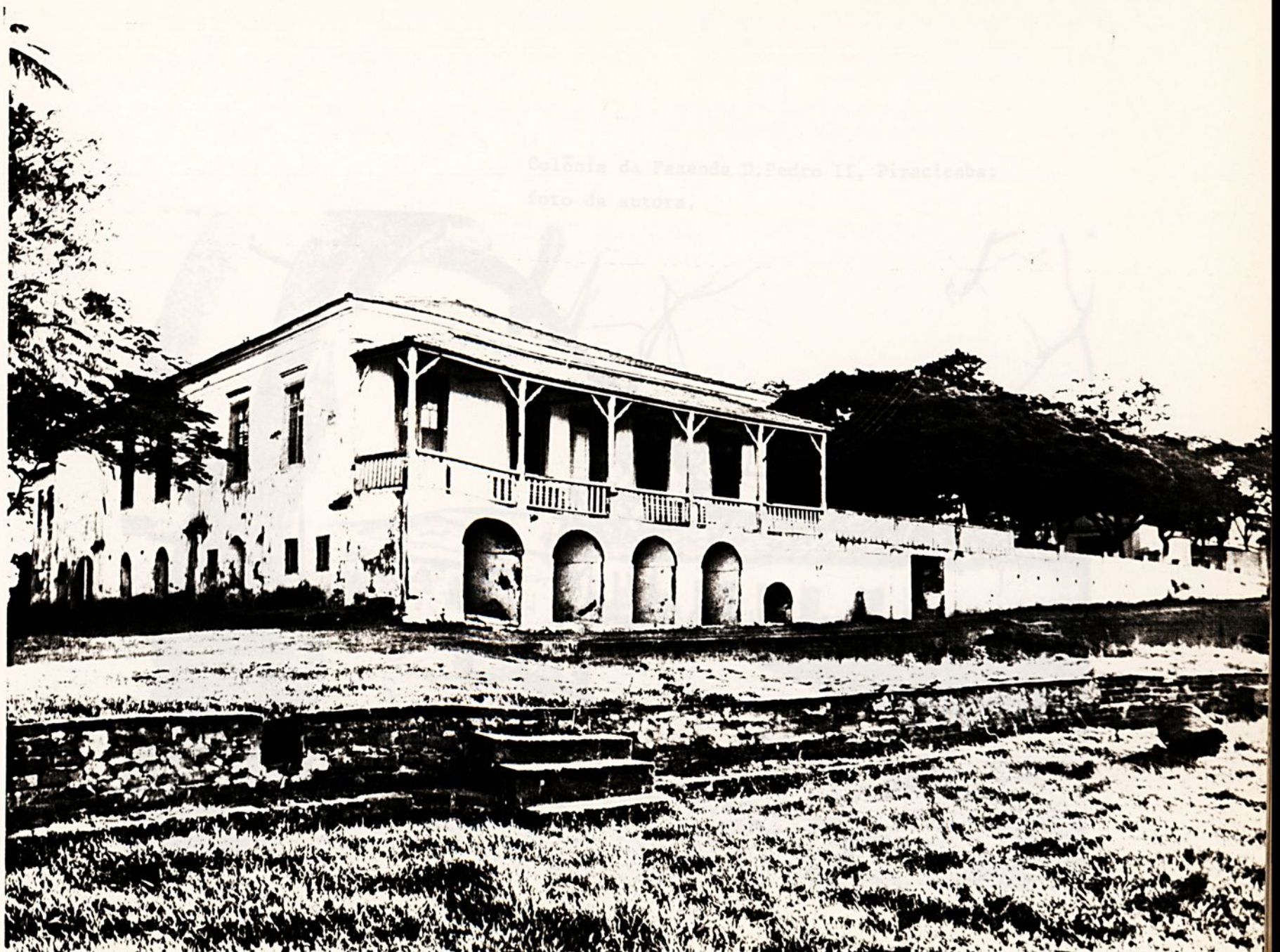







casa sede
engenho
casa administrador
terreiro
paiol
cocheira
Tulha
lago
colônia

O programa definido de propriedade cafeeira do fim do século XIX em Piracicaba é notado na fazenda Pedro II. O terreiro atijolado é arrimado com mureta também de tijolos; possui a grande tulha, a colônia e o sobrado.



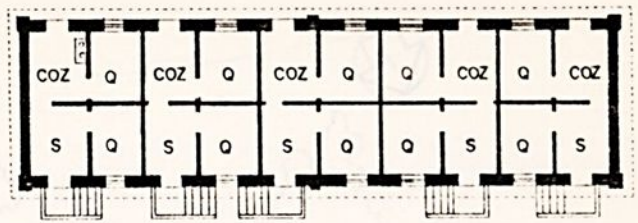
Colônia da Fazenda D.Pedro II, Piracicaba.
Foto da autora.

Colônia da Fazenda D.Pedro II, Piracicaba;
foto da autora.



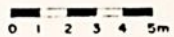


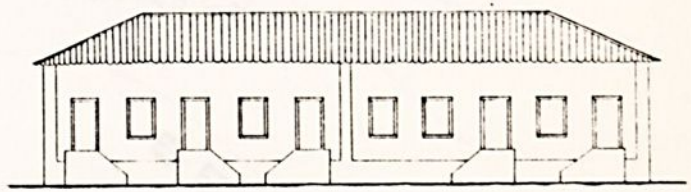
casinhas



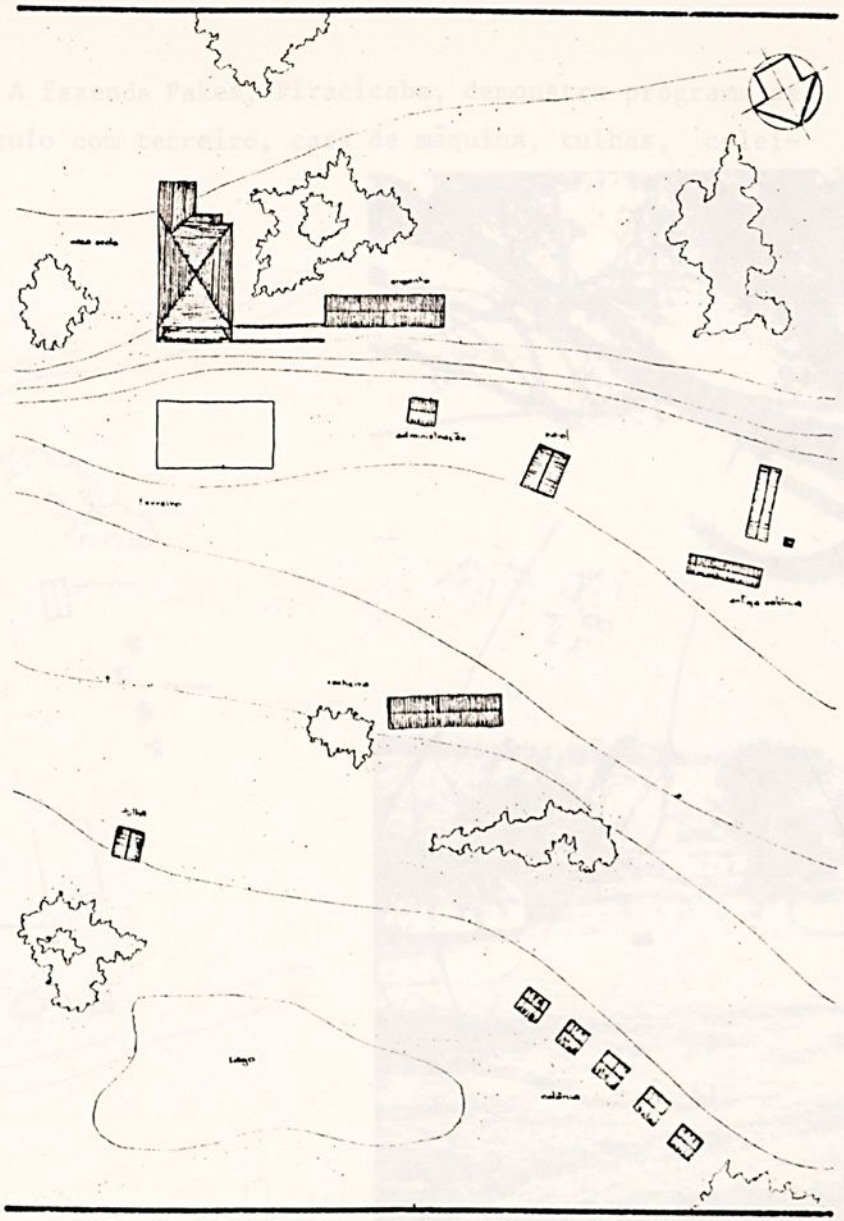
PLANTA

COLÔNIA DA FAZENDA D. PEDRO





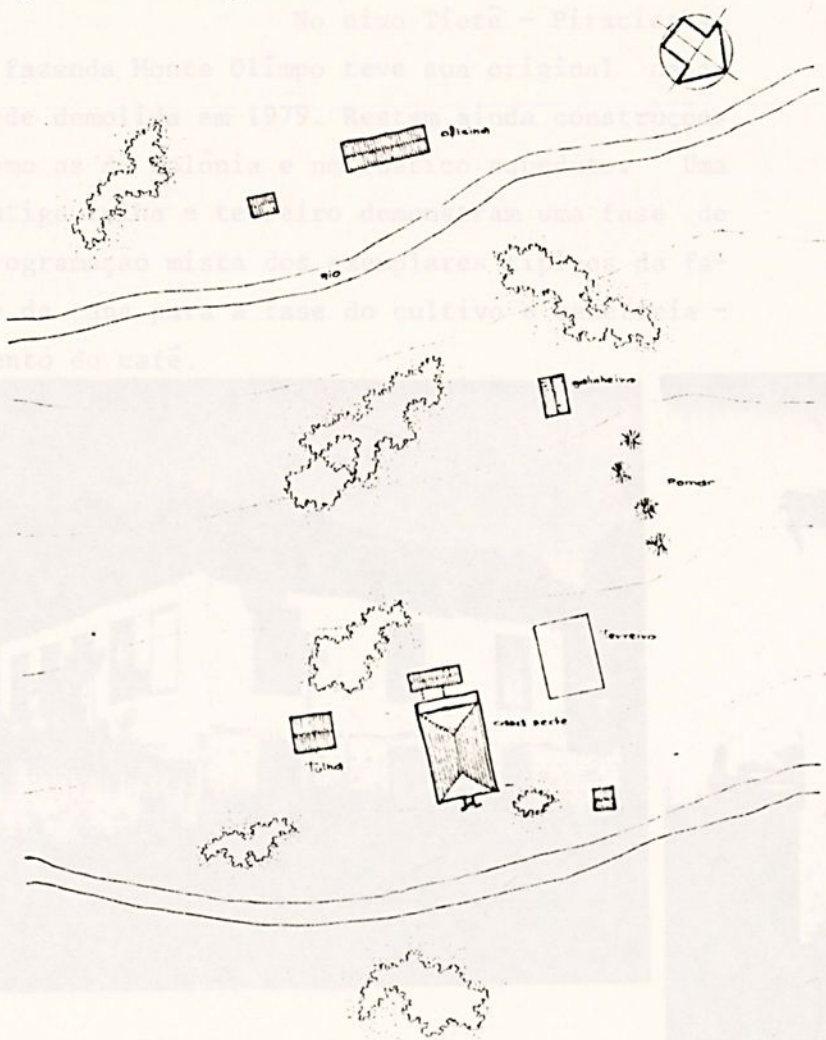
FACHADA FRONTAL

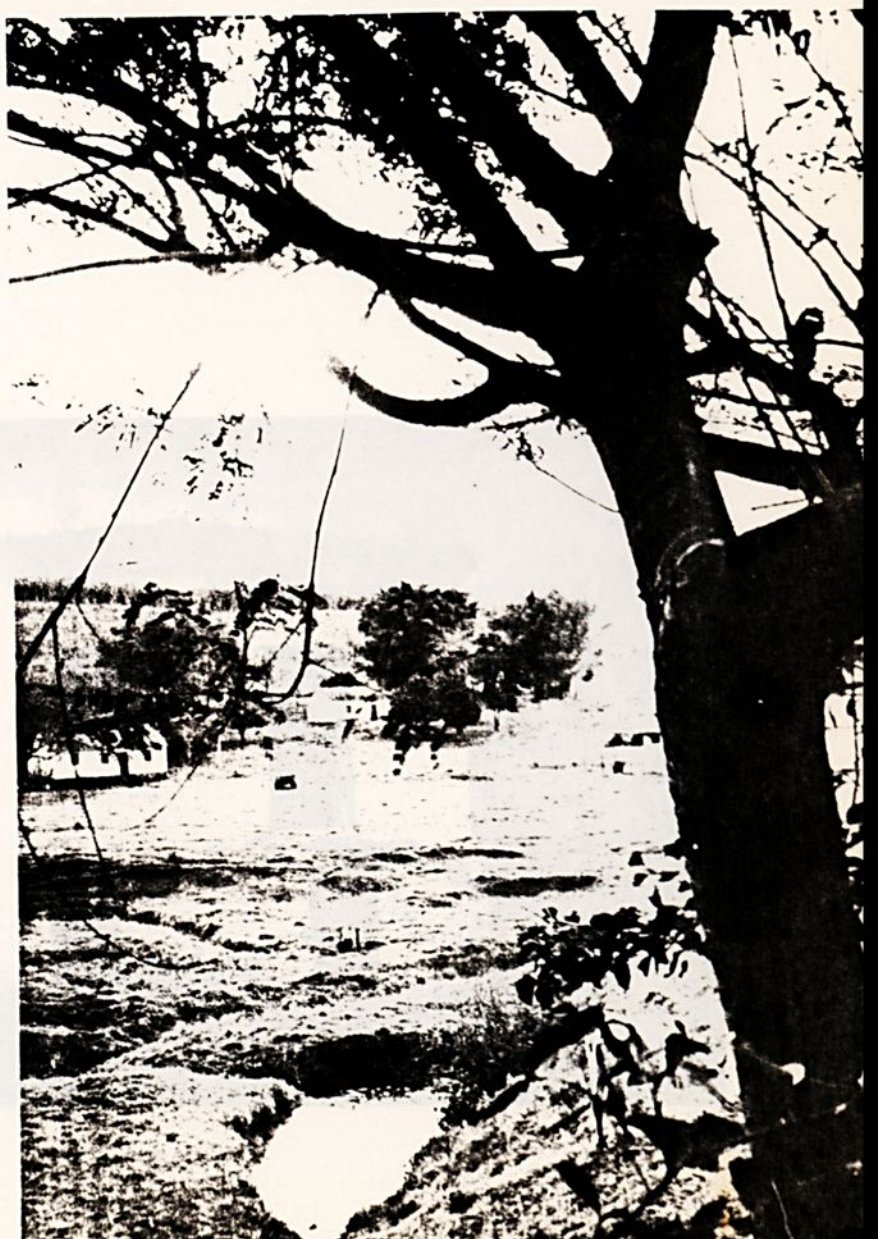


FAZENDA D. PEDRO

IMPLANTAÇÃO

A fazenda Pakes, Piracicaba, demonstra programa de fazenda de café do início do século com terreiro, casa de máquina, tulhas, celeiro, colônia e aguada.



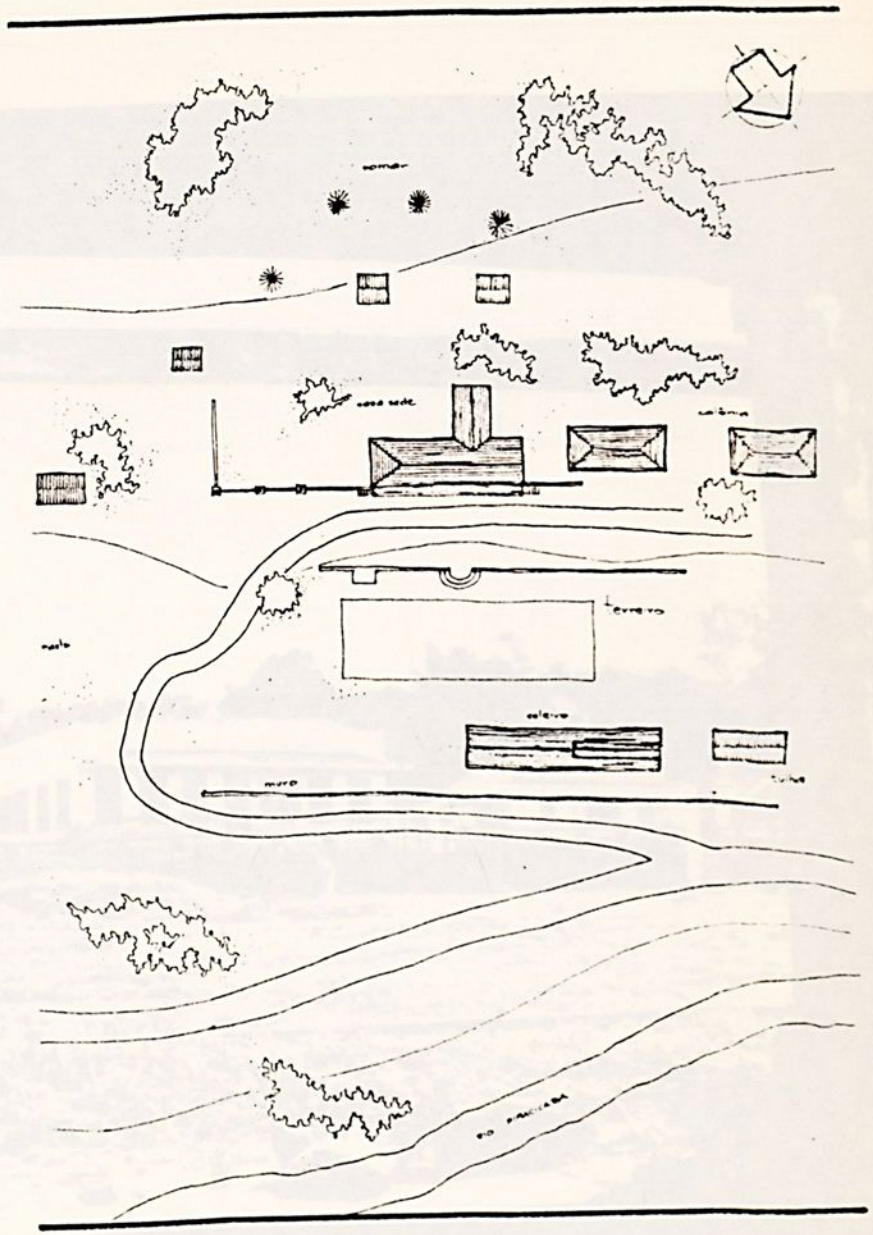


No eixo Tietê - Piracicaba, a fazenda Monte Olímpo teve sua original casa-sede demolida em 1979. Restam ainda construções como as da colônia e um rústico aqueduto. Uma antiga tulha e terreiro demonstram uma fase de programação mista dos exemplares típicos da fase da cana para a fase do cultivo e beneficia - mento do café.





No eixo Piracicaba - Limeira encontra-se a fazenda São José, atualmente fornecedora de cana para a Usina Costa Pinto. Seus terreiros, tulha e outras construções secundárias fazem parte do anterior programa de fazenda de café.



FAZENDA SÃO JOSÉ

IMPLANTAÇÃO

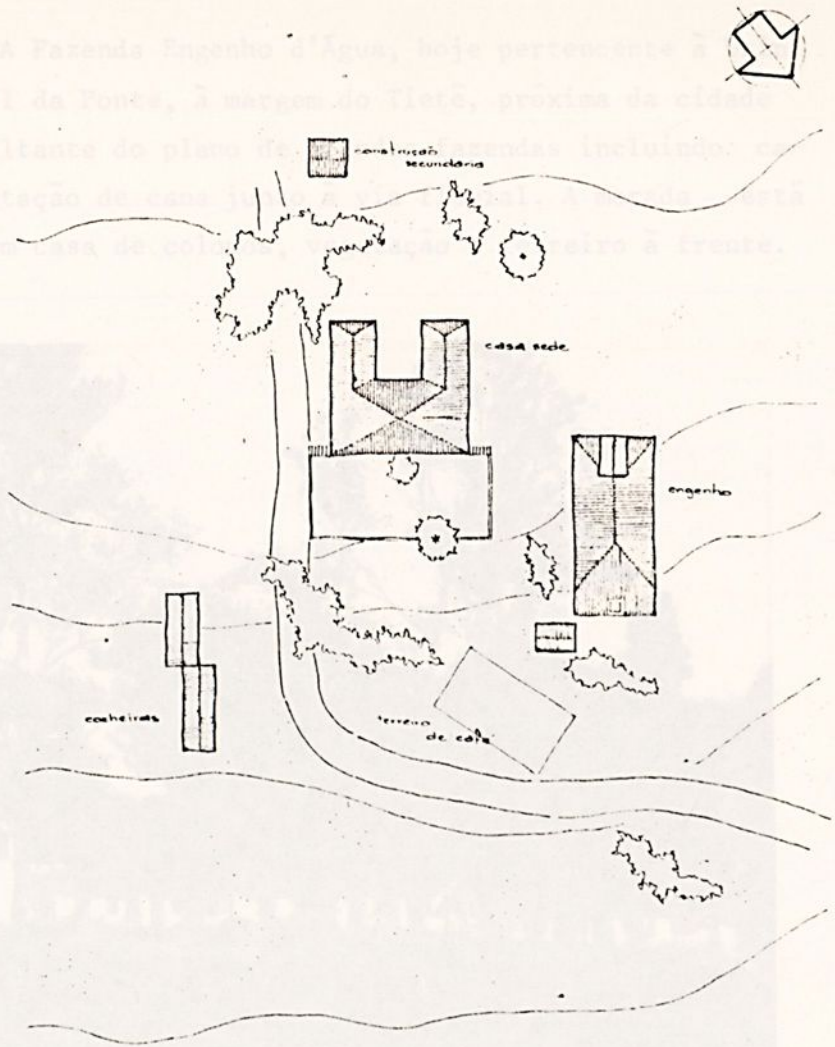
INSTITUTO DE ARTES - UNESP BIBLIOTECA

Fazenda São José, Piracicaba;
casa-sede, construções de trabalho, terreiro de café;
foto da autora.





Fazenda São Pedro, região de Piracicaba;
construção de trabalho, antigo engenho;
foto da autora.



FAZENDA SÃO PEDRO

IMPLANTAÇÃO

A Fazenda Engenho d'Água, hoje pertencente à Usina União encontra-se no bairro Rural da Ponte, à margem do Tietê, próxima da cidade de Capivari. Seu programa é resultante do plano de grandes fazendas incluindo casa-sede, zona de colonos, e plantação de cana junto à via fluvial. A morada está integrada na sede da fazenda, com casa de colonos, vegetação e terreiro à frente.





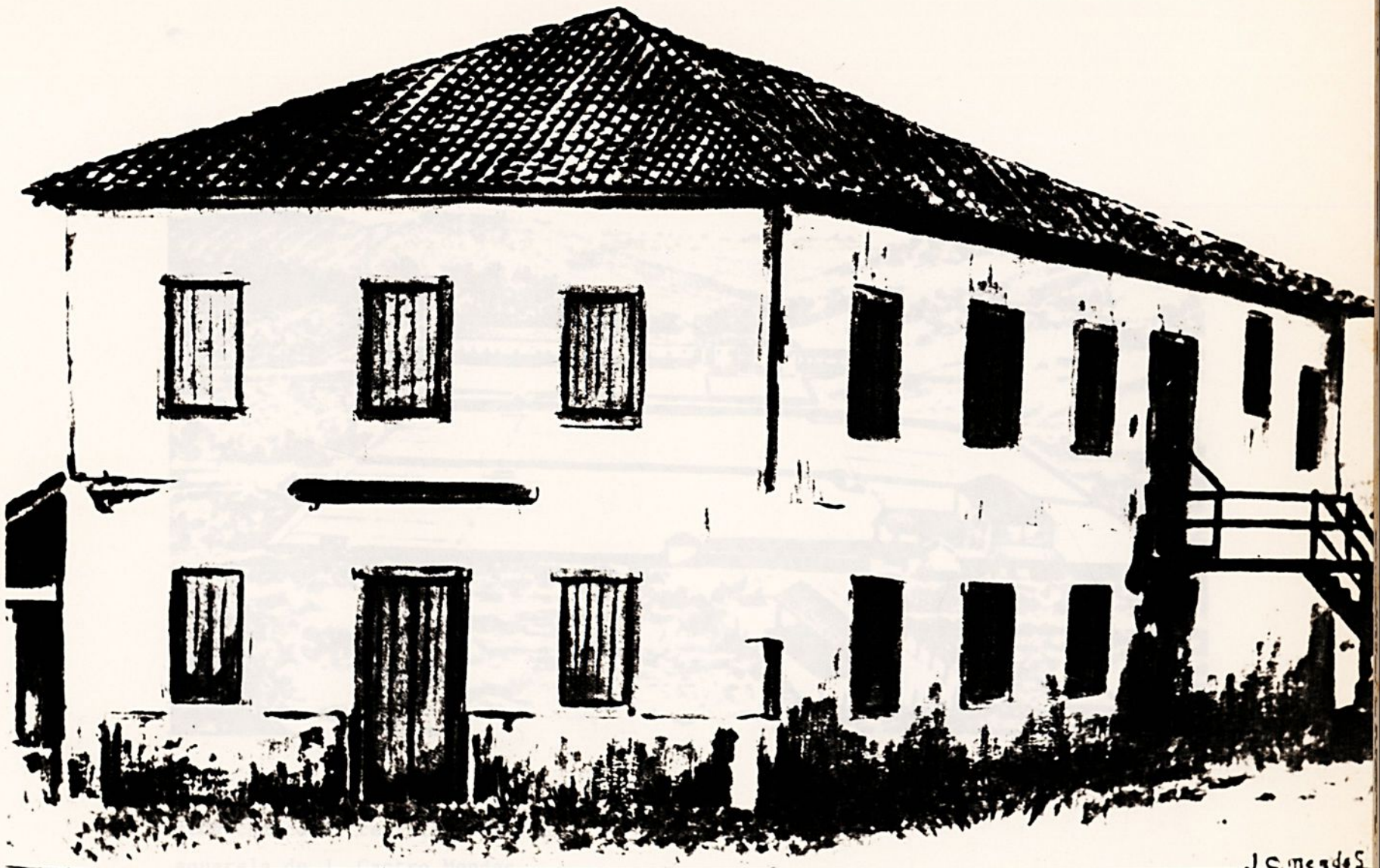
Fazenda Sete Quedas, estrada de Itu;
casa das máquinas;
aquarela de J. Castro Mendes.



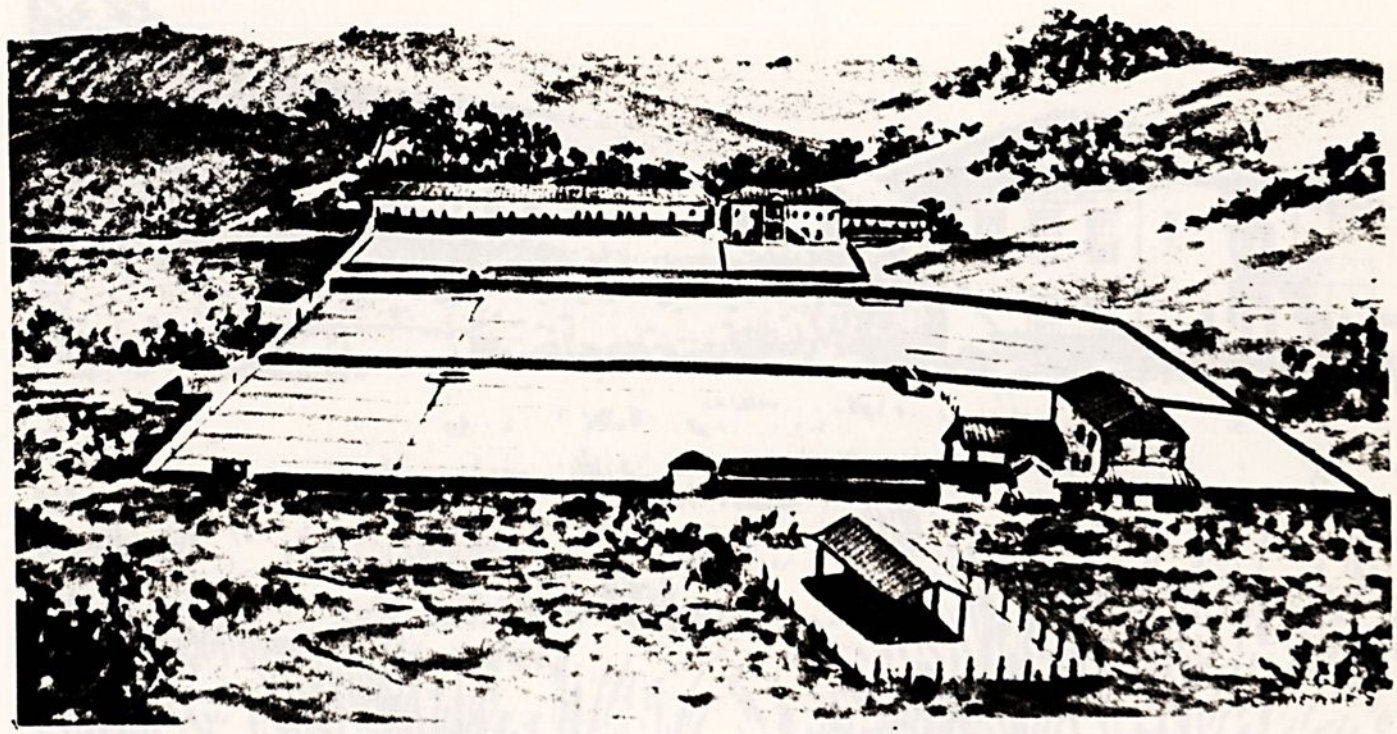
Fazenda Bocaina, região de Campinas;
casa-sede e colônia;
aquarela de J. Castro Mendes.

Fazenda Rio das Pedras, Campinas;
casa das máquinas;
aquarela de J. Castro Mendes.





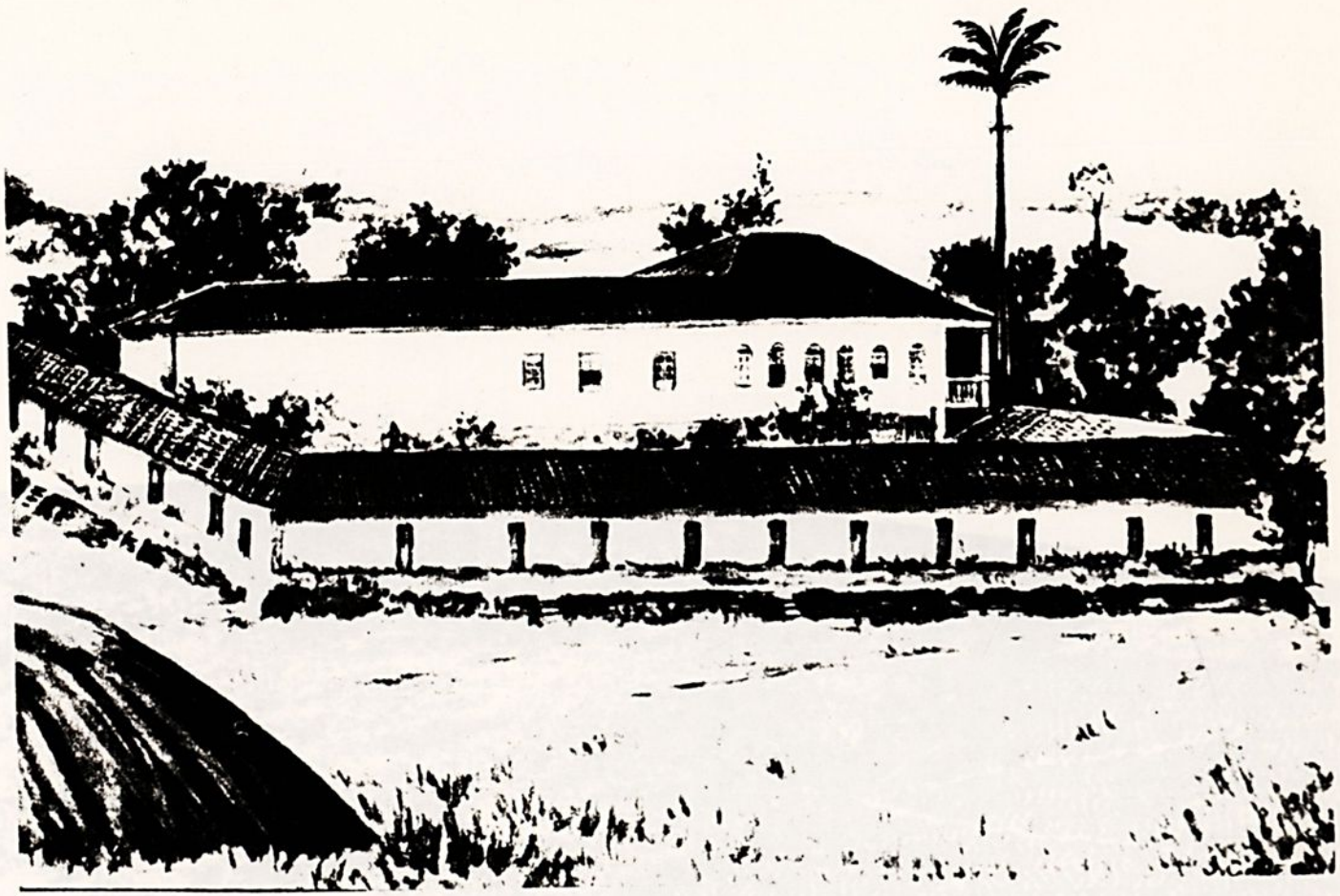
Fazenda Cachoeira, região de Campinas;
casa das máquinas;
aquarela de J. Castro Mendes.



Fazenda São Joaquim, região de Campinas;
sede com casa, terreiro e tulha;
aquarela de J. Castro Mendes.

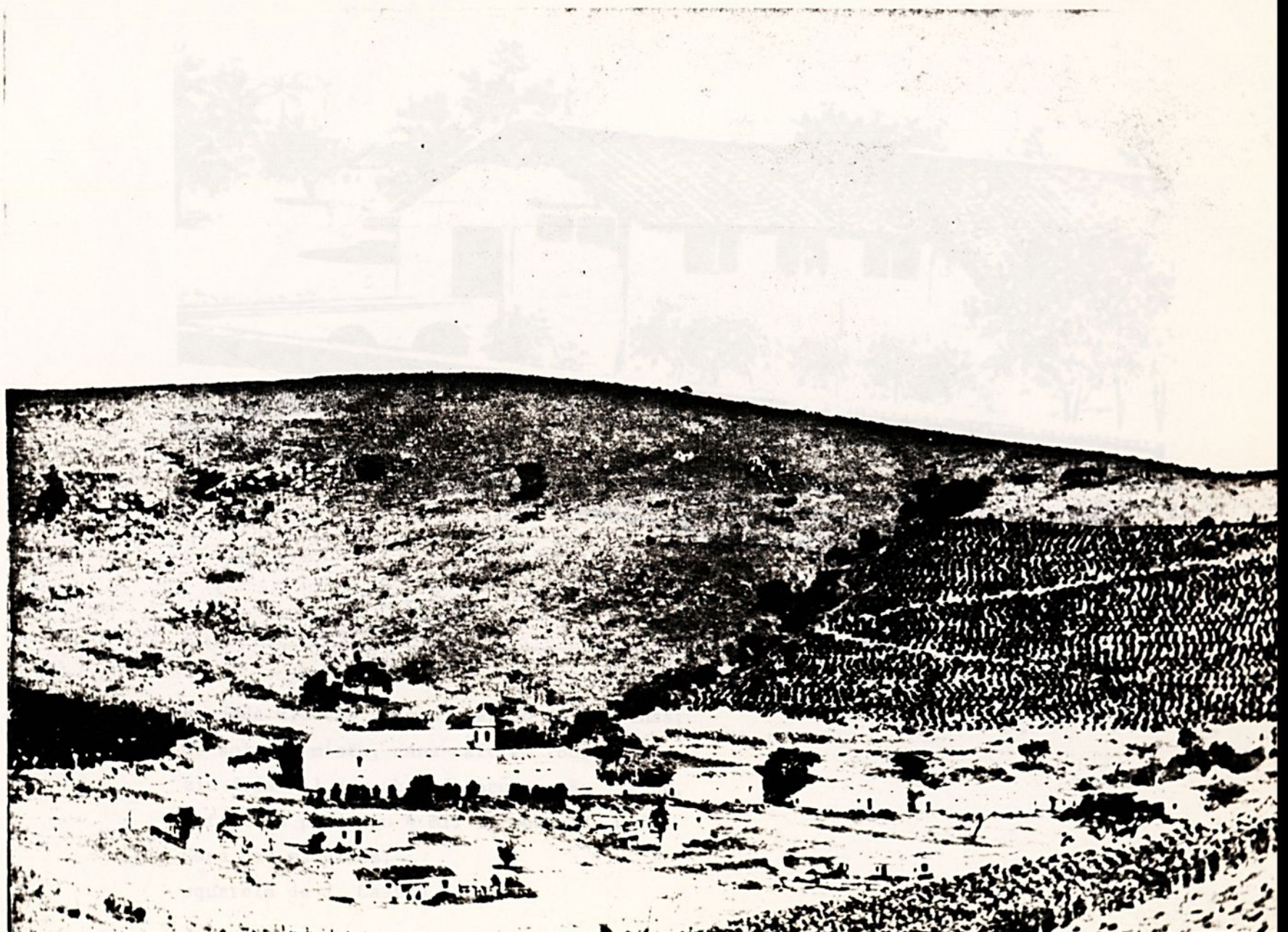


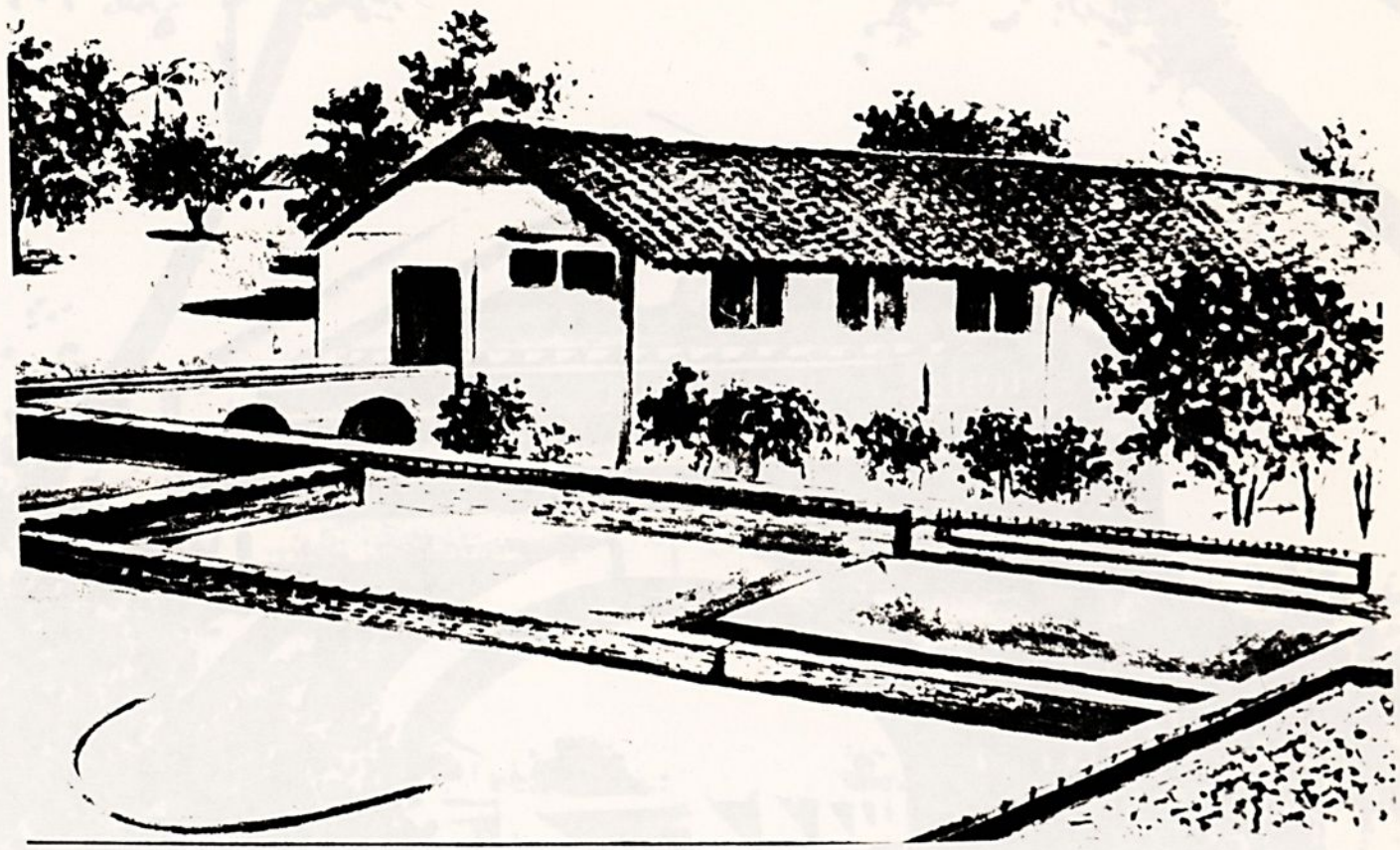
Fazenda São Joaquim, região de Campinas;
casa-sede, colônia e terreiro;
aquarela de J. Castro Mendes.



Fazenda Três Pedras, região de Campinas;
sede com casa e colônia;
aquarela de J. Castro Mendes.

Fazenda Pereiras, Campinas;
casa-sede, capela, colônia,
construções de trabalho, plantação de café;
foto de Antonio Carlos Belia.





Fazenda Rio das Pedras, região de Campinas;
de solução mista, cana-café em 1885 produ-
ziu dois mil arroubas de açúcar. Em 1900,
a fazenda produziu 4 mil arroubas de café;
Casa das máquinas;
aquarela de J. Castro Mendes.

Fazenda São Quirino, Campinas;
pórtico de alvenaria e ferro, muro de pedra;
entrada para o terreiro de café;
aquarela de J. Castro Mendes.

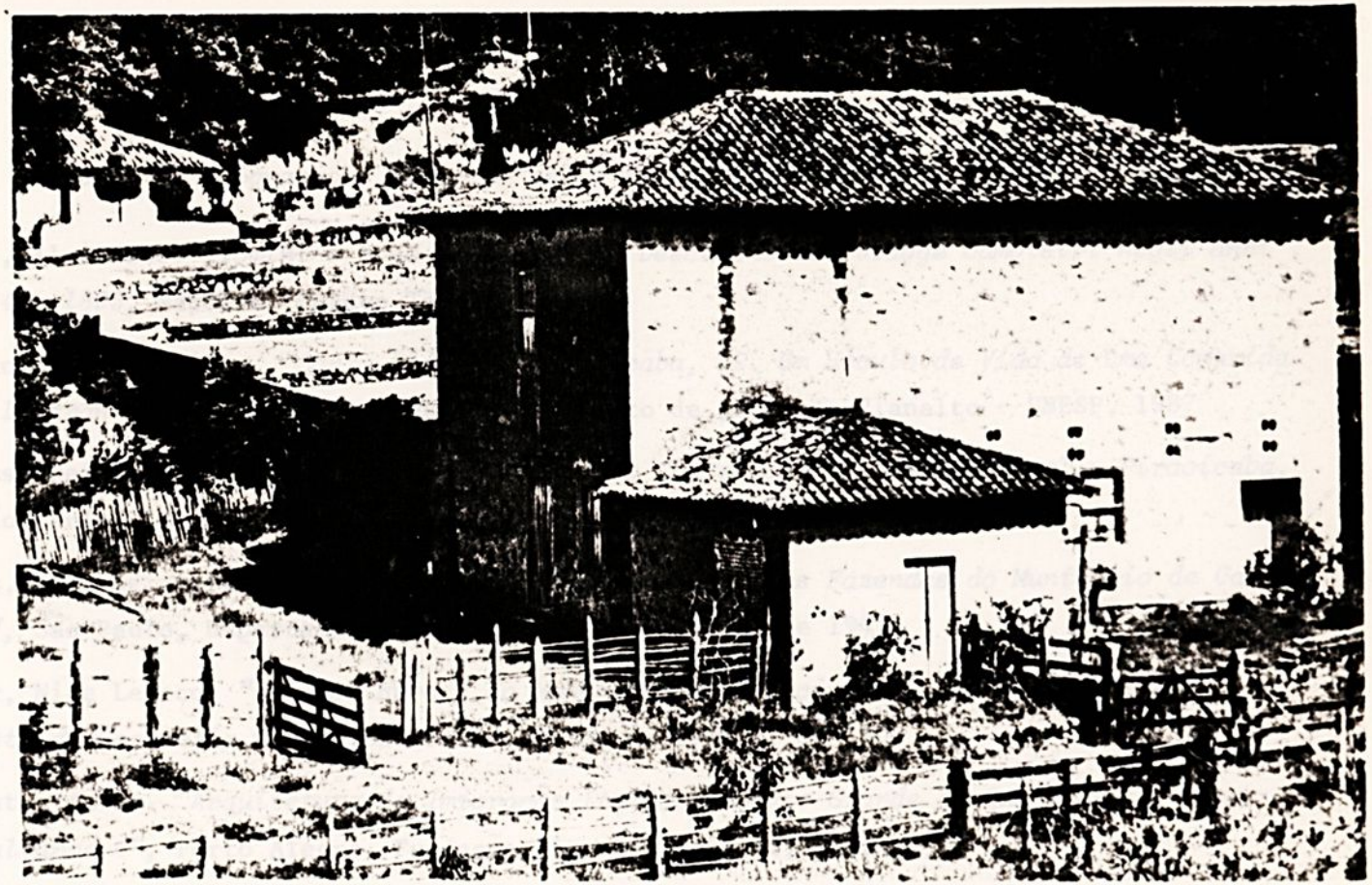




Fazenda Santa Leopoldina, eixo Itatiba - Morungaba;
casa das máquinas;
foto de Antonio Carlos Belia.



Fazenda Santa Leopoldina, casa das máquinas;
aquarela de J. Castro Mendes.



Fazenda São Bento, eixo Itatiba - Morungaba;
tulha e casa das máquinas;
foto de Antonio Carlos Belia.

Referências Bibliográficas

1) Belli, Bortolo. *"L'emigrazione Italiana nello Estato de São Paulo"*, Nápoles, 1904 p.109

2) d'Atri, Alessando. *"Yomini e cose del Brasile, Descuzone dei viagge campistri negli anni". de 1894 e 1895*, Nápoles, Emedeo Tosco, 1895-6

3) Camargo, Marlisa Pinto. *"Santa Olímpia, Piracicaba, SP. Um Século de Vida de uma Comunidade de Imigrantes Tiroleses no Brasil"*, Instituto de Artes do Planalto - UNESP, 1987

4) Martins, Neide Marcondes. *Arquitetura Rural e o Contexto Histórico-Cultural - Piracicaba, SP*, São Paulo, IMS, Informações Microformas e Sistemas, 1983.

5) Mendes, J.E. Teixeira. *"Lavoura Cafeeira Paulista - Velhas Fazendas do Município de Campinas"*, São Paulo, Departamento Estadual de Informações de 1947

6) Muller, Nice Lecocq. *"Bairros Rurais do Município de Piracicaba - São Paulo" Boletim Paulista de Geografia nº 43*, São Paulo, julho de 1966 p. 83-130

7) Posenato, Júlio. *"Arquitetura da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul - Assim Vivem os Italianos 4"*, Porto Alegre, Fundação Giovanni Agnelli, 1983

8) Trento, Angelo. *"Do Outro Lado do Atlântico. Um Século de Imigração Italiana no Brasil"*, São Paulo, Nobel, 1989

5. A IMIGRAÇÃO ITALIANA E A PRESENÇA DOS MESTRES-DE-OBRAS NO ESPAÇO RURAL PAULISTA

5. A Imigração Italiana e a Presença dos Mestres-de-Obras no Espaço Rural Paulista

"A aptidão para emigrar envolve certa capacidade de ação e de idealização". (3)

A partir do final de 1870, a imigração italiana começa no Brasil a assumir aspecto mais definido até transformar-se em fenômeno de massa entre 1887 e 1902 (31). A província de São Paulo, após 1871, dominada politicamente pelos fazendeiros, decide ajudar os proprietários rurais, pagando a metade da passagem do imigrante.

A imigração italiana é facilitada pelo governo de São Paulo que cria desde 1884 a Sociedade Central de Imigração para organizar as viagens e a colocação de trabalhadores. (9). A lei de 6 de março de 1884 previa o transporte gratuito para as famílias que se instalassem nas fazendas ou nos núcleos coloniais (31).

Em 1888 Martinho Prado Jr. declara à Assembléia Provincial que estava definitivamente encaminhada para São Paulo a imigração italiana e na Itália, *"hoje se conhece o Brasil por São Paulo"*...

"Os cem mil italianos aproximadamente estão estabelecidos em todas as zonas da Província, em todas as cidades, vilas, freguesias e fazendas ainda as mais remotas, ocupados em vários misteres, relativamente felizes, bem aceitos, despreocupados das mi-

sérias do seu país natal, dos tributos vexatórios de um fisco cruel e do bárbaro serviço militar..." (14)

Martinho Prado Jr. referiu-se assim às partidas de Genôva: "Seja-nos permitido levar ao conhecimento de V. Excia. uma circunstância observada pelo diretor. Entre os imigrantes nos dias de partida para São Paulo reinava sempre uma alegria pouco comum, verdadeiro entusiasmo que contrastou singularmente com o abandono da pátria, o rompimento de todos os laços que prendem naturalmente o homem ao seu torrão natal partindo para uma região longiqua que denominavam em geral a América sem o menor conhecimento de nenhuma de suas partes, confundindo-as entre si". (15)

Entre 1887 e 1902, os italianos constituíram 60% do total dos imigrantes no Brasil. Pelas estatísticas italianas em 1891, a entrada foi de 108.414 imigrantes para 132.326 nas estatísticas brasileiras. Estas diferenças estatísticas devem-se à não declaração do imigrante quando partia da Itália por diversos motivos: interesse em esconder o verdadeiro destino; porque seria mais fácil obter licença, declarando que iria temporariamente para outro país europeu; para evitar prestar o serviço militar; devido à demora com que eram expedidos os passaportes e devido às dificuldades de demonstração de posse. (31)

No período de 1898 e 1902, um total de 123.069 imigrantes italianos estavam distribuídos pelas fazendas de São Paulo. Enumerar os municípios mais procurados *"seria simplesmente repetir a lista dos centros cafeicultores, na ordem de sua importância". (16)*. Depois de curta passagem pelos grandes centros, o imigrante não se preocupava em partir para o interior pelos trilhos das estradas de ferro. A Companhia Paulista alcançava Rio Claro em 1876; a Mogiana, que em 1896 havia chegado a Mogi Mirim e Amparo, se estende até o Rio Grande passando por Casa Branca e Franca.

Foram ampliados pouco a pouco os centros cafeeiros, conduzidos pelos interesses dos produtores e comerciantes de café. A Companhia Sorocabana de estrada de ferro, usada pelos imigrantes, chega a Botucatu em 1889 e a Ituana fazia a navegação no rio Paraná e Tietê. A Companhia Paulista alcançando a cidade de Mogi Mirim e Amparo em 1874 e Rio Claro em 1876, assegura para si o domínio da margem esquerda do rio Mogi-Guaçu, atravessa e penetra na grande fazenda Santa Veridiana. Depois da ligação das cidades Jundiaí-São Carlos, em 1894, leva os trilhos até Araraquara e Jaboticabal.

Em 1901, a corrente imigratória se localiza então nos municípios de Araraquara, Avaré, Botucatu, Brotas, Campinas, Descalvado, Jaboticabal, Jau, Ribeirão Bonito, Ribeirão Preto, Santa Rita do Passa Quatro, São Carlos do Pinhal, São José do Rio Pardo, São Manoel, São Simão (16). Do mês de setembro de 1901 a março de 1902, calculou-se que cerca de 120.000 pessoas deixaram as províncias meridionais da Itália. As regiões rurais da Calábria, Basilicata, Campania, Abruzzo, Áquila e da Sicília foram as que nesta época, forneceram os mais elevados contingentes de imigrantes. (12)

"É através das nossas fazendas cafeeiras que se tem operado a colonização do Estado que hoje já se estende até os pontos mais remotos onde, há alguns anos, só existia o sertão inteiramente despovoado e quase desconhecido"; relatara Antonio Candido Rodrigues, Secretário da Agricultura, a Francisco de Paula Rodrigues Alves, presidente do Estado de São Paulo. (24)

Alessandro d'Atri, em 1894-5, descrevendo a fazenda Santa Veridiana de Antonio Prado, ressaltou:

"Os trabalhadores italianos repetiam em coro canções populares das suas longíquas aldeias. Mas quando não era canto, era um lamento modulado sobre canções antigas as quais lhes recordavam os doces e ociosos domingos transcorridos na igreja da aldeia nativa, ao tépido hálito do sol na Itália. Triste espetáculo, mais triste sentimento". (21)

Os primeiros colonos que chegaram às fazendas na metade dos anos 70, vieram do Abruzzo, mas em 1887-95 chegaram 353.445 da Itália do Norte, 71,8% dos que saiam de outras regiões. Da Itália Central o grande número de imigrantes foi de 62.618 em 1896-1902 e da Itália do Sul e Ilhas, 570.953. (31). Os setentrionais, os vênetos, permaneciam ligados aos setor produtivo a que pertenciam na sua pátria, à agricultura, enquanto os meridionais encontravam afazeres no artesanato, no comércio e em trabalhos marginais urbanos. *"Os fazendeiros, criados na época da escravidão não podiam tolerar os altivos calabreses: "querem um colono humilde, servil, submisso e parece que encontraram nos venêtos, o que eles procuravam". (31)*

Os relatórios italianos revelam o descontentamento dos imigrantes na vida nas terras paulistas. Enfatizam o baixo salário e os maus tratos do fazendeiro para com os colonos, aqueles acostumados que estavam com a mão de obra escrava; os colonos nas fazendas paulistas vivem, em geral, em más condições higiênicas de habitação. Suas casas, quando de alvenaria, não têm *"pavimentação"*, mesmo que sempre *"decantadas pelos agentes de imigração"*. A remuneração é de 40 a 50.000 réis por 1.000 pés de café cultivados durante o ano e mais 400 réis por alqueire de café colhido e levado aos *"magazzinos"* (tulhas de café). O colono deve pagar ao médico 50.000 réis. O padre é pago pelo fazendeiro, mas o colono deve pagar ainda pelos atos do padre. Os colonos propõem abandonar o sistema de salário para o de parceria ou propriedade, o que não é aceito pelo proprietário. As razões da pobreza do colono é a especulação do fazendeiro, pois mesmo quando tem condições de fazer um plantio junto a sua casa na época da colheita, o fazendeiro toma conta daquele produto e dos animais *"sem que haja condições de reclamar"*. Aos colonos são aplicadas multas altíssimas e sem acesso à via judiciária. No envio de alguma economia à sua fa-

mília na Itália, o câmbio Brasil - Itália é de *"um multiplicado por treis". (21)*.Entretanto, o relator italiano esclarece que no centro-oeste paulista há uns 50 pequenos proprietários italianos. Chegam a isso casando com filhos de brasileiros mas também *"conheço três sacerdotes italianos donos de fazendas de certa importância"*. Nos bancos são poucos os depósitos de italianos e os juros são baixos de 2 a 4% ao mês (21).

Havia o pensamento fixo de retorno à Itália e as economias visavam possibilitar a idéia. Sobre a fixação dos italianos aqui no Brasil, a estatística dos anos 1849-1896 estabelece a perda média anual de saída do país em 23%. *"Quem viaja ao interior do Estado, sabe que eles se fixam" (5)* sua ambição é de formar *"um pecúlio para com ele estabelecer-se definitivamente por conta própria". (23)*. Na Gazeta de Notícias e Correio Paulistano de 20 de agosto de 1889 anunciaram:

> *"Nas circunvizinhanças das cidades, vilas e freguesias, as propriedades estão fracionadas e adquiridas pelos imigrantes que depois de algum tempo de trabalho nas fazendas onde formam pecúlio, tornam-se proprietários e cultivam a terra por sua conta" (19).*

Novas esperanças abriam-se, porém, para os profissionais especializados que conseguiam trabalho nas fábricas de tecidos, nas indústrias de vidro, nas fundições, na construção civil. Fundavam comunidades agrícolas e de oleiros e aplicavam suas habilidades no preparo de tijolos e louças.

Em Campinas técnicos italianos introduziram a indústria da seda natural, mas foi principalmente na cidade de São Paulo a grande atividade industrial.

> *"Trazendo suas ferramentas e utensílios de trabalho, os imigrantes dedicaram-se às atividades de sua especialidade e procuraram ensinar não somente a outros patrícios mas também a nacionais" (8).*

As comunidades de oleiros, fundadas no Estado de São Paulo por anarquistas italianos abriam novas perspectivas aos moradores locais; davam-lhes instruções e ensaiavam peças teatrais anti-clericais ou revolucionárias. Essas peças eram encenadas com cânticos e poesias anarquistas. Dessa forma atacavam os patrões e exaltavam a Liberdade e Fraternidade.

No ano de 1888 chegou à cidade paulista de Guararema, o artista joalheiro Artur Campagnole e formou uma comunidade experimental. Comprou uma fazenda e contou com a participação de espanhóis, russos, franceses, alguns brasileiros, mas a maioria era de italianos. A experiência vai seguindo curso. Realizaram *"mutirões"* para as construções e pequenos congressos com a participação de visitantes e muitos foram alfabetizados e aprenderam uma profissão na fazenda de Guararema. Campagnole marcou sua presença na região e suas atividades são conhecidas e lembradas até hoje pelo trabalho em uma autêntica comunidade (25).

INSTITUTO DE ARTES BIBLIOTECA UNESP

Vários grupos de italianos se organizavam por afinidade de cultural social. Um exemplo é a colônia Cecília, fundada em 1890, a 17 quilômetros de Palmeiras, Paraná, com 22 casas de madeira, armazens, cozinhas comunitárias e pequenas indústrias , uma superfície de 278 hectares. É a primeira Colônia de Anarquistas que se fundou e onde se desenvolveu intensa propaganda libertária. Chegados ao Brasil, no fim do século XIX, os italianos defendiam o direito das associações de classe, centros de cultura e teatro social. Discutiam as reivindicações econômicas, a fundação de jornais e formaram grupos de apoio econômico para aquisição de obras literárias do exterior e para a sua distribuição no Brasil.

Os grandes latifundiários e fazendeiros tinham encontros conflitantes com as experiências dos literatos. Chegavam a cercar nas estradas camponeses e artifíces vindos da Itália, a caminho das Colônias e os encaminhavam para outros lugares, propriedades distantes, sem possibilidade de fuga, sem a possibilidade de se entender o idioma. **"Aos poucos o governo ia varrendo do solo brasileiro os mais perigosos anarquistas"** (25)

Trabalhadores estrangeiros envolveram-se com o ensino que ia, desde aulas em casa, nos locais de trabalho, nas horas de almoço, nas sedes das associações de classe e começam a surgirem escolas modernas, com prédios próprios.

Os Mestres-de-Obras

O setor urbano torna-se outra alternativa possível para os trabalhadores imigrados e muitos que desembarcam no Brasil conhecem uma profissão:

> *"São logo apreciados como talentosos artesãos. Muitos adquirem ou trazem conhecimento de escultura, modelagem, desenho geométrico e os "capomastri" introduzem novas técnicas de construção". (6)*

É significativa a atuação dos mestres-de-obras, particularmente dos *"capomastri"*, fiéis ao neoclássico, com suas platibandas coroadas de ânforas que valeram popularmente o apelido de *"estilo compoteira"*. *O "macarrônico"* era a designação para a versão popular produzida por estes mestres no art-nouveau, pela liberdade formal permitida por aquele estilo. (30)

Mesmo antes das grandes imigrações, entre os italianos chegados a São Paulo, figuravam cenógrafos, decoradores e empresários. (2)

> *"Cada vez mais as grandes famílias brasileiras chamam os mestres-de-obras italianos para a construção de seus edifícios".*

E em 1888 os pedidos para permissão de novas construções ocupam três volumes e mais de dois terços destes pedidos são assinados por italianos. (17)

No obra *Arquitetura Italiana em São Paulo (17)* está ressaltado o ritmo acelerado das construções paulistas realizadas entre 1870 e 1897. Neste último ano existem 47 volumes de pedidos para construções ou reformas de edifícios de uso particular no perímetro urbano de São Paulo. Entre os mestres italianos estão Giacomo Garidino, Guiseppe Valon, os irmãos Cavicchioli, os irmãos Calcagno. Alguns constroem casas que ocupam vários quilômetros de ruas em São Paulo, como Carlo Milanesi, Pietro de Lorenzi, Antonio Reggo, Domenico Sordini, Salvatore Giacomo. Entre 1888 e 1900, aparecem as placas profissionais com a expressão do profissional *"engenheiro-arquiteto"*.

Em São Paulo são projetadas as casas de saúde para os *"doutores"* Buscaglia, Comenale e Pignatari por Carlo Milanesi. Giulio Saltini e Luigi Mancini são chamados para a construção do palacete Matarazzo, Narciso Frediani constrói o sobrado para Govi e Morganti, Luigi Pucci constrói a Chácara do Carvalho. O gosto Vignola foi logo adotado e adaptado pelos empreiteiros de São Paulo: são os elementos arquitetônicos traduzidos em estuque e alvenaria, os arcos, tímpanos, colunas, tríglifos, capitéis, arquitraves. A diversidade de materiais aplicados, a incongruência entre a estrutura e o aspecto externo, a diferença de escala tornam falsa a elegância formal do modelo. Os mestres-obras traduziam em alvenaria os métodos tradicionais de trabalho do pedreiro italiano num tipo de casa de menor porte que satisfazia as necessidades; *"as diversas plantas pareciam decalcadas uma sobre as outras". (17)*

Entre os artistas italianos em 1871, chegou em São Paulo Claudio Rossi, da província de Modena e juntamente com o pintor paulista Almeida Júnior, decorou a antiga Sé de São Paulo. Em 1895 chega Domiziano Rossi; é o autor do projeto do Teatro Municipal de São Paulo, lecionou desenho na Escola Politécnica e desenho geométrico

e ornato no Liceu de Artes e Ofícios.

Muitos italianos exerceram seus trabalhos no então chamado estúdio de Ramos de Azevedo, que a partir de 1900 criou um centro de difusão da arte italiana.

Da província de Basilicata, o engenheiro Roque Ronchi chega em 1893 para trabalhar na usina da então Light em Paraíbuna, São Paulo, para a construção de barragens e edifícios. Em São Paulo é o autor do risco e responsável pela construção da Igreja Nossa Senhora da Conceição, da avenida Brigadeiro Luis Antonio. Das suas construções rurais do interior paulista não restou nenhuma documentação. (26). Roque Ronchi publicou no Rio de Janeiro em 1939 a obra *Conclusões Teoremáticas em Compêndio de Geometria e Matemática pela derivação na Raíz da Superfície do Círculo*.

Na cidade de Campinas, São Paulo, em vários edifícios ficou nítida a autoria de mestres italianos: a catedral inaugurada em 1883, o já demolido Teatro São Carlos reformado na linha italiana em 1867, o edifício do Círculo Italiano de 1881, a Escola Correa Mello também de 1881, a casa de resgistros da Companhia Campineira de Águas e Esgotos, de 1891.

Os palácios da Mogiana, de autoria dos irmãos Nasini e Alves, e de Próspero Belifanti, foram construídos entre 1882 e 1885. A respeito deste último foi declarado:

> *"homem adiantado com seu curso de Belas-Artes feito na Itália, mandou buscar mármore de Carrara de onde veio o mármore que talhou os balaústres para a sacada do andar superior". (20)*

Ainda na cidade de Campinas é preciso ressaltar o Palácio Itapura, construído por Luis Pucci, em 1883. A fachada obedece o estilo italiano *"Resorgimento"*, ostentando colunas de ordem jônica.



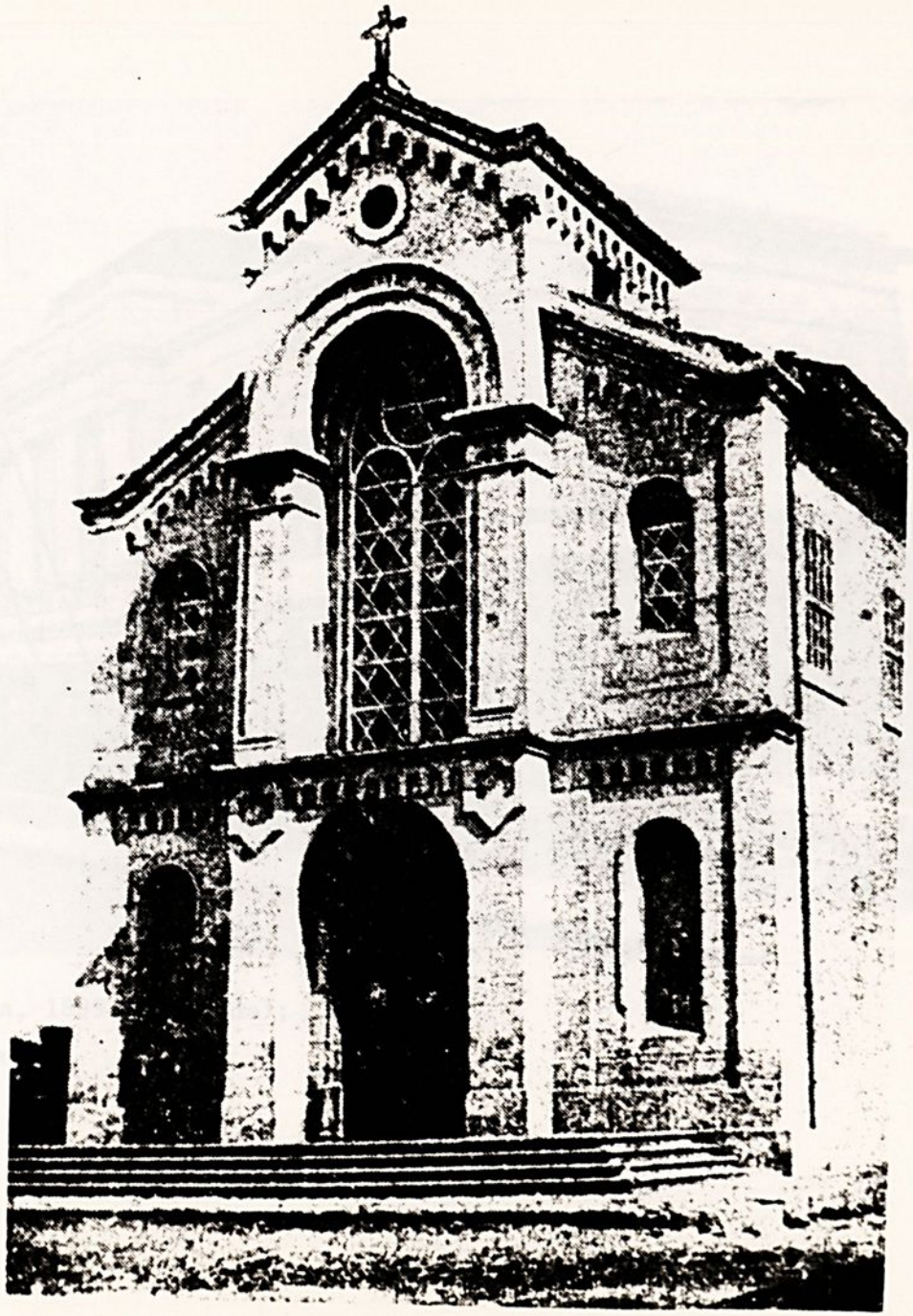
Solar Barão de Itapura
1883, Campinas;
de autoria do Eng. Luis Pucci



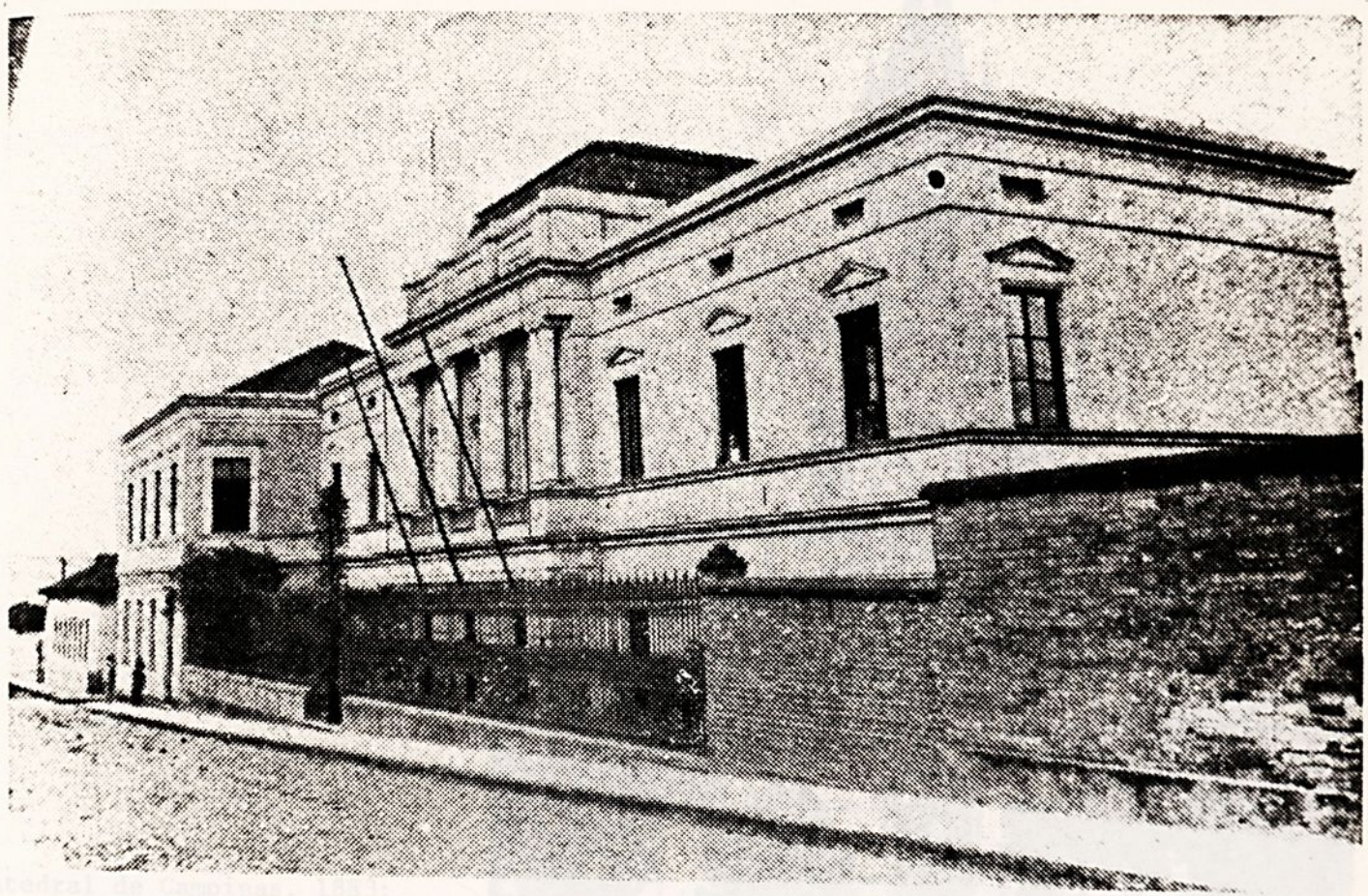
Solar Ataliba Nogueira,
(Hotel J. Vitória), Campinas;
autoria do Eng. Antonio Raffini



Sobrado de Campinas, 1882;
foto de José de Castro Mendes



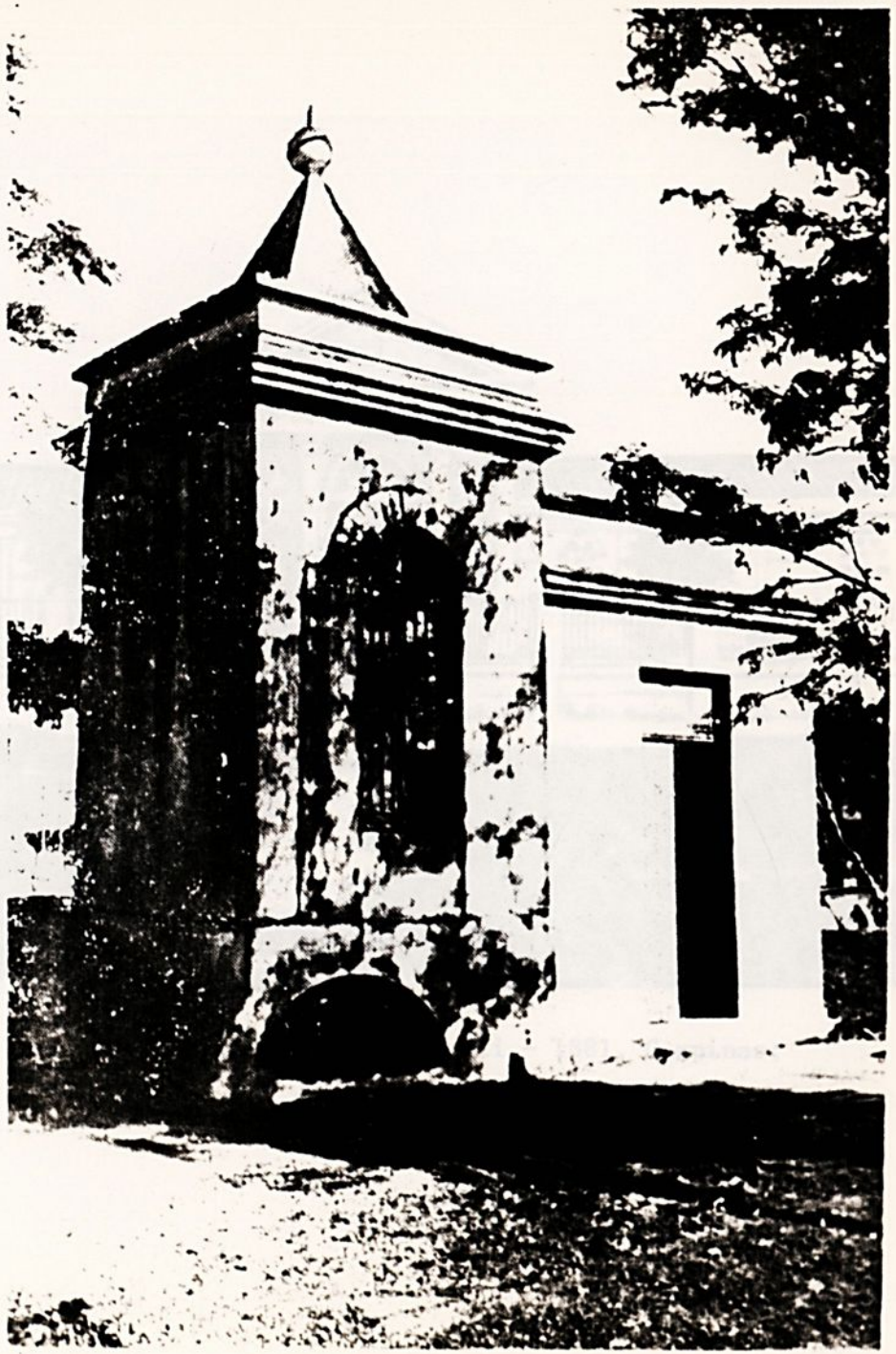
Capela de São Benedito;
foto de José de Castro
Mendes.



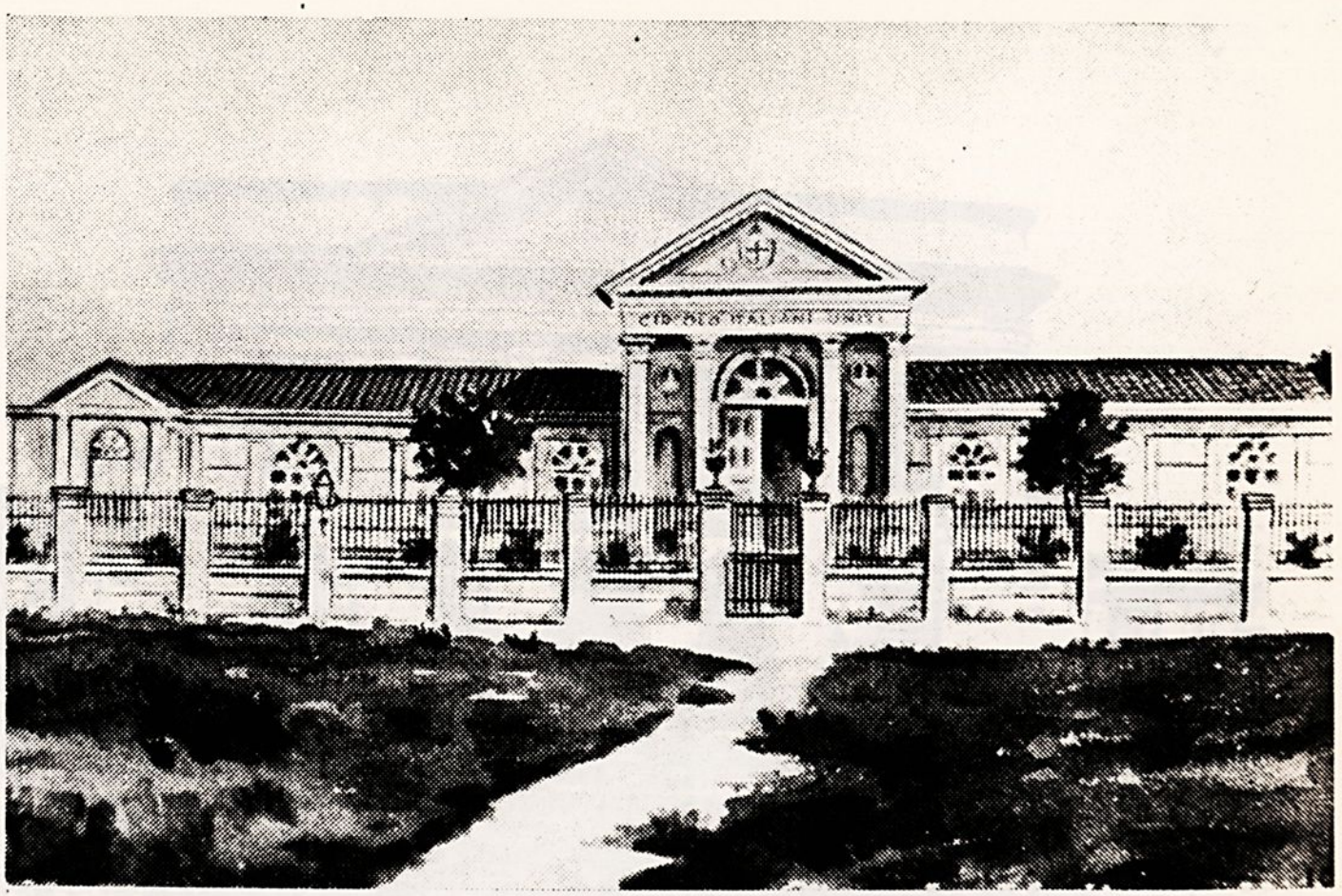
Escritórios da Cia Mogiana, 1899 (demolida);
foto de José de Castro Mendes.



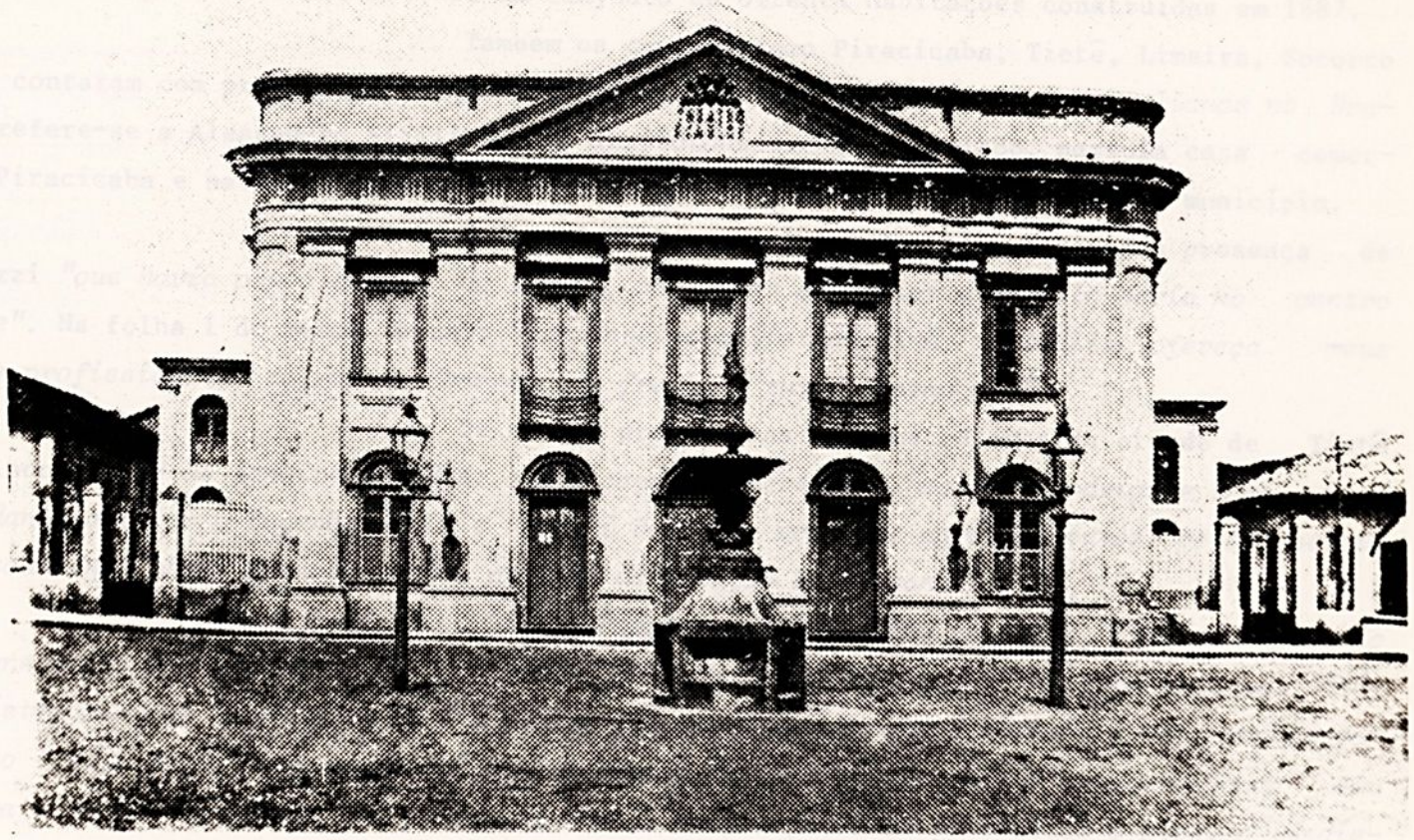
Catedral de Campinas, 1883; foto de José de Castro Mendes.



Casa de Registros,
Companhia Campineira
de Água e Esgoto(1887-1891)



Circolo Italiani Uniti - 1881, Campinas;
Arquivo da Biblioteca Municipal.



Teatro São Carlos, 1867
demolido em 1921 - Campinas
Arquivo da Biblioteca Municipal.

Em vários centros do interior do Estado de São Paulo figuram construções nobres e de caráter popular. Em Jundiaí o Núcleo Colonial Barão de Jundiaí era destinado aos imigrantes de Vêneto.Era um conjunto de oitenta habitações construídas em 1887.

Também os centros como Piracicaba, Tietê, Limeira, Socorro e Amparo contaram com projetistas e construtores italianos. Franco Cenni, em *Italianos no Brasil (7)* refere-se a Alessandro Siciliano, *"O abolicionista"* que, em 1888, possuia casa comercial em Piracicaba e havia construído casa de máquina de beneficiar arroz naquele município.

O *Jornal de Piracicaba*, 1901 (11), noticia a presença de José Piezzi *"que havia pouco chegado da Itália, construiu sua oficina de relojoaria no centro da cidade"*. Na folha 1 do mesmo jornal: *"carpinteiro artístico vindo da Itália, ofereço meus trabalhos profissionais, na rua do Comércio em frente a rua do Matadouro"*.

De alguns projetistas ou construtores da cidade de Tietê foi revelado: *"Em 8 de janeiro de 1884: a indicação do vereador Theotônio Rodrigues Lara Campos, mandando oficiar o Engenheiro Luiz Branchi Bertolo, votos de agradecimentos pelos serviços prestados nas obras do novo teatro próximo da estação Sorocabana"*.

O Diário Popular de 12.03.1885 anuncia: *"Tietê inaugura o teatro construído sob a direção do Sr. Branchi"*. O jornal *O Tietê* de 04.02.1904 noticia: *"Hábeis artistas Pasqual Lippi Benedicto e Vicente Banducci executaram a fachada e nela combinaram o românico (Idade Média) e o renascentista. A população não deve deixar de concorrer com seu óbolo para a concha da Matriz. Na parte interna do templo já estão concluídos o piso, o lindíssimo trabalho de mosaico combinado em cores, as grandes galerias que circundam o corpo central, o grande coro e as escadas". (19)*

Na cidade paulista de Limeira, Aurélio Cevatti é citado como responsável pela Igreja da Boa Morte.

"Quando o prorietário italiano se transferia para a casa da fazenda se esmerava na construção e decoração". Em Socorro, São Paulo, a antiga fazenda Santa Terezinha, antiga Glória, apresenta sede, casas de colonos, construções de 1893 pelo italiano, dono dos cafezais, José Paulino. O interior é decorado pelo também imigrante italiano ali radicado, João Peretto.(18)

No próprio estilo das moradias, tanto nas modestas quanto nas mansões residenciais *"aquela mesma saudade que o pequeno operário expressava com tijolo e alvenaria ao construir com as próprias mãos, com os primeiros ganhos a sua casa, à semelhança das que havia deixado, levava mais tarde os que haviam enriquecido a encarregarem arquitetos italianos a erguer suas casas". (31)*

"Se riscava a casa no chão, não se fazia planta, era tudo da idéia", esclareceu um *"muratore"* ao pesquisador Eduardo Carlos Pereira (18). Várias capitais do interior paulista contêm construções tanto de caráter popular como de arquitetura erudita sem diferença entre o construtor, mestre-de-obra ou empresário; nos pedidos e nos documentos não resultam claras as diferenças de atribuições. A construção, ou reforma de propriedades, principalmente na área rural, não apresenta plantas aprovadas e cadastradas nas prefeituras locais e portanto, torna-se desconhecida a autoria dos projetos.

Tem-se conhecimento de famílias italianas que se dirigiram ao interior de São Paulo e se organizaram no espaço rural. A Família Correr chegou no dia 31 de dezembro de 1881 na fazenda Sete Quedas, em Campinas, vinda de Romagnano, região trentina. Lá permaneceu com a *"família"* de Mattarello e de Sardenha, que depois rumaram para a região de Amparo. A família Correr permaneceu na Fazenda Sete Quedas até 1888 e segui-

ram para a formação de um espaço próprio: a Fazenda Santa Olímpia, hoje bairro Santa Olímpia em Piracicaba. (4)

Do *Bolletino Informativo del Circolo Trentino de São Paulo, L'Aquile del Trentino*, a informação: (12)

> *"há muito tempo partiu da Itália uma nave com 30 famílias, provenientes do vale de Trentino... Chegaram no Rio de Janeiro mas preferiram aceitar a oferta do então Visconde de Indaiatuba oferecendo uma boa sistematização em sua propriedade. Assim começa o primeiro núcleo trentino na Fazenda Sete Quedas no Estado de São Paulo e que se chamou Tiroles porque o passaporte foi dado por autoridade austríaca que naquela época dominava o sul trentino o Alto Adige".*

De Pádua, Itália, chega ao Brasil no dia 16 de março de 1887 o engenheiro-agrimensor Antonio Samadello (28). Trabalhou em construção civil na cidade de Rio de Janeiro e decide vir a São Paulo trabalhar na área rural. Em 17 de janeiro de 1889 casa-se com Celeste Candeo, vinda de Trieste. Trabalhou com escravos, em fazendas de São Simão, São Paulo e em seguida adminstrou durante oito anos a fazenda Sapecado em Cravinhos. Em 1899 chega à região Alta Sorocabana, próximo de Ilha Grande, hoje Ipauçu, onde plantou os primeiros cafezais da região.

Aplicou seus estudos realizados na Itália e planeja o programa da fazenda. Cuida da construção do monjolo, do engenho, e da formação de pastagens. Planeja a área arquitetônica, construindo as primeiras construções de trabalho: casa das máquinas, tulha e colônia, casa dos administradores, e a do proprietário Mezael Gonçalves; todas do seu *"próprio risco"*. Permaneceu Samadello e a família durante sete anos na fazenda Genoveva. Quando terminou seu contrato adquiriu com suas economias alguns lotes de terreno e planeja e constrói casa de máquinas de beneficiar café, arroz, fábrica de gelo, moinho de fubá e serraria. Toda sua família estabeleceu-se na região, suas propriedades tomaram quarteirões da cidade e o patriarca é nome de rua em Ipauçu, São Paulo. (29) A autora do presente trabalho é bisneta desse mestre italiano.



Família Samadello,
Ipauçu, 1924;
foto do arquivo de
família.



Antonio Samadello e Celeste Candeo Samadello, 1939; foto do arquivo da família.



Família Samadello, Ipauçu, 1939;
foto do arquivo da família.

Referências Bibliográficas

1) Arquivo da Câmara Municipal de Piracicaba:
Documentos Diversos caixas 1 a 48 (1850-1900)

2) Barco de Pancello, relatório ao Presidente da Grande Comissão Paulista instituída em 1869 pela Câmara de São Paulo.

3) Buarque de Holanda, S. Prefácio a Thomas Davatz. *"Memória de um Colono no Brasil 1850"*, São Paulo, Livraria Martins, 1941 p.9

4) Camargo, Marlisa Pinto. *"Santa Olímpia, Piracicaba - SP, Um Século de Vida de uma Comunidade de Imigrantes Tiroloses no Brasil"* , São Paulo, Instituto de Artes do Planalto - UNESP, 1987.

5) Campos Salles, Manoel. *"Mensagem Enviada ao Congresso Legislativo em 1897"*.

6) Coralli, Mario. *"Carcamanos e Comendadores"*, São Paulo, Atica, 1985 p. 41

7) Cenni, Franco. *"Italianos no Brasil"*, São Paulo, Martins Editora, s.d.

8) Diégues Jr., Manuel. *"Imigração, Urbanização e Industrialização"*, Rio de Janeiro, *Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais*, 1964 p. 232

9) Hunter, Lucy Maffei. *"Imigração Italiana em São Paulo"*, São Paulo, IEB, 1977 p. 21

10) Denis, Pierre. *"Le Brésil au XX sècle"*, Paris, Armand Colin, 1909

11) *Jornal de Piracicaba*, março de 1900 - 1901
Biblioteca Municipal de Piracicaba

12) *L'Aquile del Trentino*
São Paulo, nº 2, anol, 1981 p. 1

13) Laurens, G. Artigo para o *Europeu*, transcrito no Correio Paulistano, 17 de julho de 1907

14) Martinho Prado Jr. *"Discurso na Assembléia Legislativa Provincial em 17 de janeiro de 1888"*, citado em Berguelman, Paula. *A Formação do Povo no Complexo Cafeeiro - Aspectos Políticos*, São Paulo, Pioneira Editora, 1977, p.80

15) Martinho Prado Jr. Relatório à Diretoria de Promotoria de Imigração em São Paulo em 18 de novembro de 1887.

16) Monbeig, Pierre. *"Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo"*, São Paulo, Editora Aucitic e Polis, 1984, p.172

17) Mortara, Giorgio. *"A Imigração Italiana no Brasil"* (conferência mimeografada) IBGE, s.d.

18) Obras Particulares do Arquivo Histórico da Prefeitura, citado em Salmoni, Anita e Debenedetti, Emma. em *"Arquitetura Italiana em São Paulo"*, São Paulo, Perspectiva, 181, p.56-57

19) Pereira, Eduardo Carlos. Pesquisa citada em *"Contribuição dos Italianos na Arquitetura Brasileira,* São Paulo, p.66

20) Pires, Benedito. *"Cronologia de Tietê"*.

21) Pupo, Celso Maria de Mello. *"Campinas, Município no Império"*, São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1984

22) Rapporti di Rr. Agente Diplomatici e Consolari publicado em Ministeri degli Affari Externi, 1893

23) Rios, José Arthur. *"Italianos em São Paulo". Espírito, Povo, Instituição,* São Paulo, Pioneira Editora, 1968, p. 73-91

24) Rodrigues, Antonio Cândido da Secretaria da Agricultura ao presidente do Estado Francisco de Paulo Rodrigues Alves em 1900

25) Rodrigues, Antonio Cândido, relatório ao vice-presidente do Estado em 1901

26) Rodrigues, Edgar. *"Os Anarquistas, Trabalhadores Italianos no Brasil"*, São Paulo, Global Editora, 1984, p.18-20

27) Ronchi, Jacintha. Entrevista, Rio de Janeiro, julho de 1984

28) Salmoni, Anita e Debenedetti, Emma. *Arquitetura Italiana em São Paulo*, São Paulo, Duas Cidades, 1981, p.12

29) Samadello, Antonio. Carta à Carmelina Figliolia, 19 de março de 1942

30) Samadello, Artur. Entrevista Ipauçu, novembro de 1984

31) Toledo, Benedito Lima de. *"São Paulo: Três Cidades em um Século"*, São Paulo, Duas Cidades, 1981, p.73

32) Trento, Angelo. *Do Outro Lado do Atlântico. Um Século de Imigração Italiana no Brasil*, São Paulo, Nobel, 1989

33) Vitti, Guilherme. *"Correspondência Oficial da Câmara Municipal de Constituição*, Biblioteca Municipal de Piracicaba, s.d.

6. O "PALAZZO" RURAL ITALIANO

E A

CASA-SEDE DA FAZENDA PAULISTA

6. O "Palazzo" Rural Italiano e a Casa-Sede da Fazenda Paulista

"A nova, belíssima domus dominicales - a vida é construída pelos moradores das cidades..."(13)

A arquitetura rural italiana tem despertado, recentemente, a atenção e o interesse das pessoas no sentido do estudo da evolução do programa e partido dos edifícios das fazendas (7). Esta arquitetura emergiu no Renascimento, integrando formas rurais e clássicas. No entanto, uma inovação, ou melhor, uma adaptação técnica deu-se, no século XII: o **"palazzo público"** da itália, centro-setentrional, dá origem popular ao elemento **"domus"** e o edifício da nobreza feudal revela-se, no modelo de residência rural da época. É um momento significativo, na História da Arquitetura Medieval italiana: a passagem do castelo à vila. De uma fortificação para a defesa, destinada ao acolhimento dos habitantes dos burgos para um espaço de moradia familiar. Importante, na arquitetura **"extraurbana"**, foi a retomada do espírito renascentista através do espaço da vila com jardim, pomar e bosque. As regras da perspectiva, da harmonia, da simetria influenciaram diretamente na planificação da urbanização das vilas. O jardim **"à italiana"**, responde às regras da geometria, onde o ornato e o cromatismo das plantas devem obedecer a precisas tonalidades e gradações.

A construção típica das propriedades rurais italianas que emergiram no Renascimento demonstra elementos de formas clássicas, adaptadas à arquitetura local. Estas construções da vila do Renascimento foram identificadas e catalogadas por seus tipos de construção. A residência rural dos proprietários das regiões de Toscana, Lácio e de Veneza foi chamada **"casa da signore"**. Permanecia o elemento torre para a arquitetura rural, derivada dos castelos do último período do século XIV. (7)

Os teóricos do Renascimento como Palladio, Serlio, Ammannati, Vasari produziram diversos desenhos para habitações rurais de diversos tipos. Desenharam para a casa do arrendatário, a *"casa da lavoratore"*, *"casa da signore"* e *"casa colonica"*.

O termo *"casa colonica"* não foi usado antes do século XIX e designa a casa daquele que reside na fazenda: a casa do agricultor. Escalas e proporções diferem nas construções dos edifícios das fazendas. A predominância do grande espaço central de distribuição dos demais espaços da casa é uma das características da *"casa da signore"*.

No século XVI dois elementos tipificam a arquitetura rural: as torres e a *"colombara"*, um espaço central entre o telhado acima do segundo piso. Leonardo da Vinci desenhou em 1505 e 1507 edifícios com torres nos cantos dos edifícios e a *"colombara"* com detalhes ornamentais.

O desenho de 1516 de Rafael para a *"casa da signori"* é similar ao de Leonardo. O projeto de Rafael para a casa da vila rural foi precedido de um desenho para o Palácio Alberini em 1544 com torre central, elemento típico do palácio urbano; o plano foi rejeitado e aproveitado para a arquitetura rural. (13)

O elemento principal da vila é o edifício central; deve ser um monumento arquitetônico que pode mudar conforme o gosto estético, mas deve sempre manter a capacidade de estar na fórmula matemática. A escada externa abre-se para uma cenografia e suscita no espectador admiração e êxtase. (13)

O estudo de Enrico Guidoni demonstra que a agregação de escada externa no edifício público urbano se dá na arquitetura rural. Na região apenina e região central da Itália, o elemento escada externa em pedra ou madeira *"é preciosa interferên-*

INSTITUTO DE ARTES - UNESP BIBLIOTECA

cia da tradição popular local". (7)

A vila romana do Cinquecento difere na divisão de vila, habitação e espaço de serviços: a fábrica, o serviço de grãos e despensa. Em 1569, Vignola desenhou a Vila Lante para o Cardeal Gianfresco Gambore. Despida de elementos clássicos internos, foi descrita como *"uma bela casota rústica". (11)*

A vila como signo de cultura, riqueza e poder atraiu grandes arquitetos nos seus projetos: Bramante, Peruzzi, Rafael, Michellozzo, Giuliano Sangallo, Vignola, Vasari, Giulio Romano, Giacomo Della Porta, Bernini, Borromini e pintores como Andrea Del Sarto, Veronese, Federico Zuccari, Giambatista Tiepolo.

Andrea Palladio projetou a vila Rotonda, próxima de Veneza, demonstrada pela datação de termoluminescência, com início da construção em 1575, com reformas e acréscimos até 1765; é difundida como representante da típica vila rural veneziana. O andar térreo foi usado para serviços domésticos ligado por escadas, ao pórtico. A parte acima do térreo é usada para moradia da família e o último andar como depósito de grãos. (5)

A parte considerada mais importante do edifício principal da vila é o átrio, coração do edifício, que deve ser decorado com pintura; a seguir, a sala de refeições e os quartos. No meio do átrio abre-se o vestíbulo suficientemente iluminado. Após a sala de refeições estão a cozinha e despensa. *"O caminho a percorrer até a mesa não deve estar exposto a intempéries, nem ser de difícil acesso, nem contaminado pela imundice". (13)*

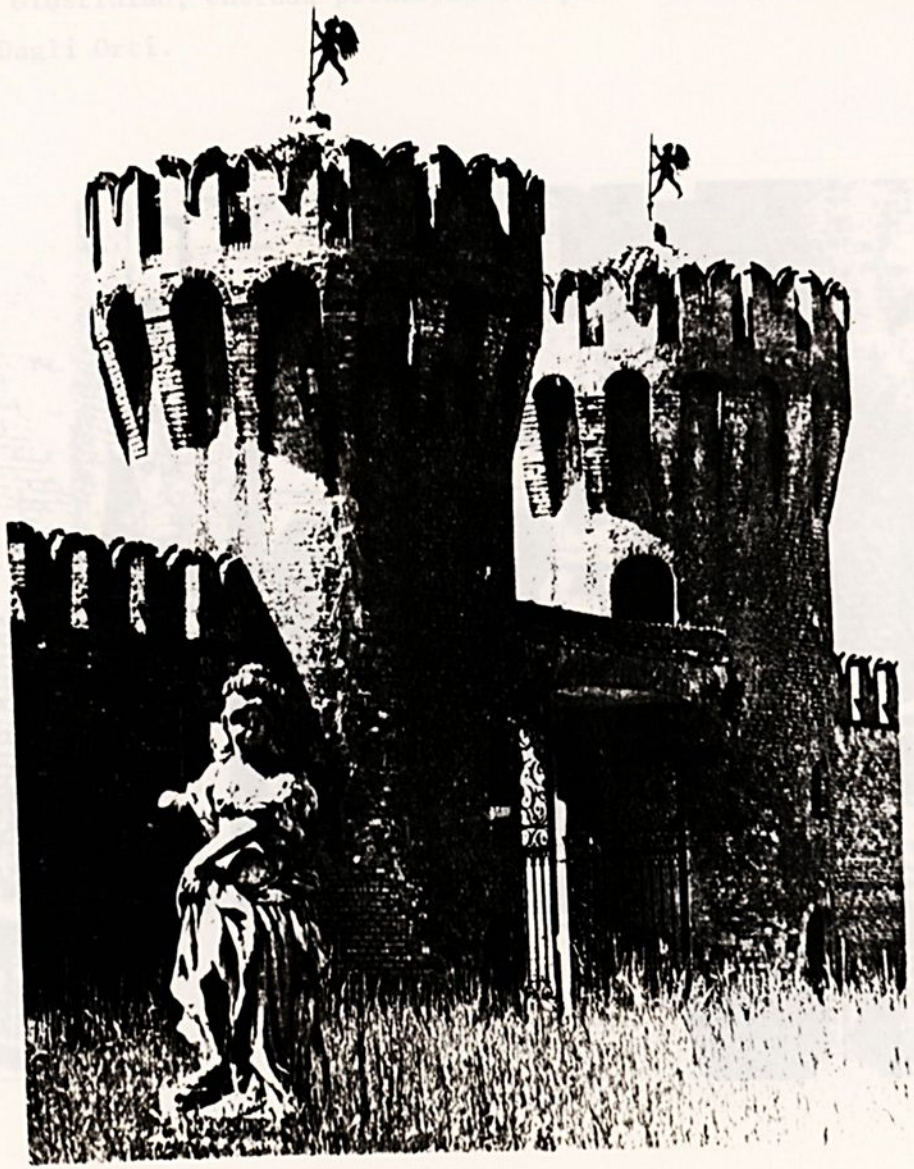
Nos quartos, a câmara do leito do marido e da mulher devem ser separados *"para quando a mulher estiver doente não pertubar o cônjuge". (13)*. O leito deverá estar em lugar bem protegido, isolado dos rumores da casa. Próxima ao quarto da mulher deve estar o filho mais velho; as moças dormirão em cubículos sem janela, próximas da ama. O quarto de hóspedes ficará vizinho ao vestíbulo.

A riqueza e originalidade da arquitetura depende, em grande parte, de autonomia econômica da família.

A técnica construtiva italiana rural não variou de modo significativo; sustentou a caracterização regional. O emprego da pedra está presente na grande maioria das construções, assim como também a junção pedra, madeira e tijolo, conforme a região. A presença de determinado tipo de material não é um fato isolado mas resultado apresentado em determinadas comunidades e regiões.

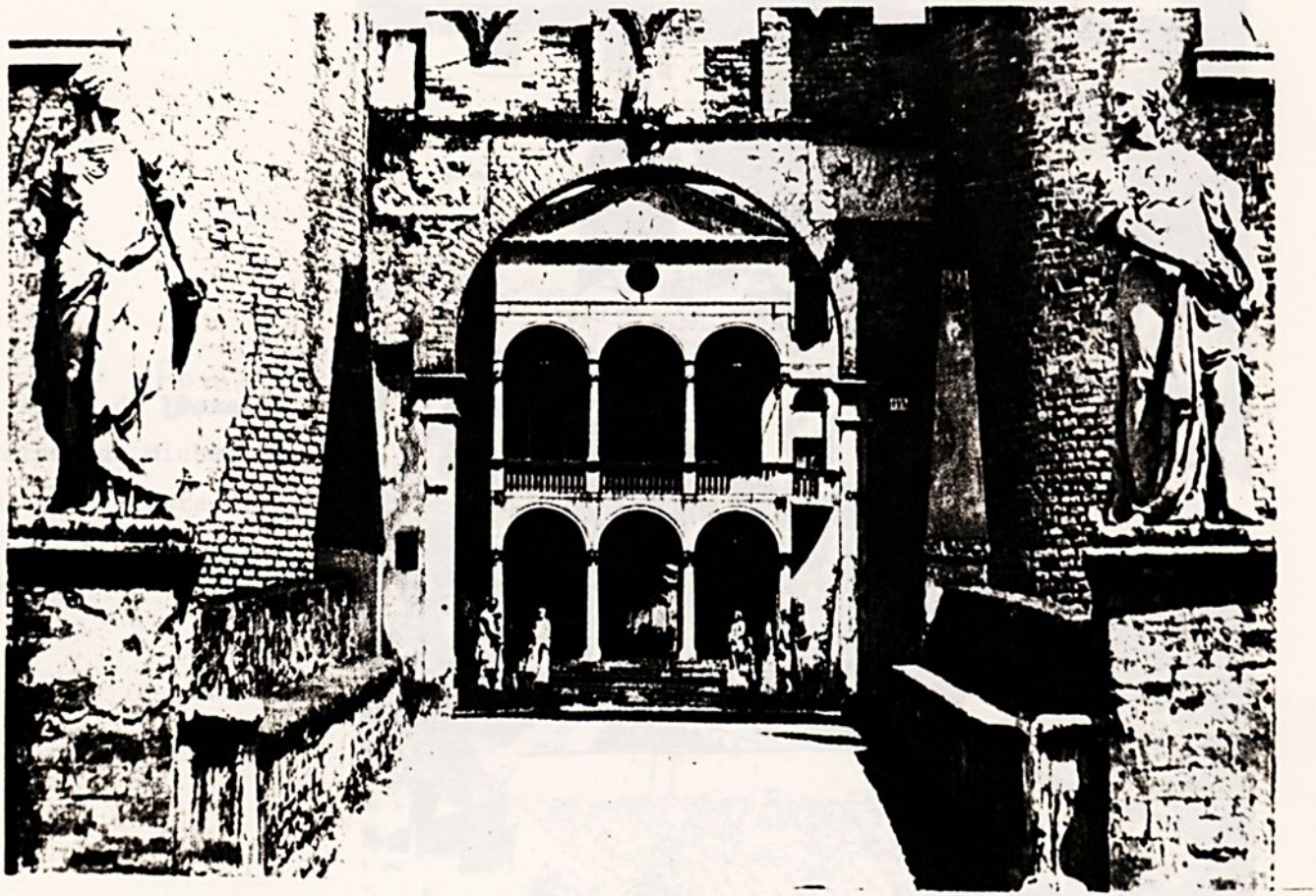
O estudo de James S. Ackerman demonstra que Sebastiano Serlio, em 1537 pratica a *"rusticidade"* no desenho das colunas em ordem toscana, que reflete a dialética entre a natureza e a cultura característica do período pós-clássico da geração de desenhistas do século XVI (1). Sebastiano Serlio ressalta as variedades de rusticidade feita em alvenaria. A chamada rustificação nos edifícios do alto Renascimento introduz o portal, o piso térreo e as quinas. As colunas se introduzem nas paredes do edifício.





Vila Castelo de Giustinian, vila veneziana construída no fim do Quatrocento sobre a área de um castelo da família Sanzi. Um muro com torres e ponte levadiça na estrada circunda a vila. Vila rural com residência e centro de atividade artística.
foto de Gianni Dagli Orti.

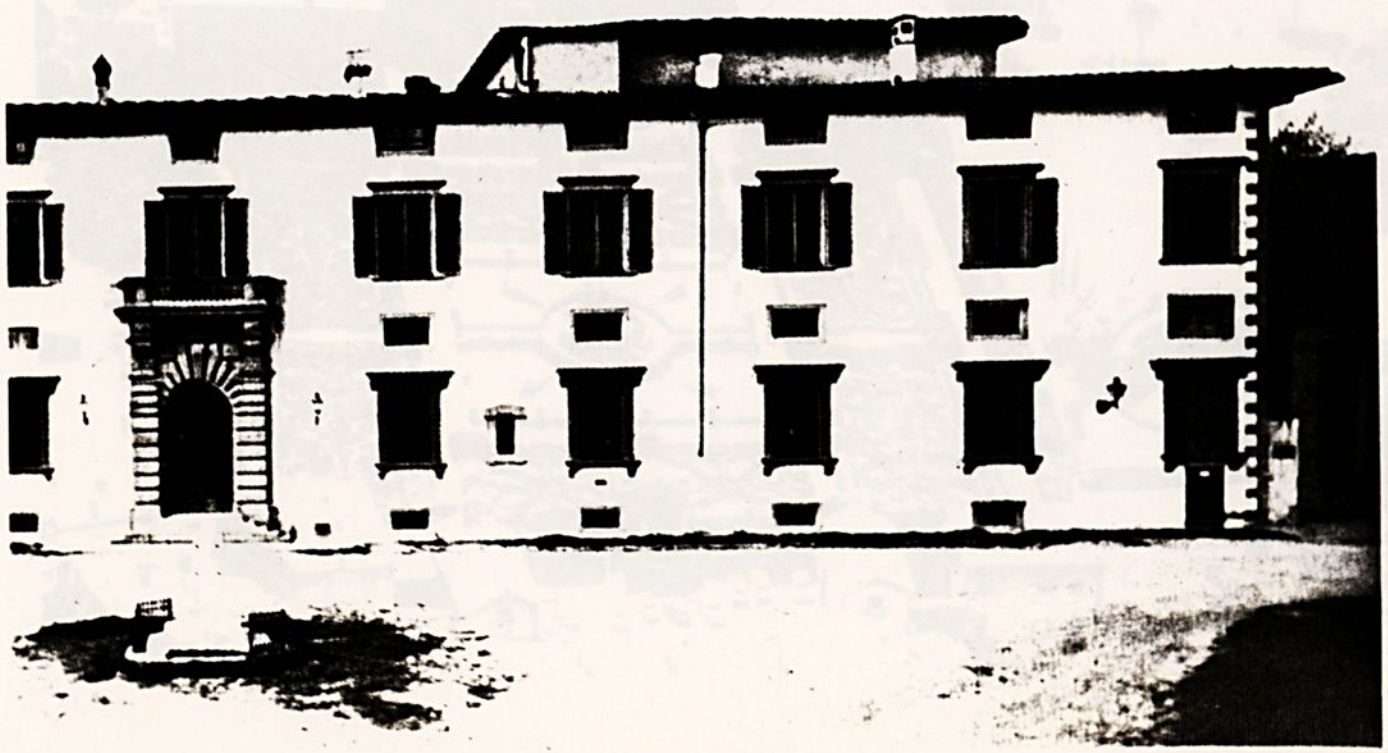
Vila Castelo de Giustinian, entrada principal com ponte levadiça;
foto de Gianni Dagli Orti.





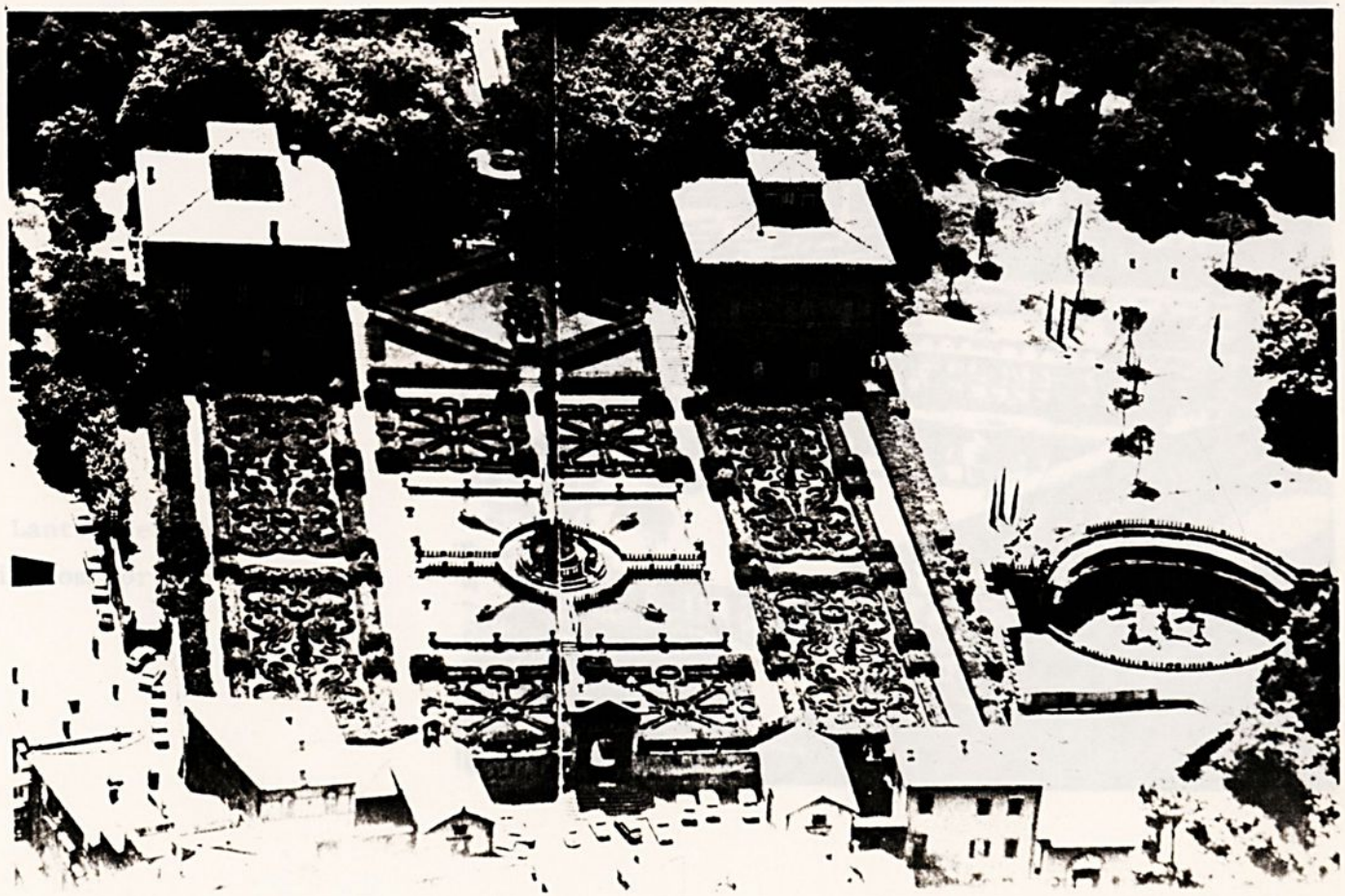
Vila Medici, região de ~~Florença~~ Roma;
edifício principal de Michelloz_o,
construída em 1460-70 para Giovanni Medici.
foto do autora

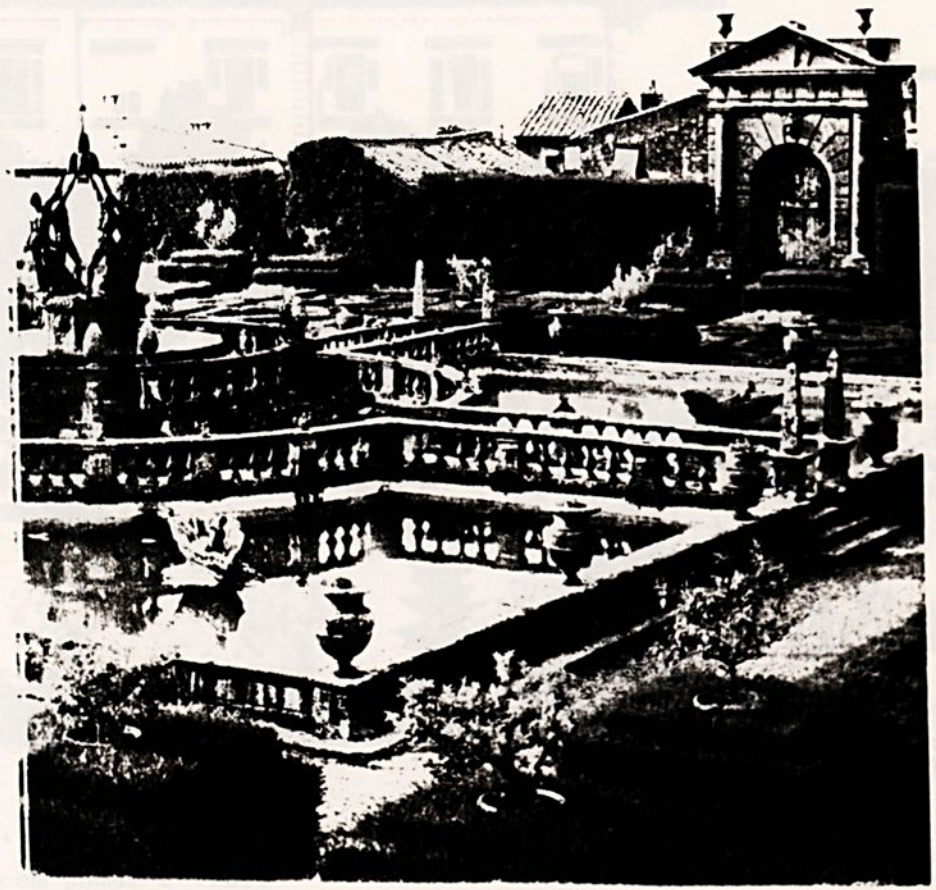
Vila de Castelo, região Toscana; edifício principal reformado em 1480, com características do Quatrocento: fachada imponente nas dimensões mas traduz formas arquitetônicas simples; janela com cornija e portada de pedra com balcão.
foto da autora.



Vila Lante, região do Lácio; dois palácios com *"columbara"*; jardim e fonte na parte central foi idealizada por Vignola, com construções de trabalho, bosque e pórtico de entrada.

foto de Antonio De Gregório





Vila Lante, detalhe do jardim com pórtico.



Vila de Poggio Imperiale, região Toscana;
Edifício quatrocentista com pomar e videira.
Pertenceu a Cosimo I de Medici.

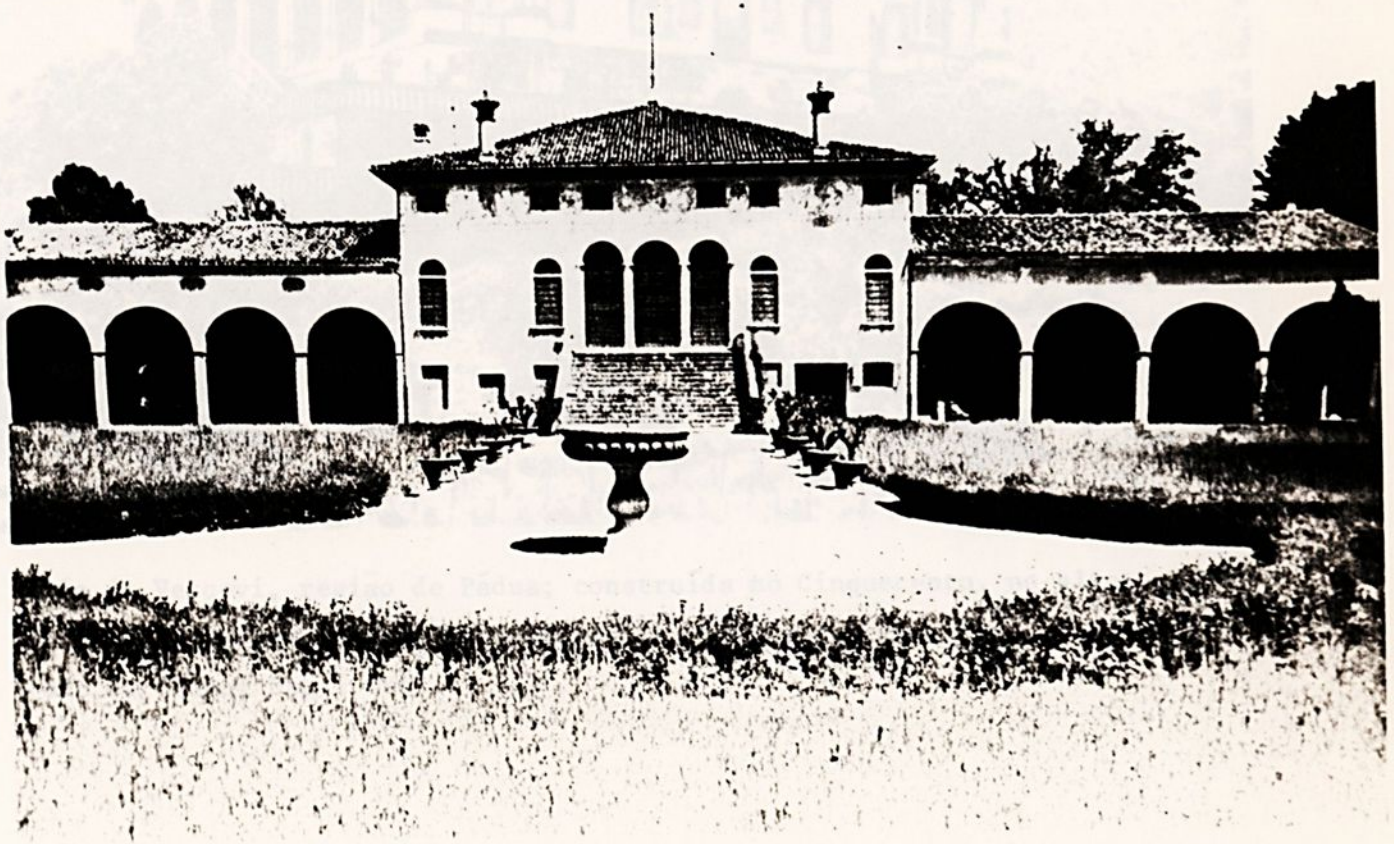
Vila Farnese, região do Lácio; vila do Cinquento.
Um dos edifícios no centro do jardim, *"loggia"*
superior em arco com colunas decoradas;
foto da autora.

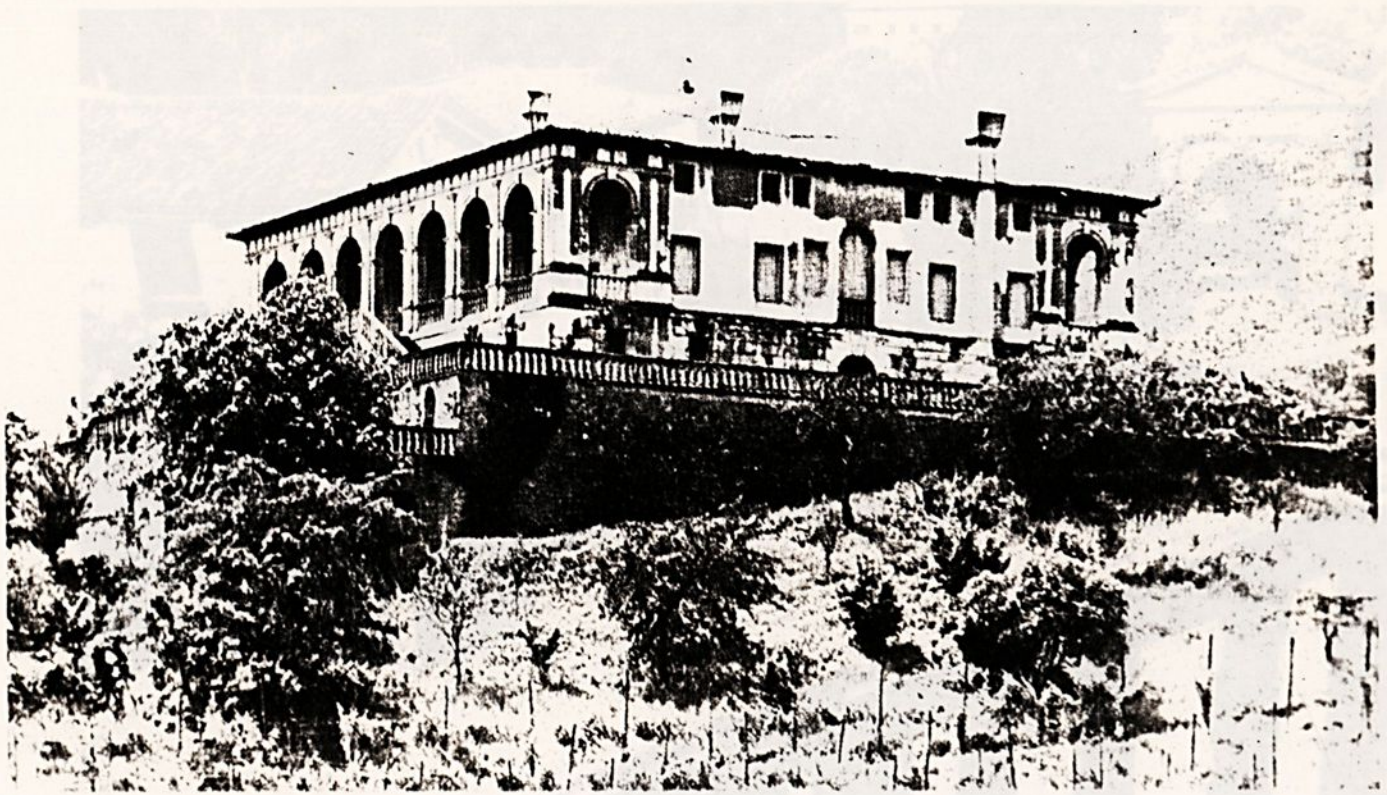


Vila Godi Valmarana, região Toscana; edifício principal construído em 1540, desenho de Andrea Palladio.
Apresenta corpo central com escada, duas *"barchesses"*, *"loggia"* com três arcos e dois corpos laterais.
foto da autora.

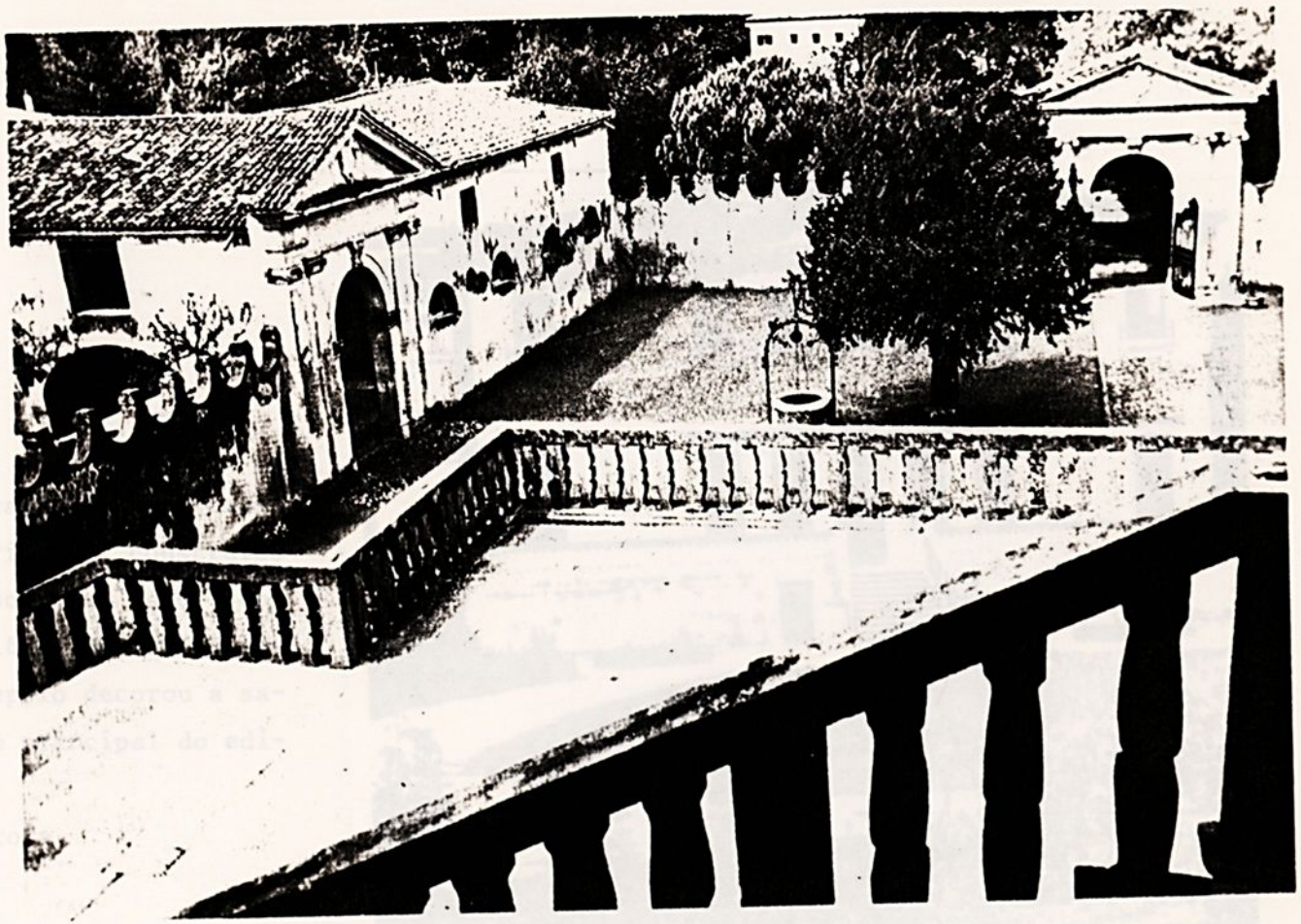


Vila Agostini Giavera del Montello, vila veneziana do início do Cinquento, fonte no centro do jardim, edifício central com escadaria, ladeado de espaços com abertura, colunas e arcadas.
foto de Gianni Dagli Orti





Vila de Vescovi, região de Pádua; construída no Cinquecento, no alto do terreno, sobre terraço, circundada por muro com balaustres.
foto de Gianni Dagli Orti.



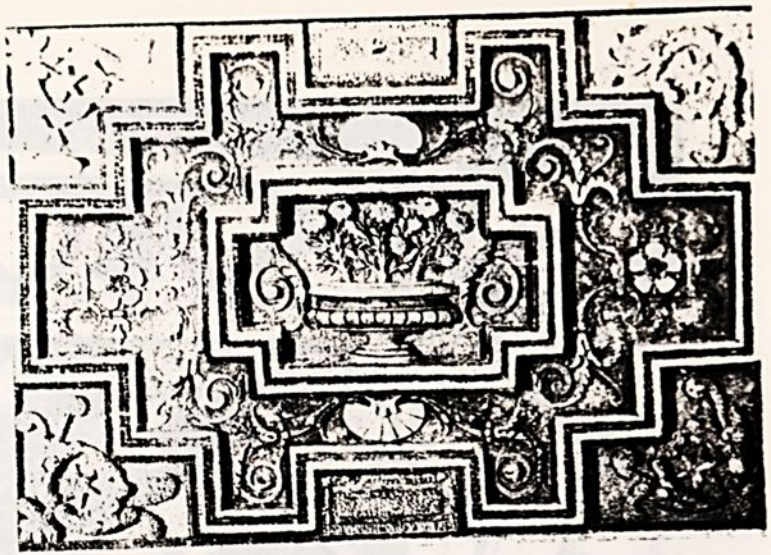
Vila de Vescovi, região de Pádua.
Pórtico de entrada ao jardim, poço
central e árvores frutíferas.

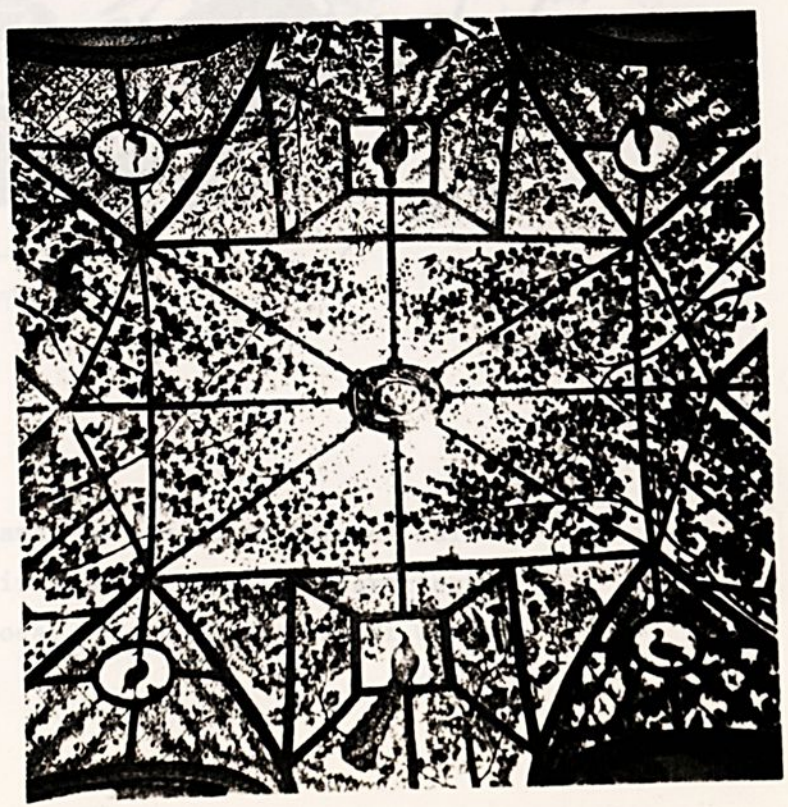


Vila Valmarana, vila Toscana; edifício principal construído no jardim sobre um adro com colunata, 1669. Em 1757 Giambatista Tiepolo decorou a sala do corpo principal do edifício;
foto da autora



Vila Garzoni, construída em 1536-37 por Jacopo Sansovino. Ao centro, junto à entrada principal do edifício, está a fonte.
foto de Gianni Dagli Orti





Vila Aldobrandini, região do Lácio; decoração do teto da sala por Domenico Passignana entre 1616 e 1618.



Vila Rezzonico, vila Toscana; decoração do teto da sala com pintura cenográfica circundada com motivo característico da cultura tardobarroca; foto de Gianni Dagli Orti

Vila Magia de Quarrata, região de Florença
Edifício principal maneirista tendo à frente jardim com fonte, escadas e pórtico de entrada;
foto de Antonio De Gregório

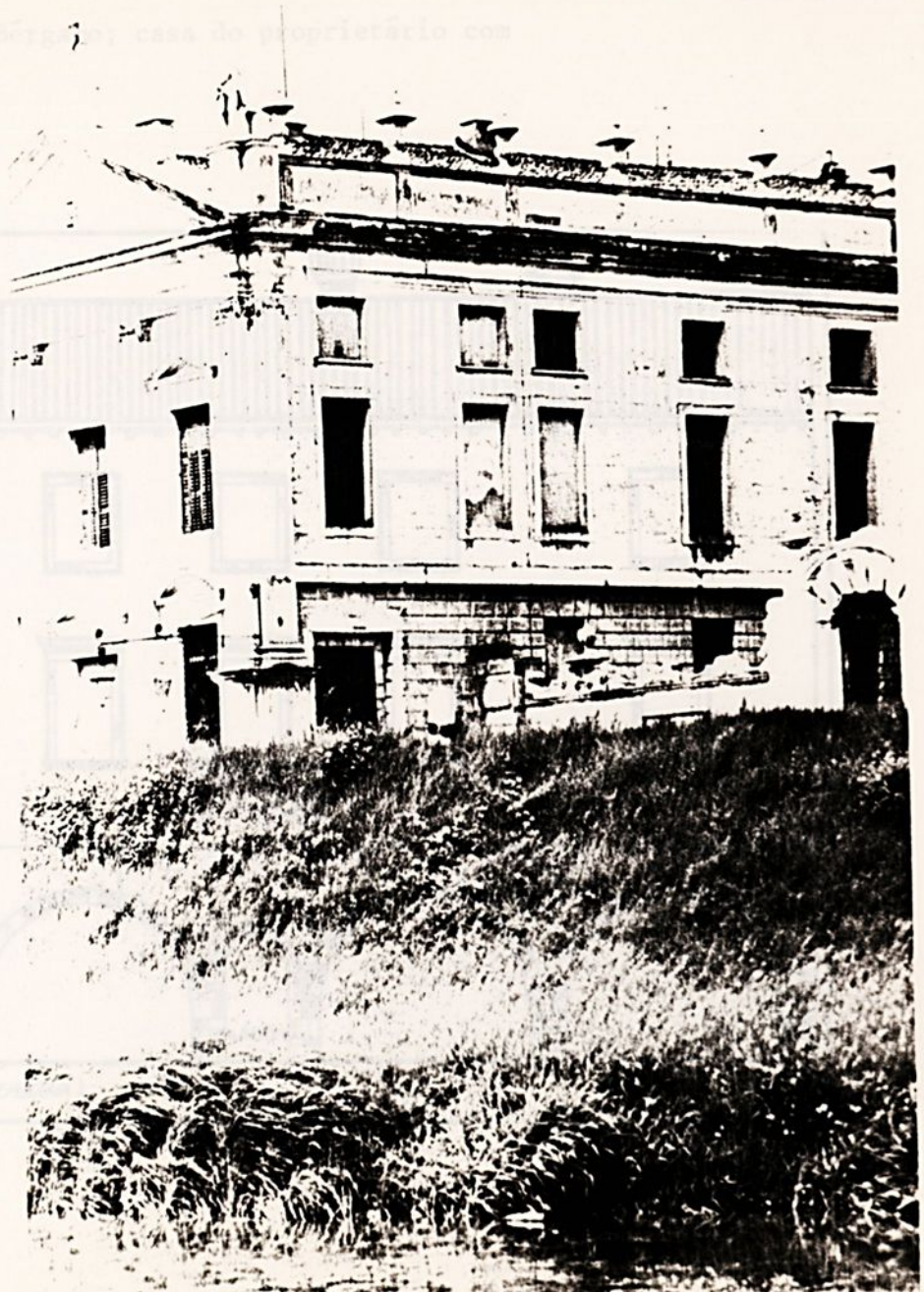




Vila Marcelo, região Vêneta, de origem no Cinquecento e reformado no Setecento.
O edifício central está à frente do jardim com degraus em convite, parede em pedra, parte superior com meias colunas, cornijas sobre as janelas, frontão com acrotério, ao lado do edifício duas *"barchesse"* que se abrem para o jardim.
foto de Gianni Dagli Orti

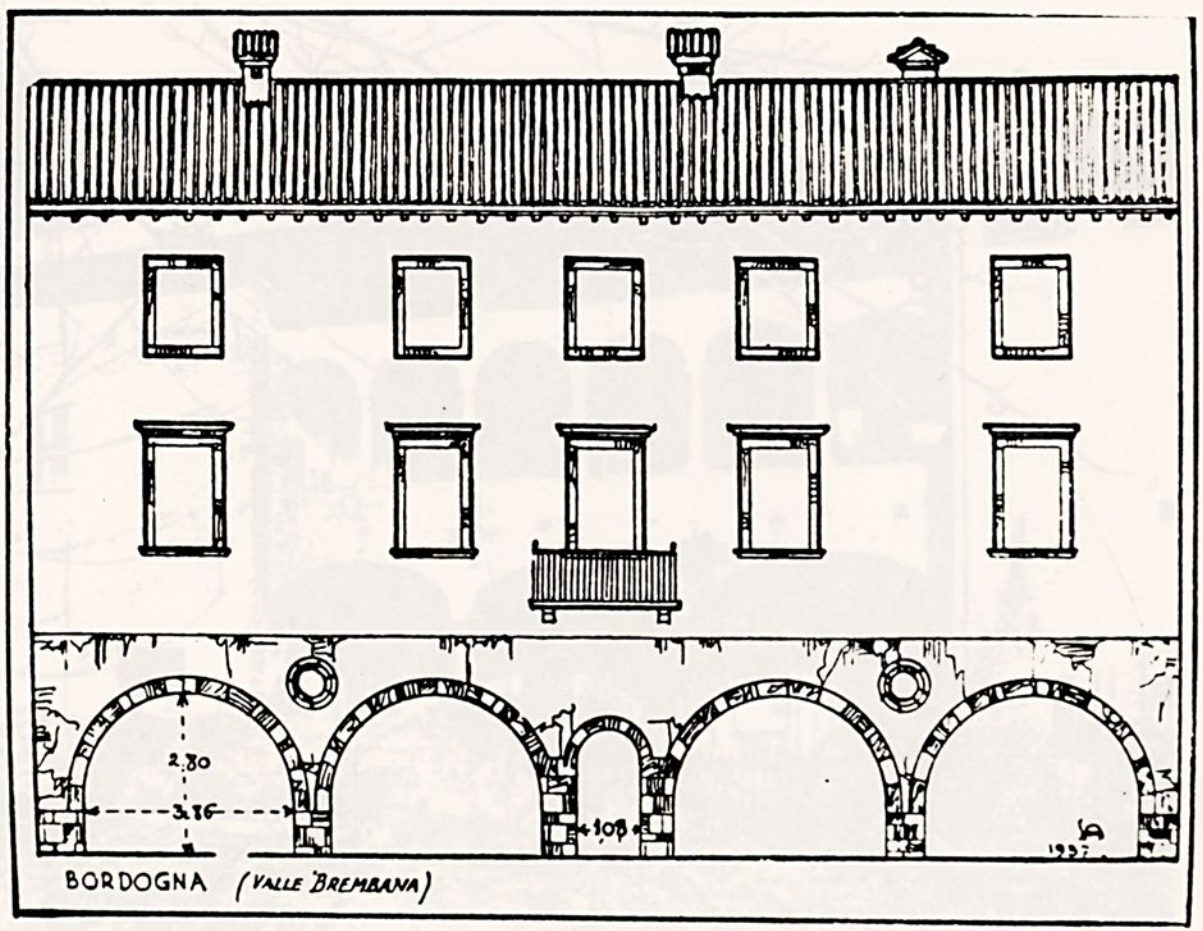
Vila Conti, região Vêneta; iniciada em 1622, desenho de arquiteto anônimo.
Edifício principal com amplo pórtico sustentado por colunas, tendo à frente o jardim;
foto de Gianni Dagli Orti



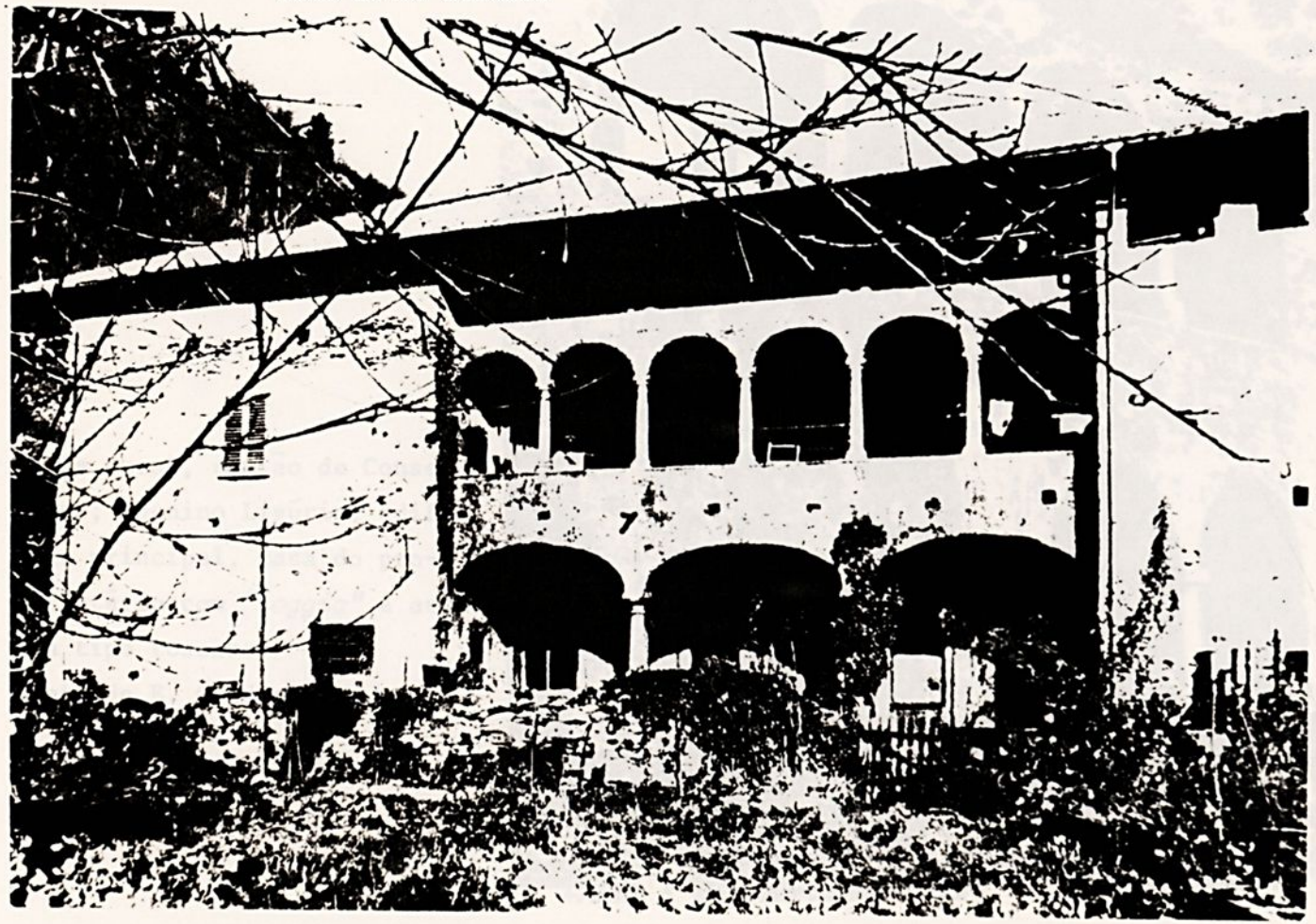


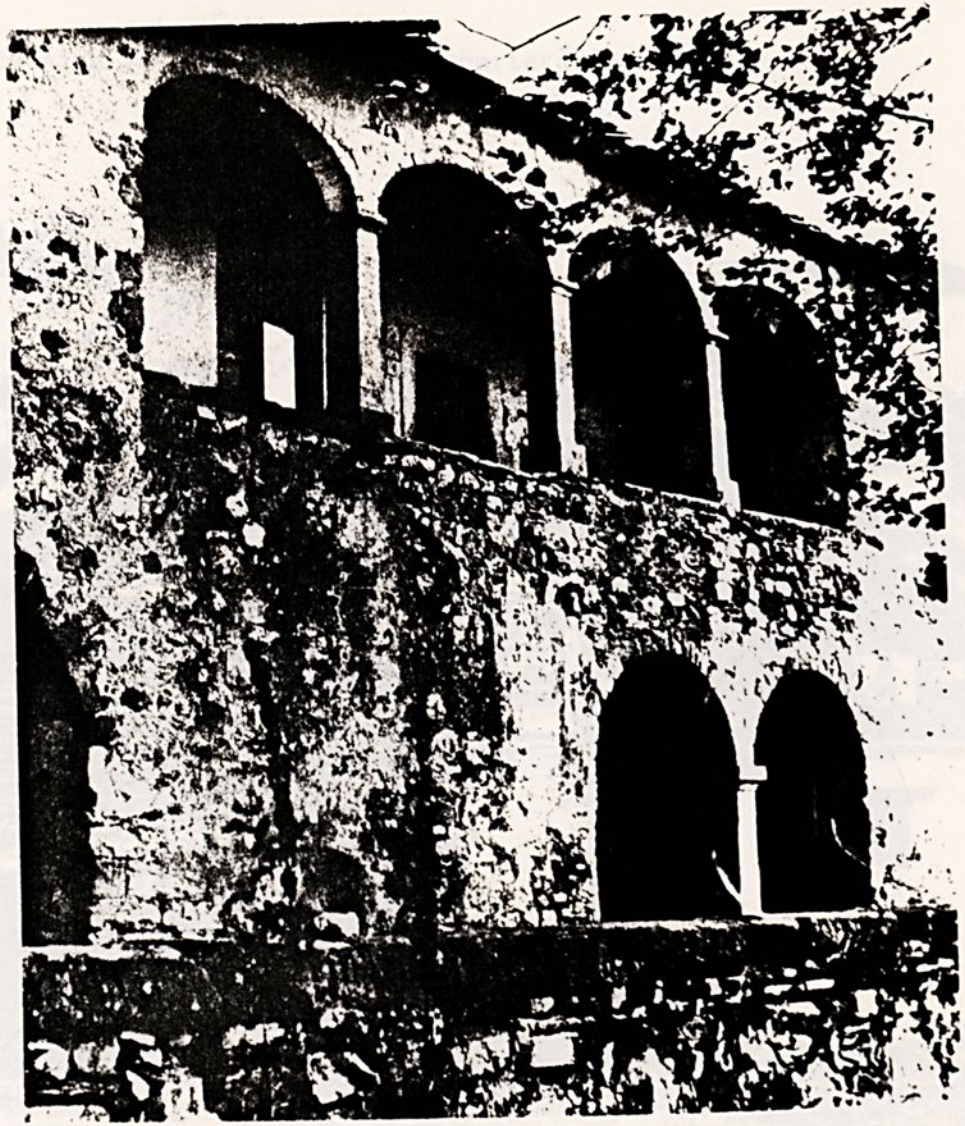
Vila Pisani, região Vêneta; detalhe lateral de edifício principal junto ao rio.
Edifício do Setecento, de planta regular com soluções plásticas neoclássicas;
foto de Gianni Dagli Orti

Vila rural, região de Bérgamo; casa do proprietário com pórtico fechado;
desenho de E. Guidoni



Vila rural, região de Consentino, Apenino Ligúrio;
"loggia" e arcada tipo toscana, séc. XVI-XVII;
foto de E. Baldari

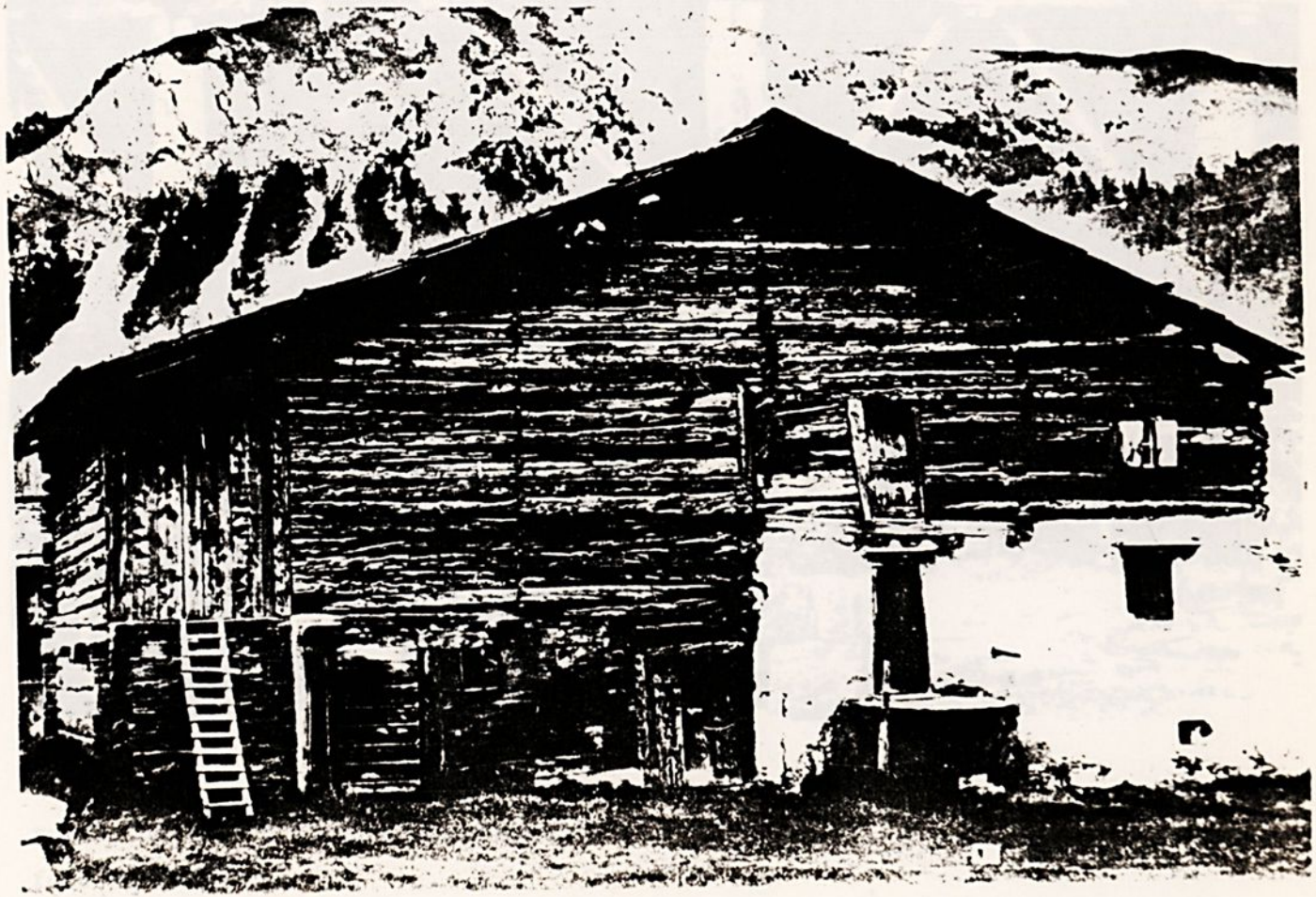




Vila rural, região de Consentino; Apenino Ligúrio; edifício principal, casa do proprietário com *"loggia"* e arcada tipo toscano.
foto de E. Guidoni

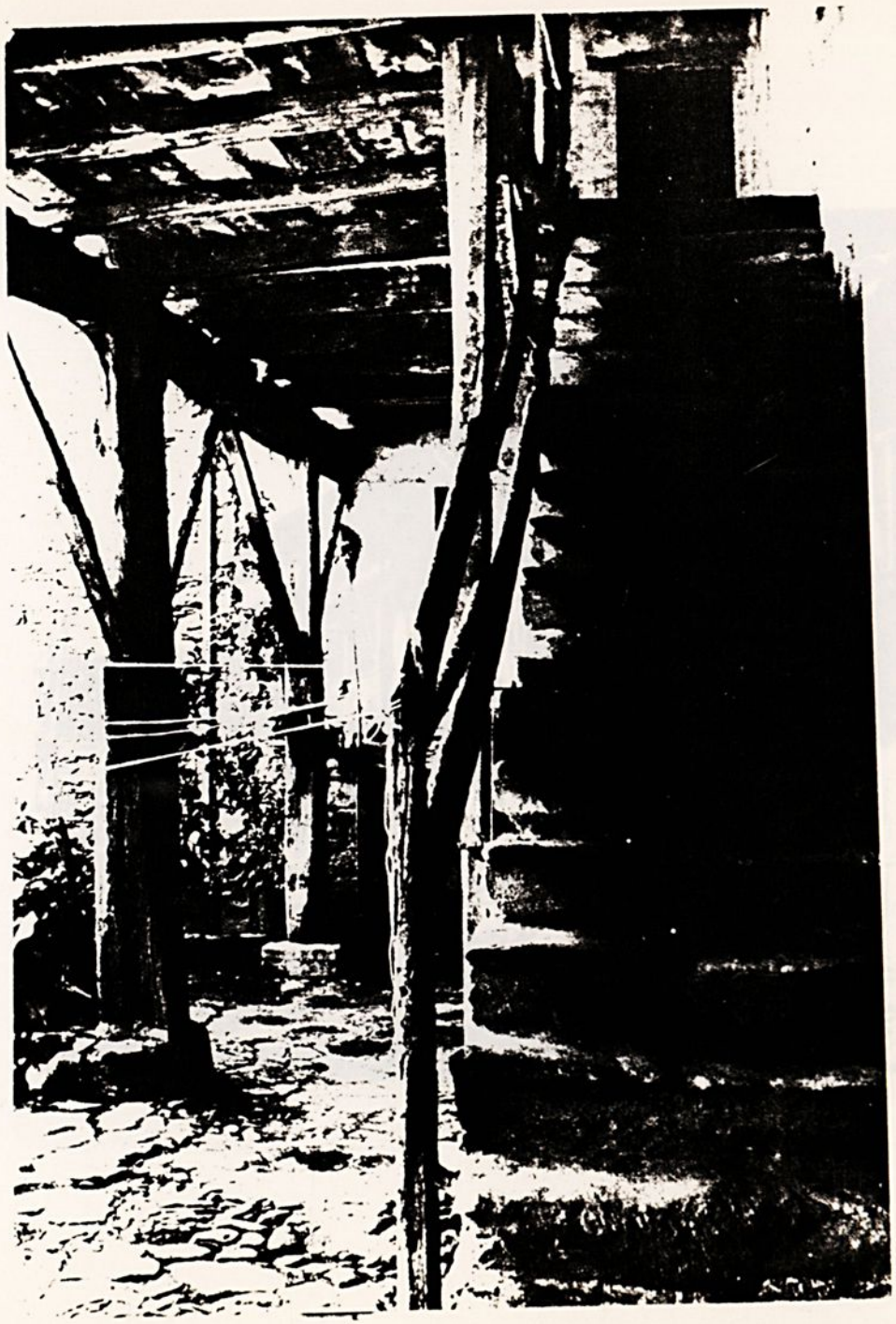
INSTITUTO DE ARTES - UNESP
BIBLIOTECA

Vila rural, região de Alta Valcellina, casa do proprietário em madeira e pedra;
foto de Monti





Vila rural, região do Apenino Bolonhense; casa do proprietário rural, pórtico e *"loggia"* em madeira;
foto da Maubra.



Vila rural, região do Apenino Bolonhense; casa do proprietário com escada, balcão e *"loggia"* em madeira.
foto de Guidoni

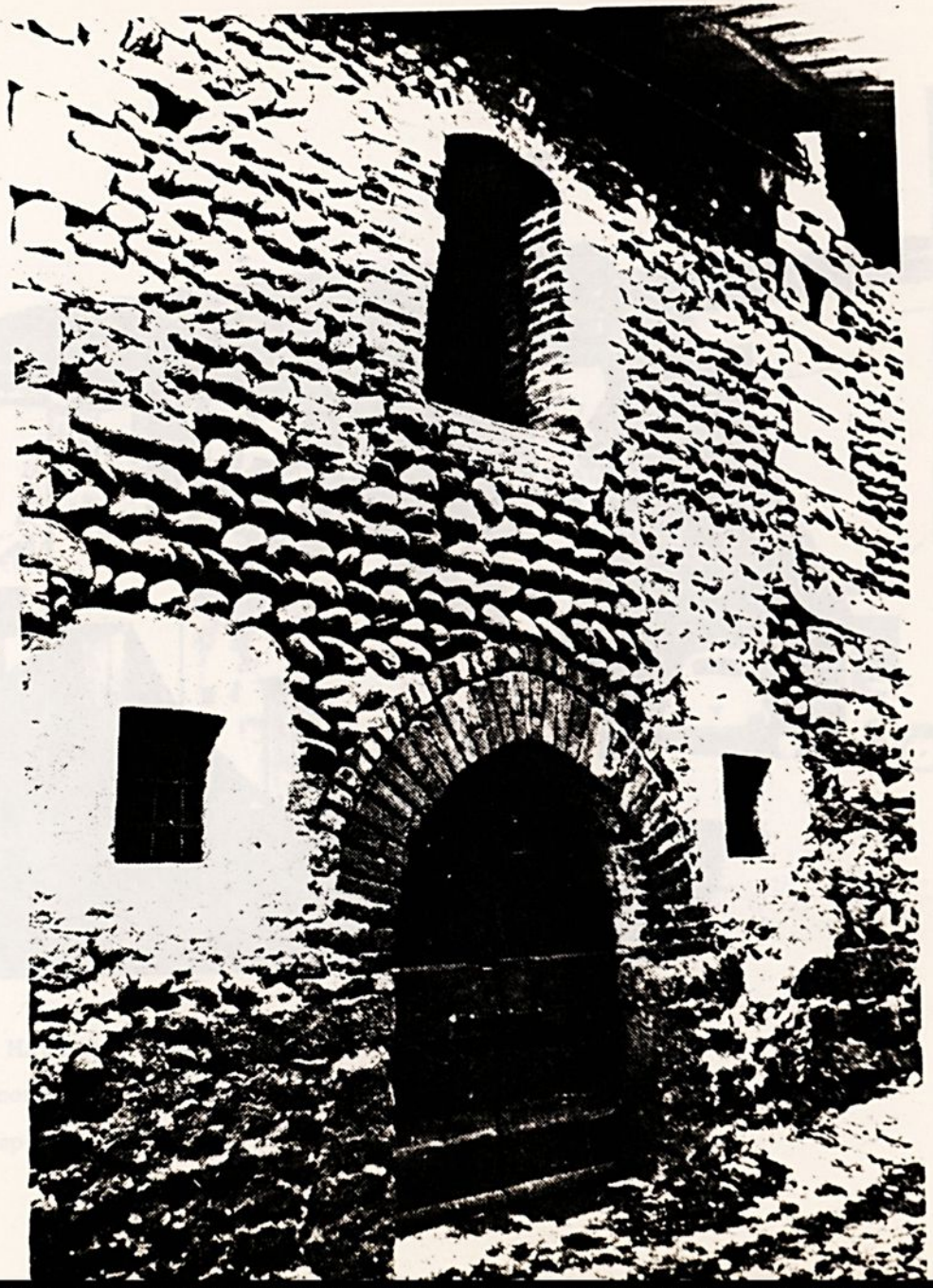


Vila rural, casa com balcão, *"loggia"*; Apenino Bolonhense

foto de ~~Alinari~~ da autora



Vila rural, região de Trieste; casa do proprietário com balcão em madeira;
foto de Zainer



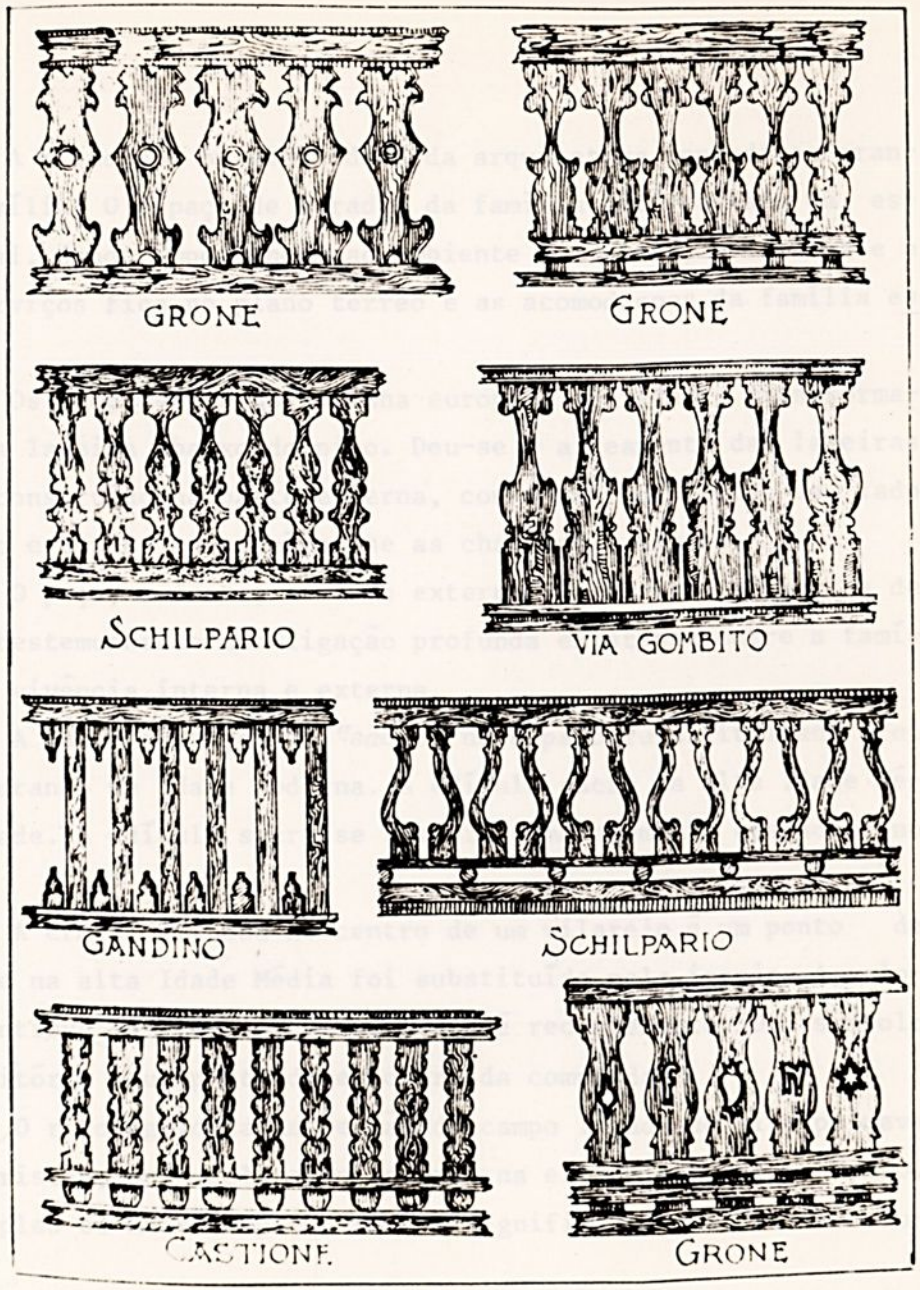
Vila rural, região de Piemonti, edifício principal em pedra;
foto de E. Guidoni



Vila rural, região de Maremma, Toscana;
escada externa, o elemento de arquitetura rural;
coluna com capitel compósito;
foto da autora.



Vila rural, região do Apenino Bolonhense;
janelas com cruz, rosa e inicial do proprietário;
foto de Monti



Vila rural, região do vale Bergamasco; balcões em madeira.

A riqueza e originalidade da arquitetura depende em grande parte da autonomia econômica da família. O espaço de moradia da família está baseado na estrutura espacial do antigo, tradicional, dando importância ao ambiente de dormir, a cozinha e o espaço sacro. A área destinada aos serviços fica no plano térreo e as acomodações da família estão no andar superior.

Os componentes da cozinha européia sofreram transformações. O primeiro tipo de fogão era uma lareira abaixo do piso. Deu-se o alteamento das lareiras e em algumas cozinhas o forno ficava construído na parte externa, com a entrada (boca) ao lado da lareira. A fumaça saía pelo telhado e depois construíram-se as chaminés - torres.

O poço, a fonte, o forno externo representam elementos de alta significação no ambiente rural, testemunhando uma ligação profunda existente entre a família e vizinhança estabelecendo grande vivência interna e externa.

A caracterização do *"sacro"* no espaço rural italiano foi determinante an alta Idade Média perdurando na Idade Moderna. A edícula sacra na alta Idade Média se transferiu do campo para a cidade. A edícula sacra se inseriu como elemento essencial no espaço rural. (7)

A ermida situada no centro de um vilarejo é um ponto de agregação e uso da comunidade local, e na alta Idade Média foi substituída pela igreja. A colocação de uma cruz, em lugar sacro, continua na alta Idade Média e até recentemente. O símbolo da cruz é usado como proteção do território e um ponto de encontro da comunidade.

O rito agrícola da benção do campo ligado ao rito primaveril pagão é substituído, no período cristão, pela colocação da cruz na extremidade de um campo. Da cruz de madeira ao tabernáculo simples ou mais complexo está o significado do sacro na comu-

truiu e usou a edícula religiosa e a comunidade de um vilarejo com uma paróquia. As edículas apresentam variações, na arquitetura popular apresentam pequena capela, no espaço de cemitério de determinada família. A área pode servir para perigrinação e como edícula votiva (7). O material pode ser pedra, alvenaria, madeira ou ferro.

Enrico Guidoni apresenta um trabalho complexo, estabelecendo a relação das festas e ritos de procisão das comunidades, com diversas regiões da Itália. É perfeita a integração do indivíduo na comunidade. (7)

A edícula sacra externa é produto de uma sedimentação histórico-tradicional de determinada comunidade rural. Pelo particular motivo do isolamento com as cidades, seu estilo arquitetônico está ligado ao material e técnicas locais. É significante para a região a **"edícola-sacra-fontani"**, com inscrição sobre a lápide.

Em todo o ambiente rural italiano, desde a época medieval,os signos sacros estão presentes como proteção territorial. Muitos estudos indicam a importância e a difusão da crença na existência demoníaca do mundo rural. A concreta presença do diabo, uma força ativa e modificadora da paisagem, está presente em determinados territórios e a comunidade convive com esta imagem, interpretando-a e sacralizando-a. A figura apotropaica em pedra ou estuque faz parte dessa arquitetura rural.

É evidente a Arquitetura, sem arquitetos e a Engenharia, sem engenheiros na maioria das regiões rurais italianas. A produção arquitetônica rural é trabalho do próprio território, com colaboração intercomunitária. Isto se dá também na construção de estradas, nas plantações, na conservação e melhoria urbana.



Vila rural, região de Valcellina; interior da casa dos empregados; foto de E. Guidoni



Vila rural, região de Valcelina; interior da casa dos empregados; foto de Zannier.



Vila rural, região de Mezzogiorno; capela de proteção do espaço; foto de Faeta.



Vila rural, Sicília Ocidental; edículas sacras; foto de E. Guidoni.





edículas sacras, região de Roma; foto da autora.

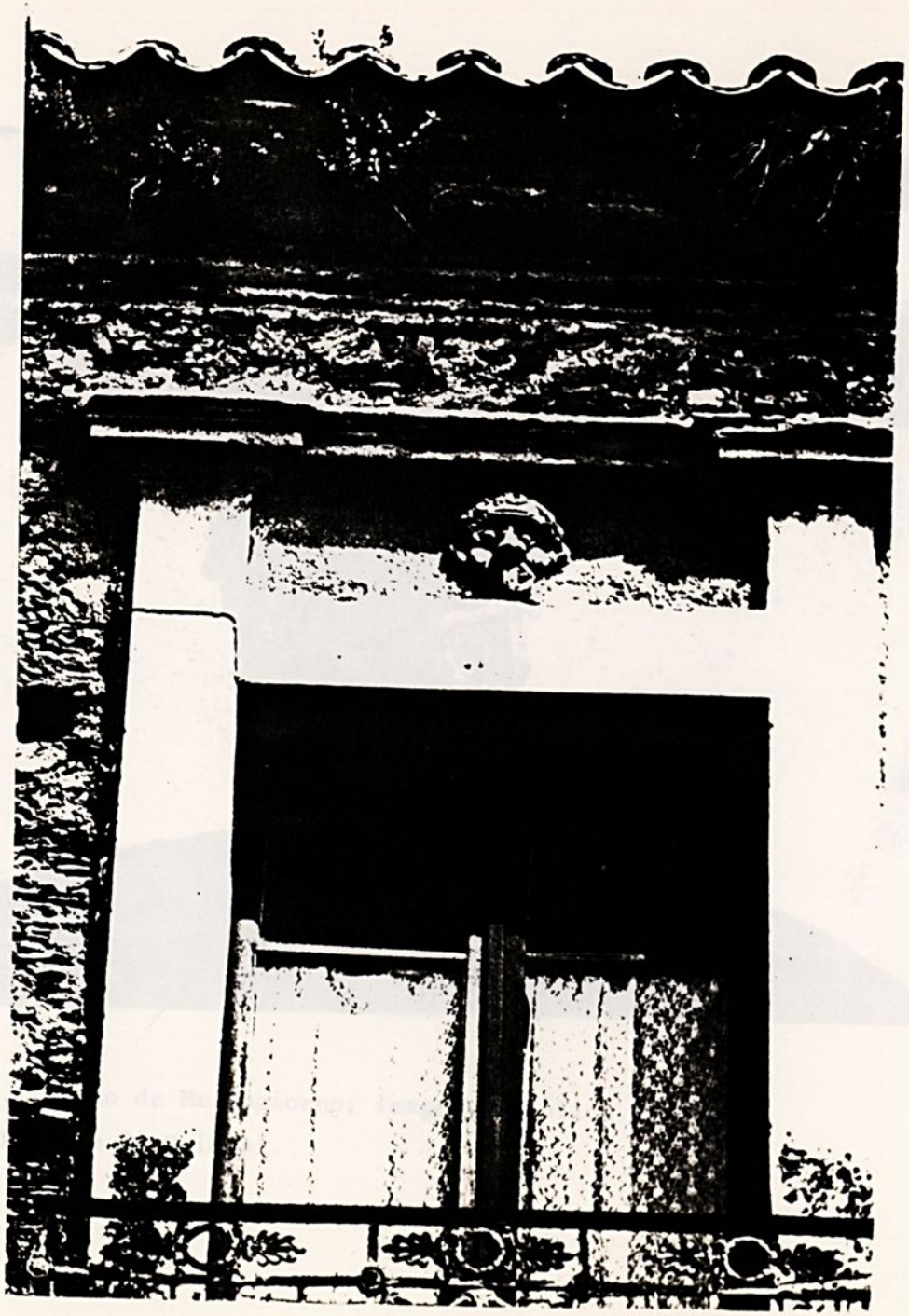




Vila rural, região de Borgo di Gaeta; baixo Lácio, edícula sacra; foto de E. Guidoni.



Vila rural, região de Trento; edículas e capelas; foto de E. Guidoni.



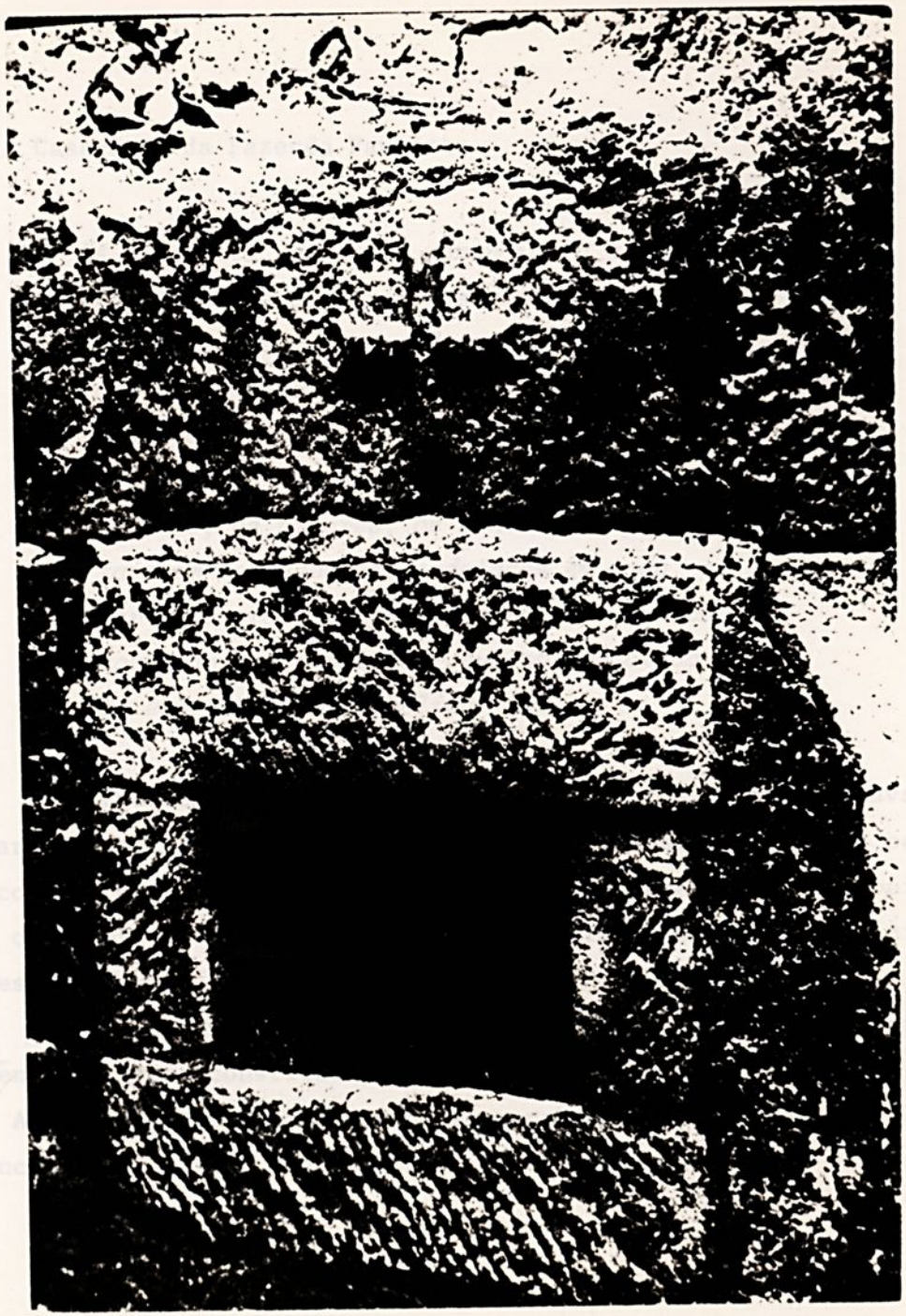
Vila rural, região de Mezzogiorno; cornija e figura diabólica; foto de E. Guidoni



Vila rural, região de Mezzogiorno; imagem diabólica protege a janela; foto de E. Guidoni.



Vila rural, região Alto Lácio; cabeça apotropaica em pedra e estuque, século XVI; foto de E. Guidoni.



Vila rural, região de Pisa; cruz sobre a janela; figura de proteção; foto da autora

Sobre a porta de entrada se conserva amplamente o uso da cruz em pedra ou estuque; situa-se no centro da abertura em forma de monograma da família associada a outros símbolos. Alguns são motivos da arte popular como a rosa, a data ou o trígrama de Cristo.

A Casa-Sede da Fazenda Paulista

> *"A burguesia não soube renunciar a colocar nas fachadas das próprias casas, ao longo das ruas, as mesmas ordens arquitetônicas que deviam ser reservadas aos edifícios públicos; procurou, portanto, a monumentalidade. Mas conseguiu apenas em parte, as colunas, os pilares, os pontos, os pedestais em bossagem etc, adotadas em toda a parte; a proliferação do caráter áulico acabaram por empobrecer sua potencialidade expressiva e simbólica" (12)*

Freqüentemente as grandes famílias brasileiras chamavam os mestres-de-obras italianos para a construção ou reforma de seus edifícios. Mas, se nos pedidos e nos documentos para as construções urbanas não estão claras as diferenças de atribuições dos empreiteiros, mestres, construtores e engenheiros, na área rural não constam solicitações e contratos de construções e reformas.

Sob a influência do "ecletismo," rompendo as tradições arquitetônicas coloniais as residências rurais constituiram-se em cópias adaptadas da arquitetura dos grandes centros urbanos. A adoção generalizada dos padrões urbanos e toda a artificialidade de sua organização evidenciam o ecletismo arquitetônico, com a transposição de elemen-

tos urbanos do fim do século contrariando as tradições locais. *"As soluções neoclássicas eram empregadas apenas superficialmente atendendo de modo eficiente às condições locais" (6) e "em todo o Brasil o Ecletismo foi sinônimo de modernidade e modernização". (3)*

A residência do proprietário era circundada por jardim e árvores frutíferas, era construída no alto e próxima à ferrovia. O sobrado da morada da fazenda paulista é geralmente disposto em retângulo. Alicerces, paredes estruturais, paredes de vedação assim como os esteios são de tijolão, fabricado geralmente na própria fazenda.

O requinte do padrão construtivo, o luxo da decoração dos espaços internos e externos, evidenciam a negação da paisagem local. Muitas vezes o jardim recebe projeto italiano e as pinturas das paredes exibem marinhas, roseirais e naturezas mortas.

O estilo maneirista italiano, de escadaria *"em convite"*, degraus mais largos que precedem a escada, exercem a função de convite ao acesso do espaço da morada, está presente em propriedades rurais da região rural paulista. Também a escada em madeira com balaustrada trabalhada ou com parede de pedra, deixam claro o gosto italiano.

A identificação com o gosto europeu expressa-se pela rejeição das condições da sociedade rural da época. A colunata neoclássica encontra-se na balaustrada dos terraços. O porão, com abertura em arcos, apresenta em suas paredes a argamassa formando desenhos de grandes pedras.

O espaço interno da casa-sede do proprietário rural paulista apresenta ala dos quartos, sala na parte fronteiriça, e na parte posterior estão a cozinha, despensa, varanda e banheiro. Uma das casas, na região de Piracicaba, hoje Chácara Nazareth, possuía piscina interna destinada ao uso do proprietário. A varanda, sala de refei-

ções e lazer da família, ocupam a parte central e a zona de serviço está agenciada em uma das extremidades do espaço interno.

A zona de culto apresenta-se em algumas propriedades, com espaço próprio, próxima à casa-sede, em outras está representada pelo oratório sobre móvel da época.

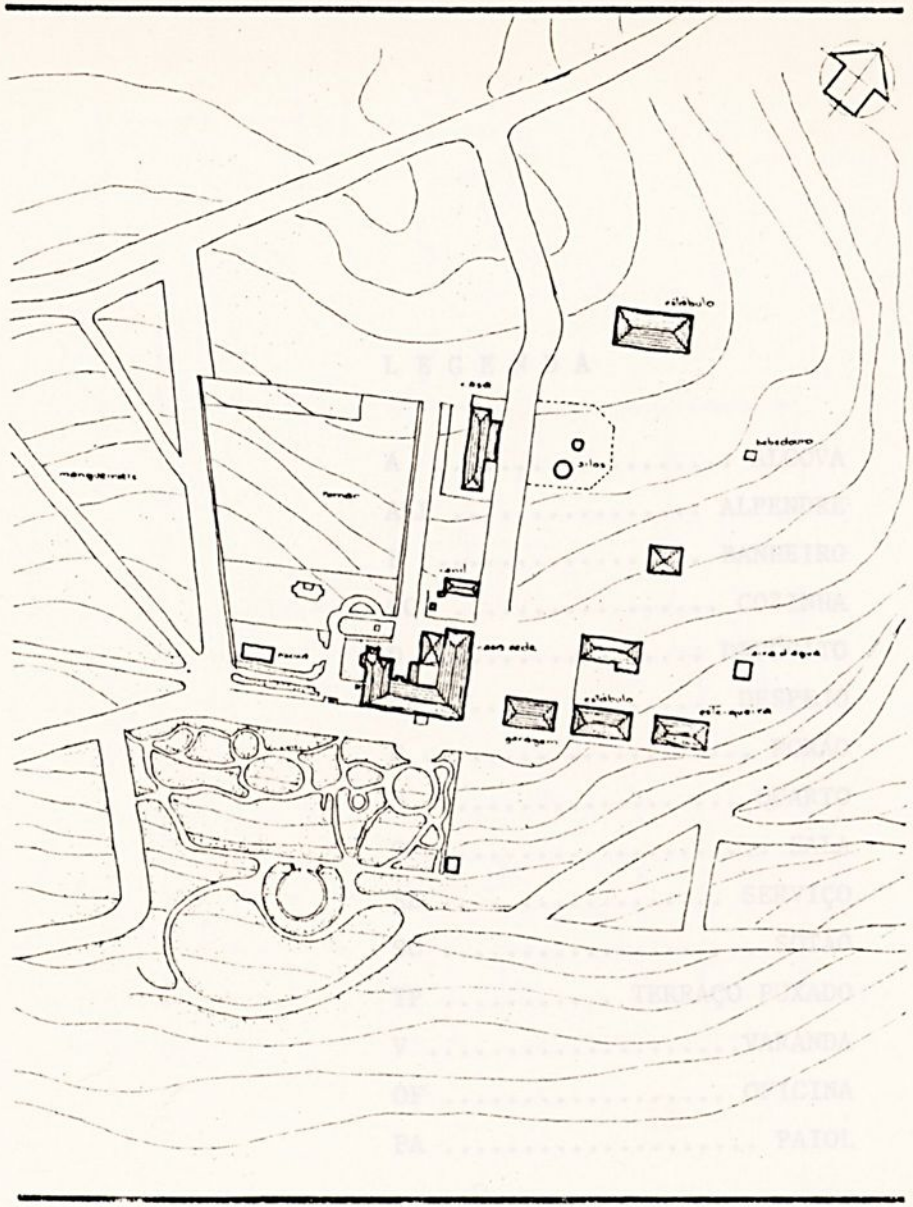
As soluções neoclássicas sobre chão de terra (6), estão nítidas na arquitetura rural paulista. As paredes externas apresentam cornijas sobre as aberturas; em argamassa figuram rosáceas em flores, símbolos da família. Elementos de ferro estão nas aberturas do porão, nas platibandas das escadas e terraço; colunas e argamassa imitando pedra revestem a parte fronteiriça do edifício.



Chácara Nazareth, região de Piracicaba;
foto da autora.

Chácara Nazareth, região de Piracicaba;
foto da autora.





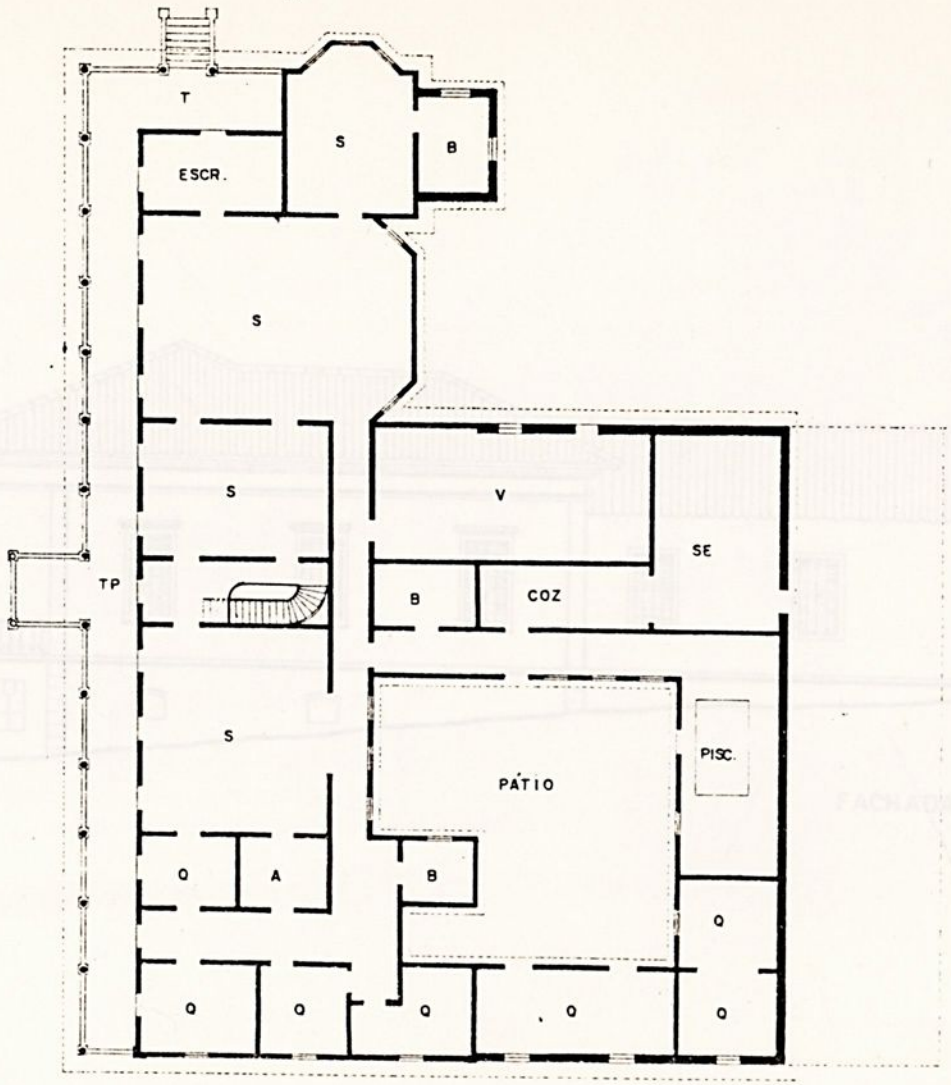
CHÁCARA NAZARETH

IMPLANTAÇÃO

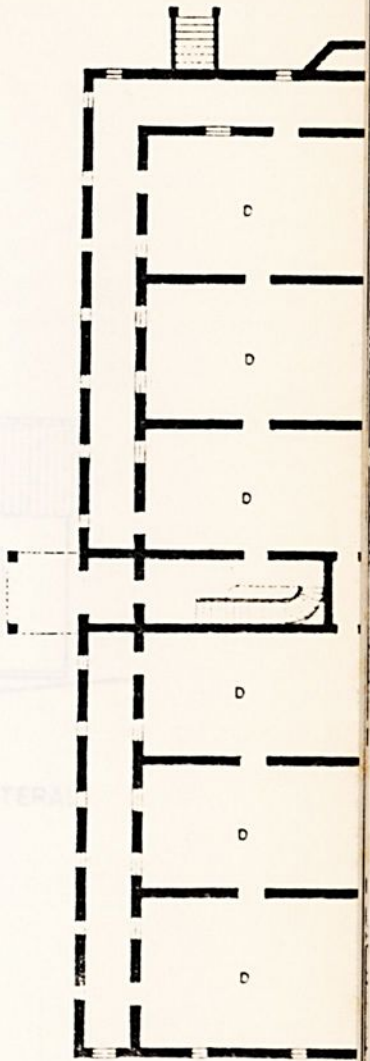
INSTITUTO DE ARTES - UNESP
BIBLIOTECA

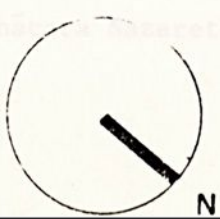
L E G E N D A

A ..... ALCOVA
ALP ..... ALPENDRE
B ..... BANHEIRO
COZ ..... COZINHA
D ..... DEPÓSITO
DE ..... DESPEJO
P ..... PORÃO
Q ..... QUARTO
S ..... SALA
SE ..... SERVIÇO
SO .....SÓTÃO
TP ..... TERRAÇO PUXADO
V .....VARANDA
OF ..... OFICINA
PA ..... PAIOL

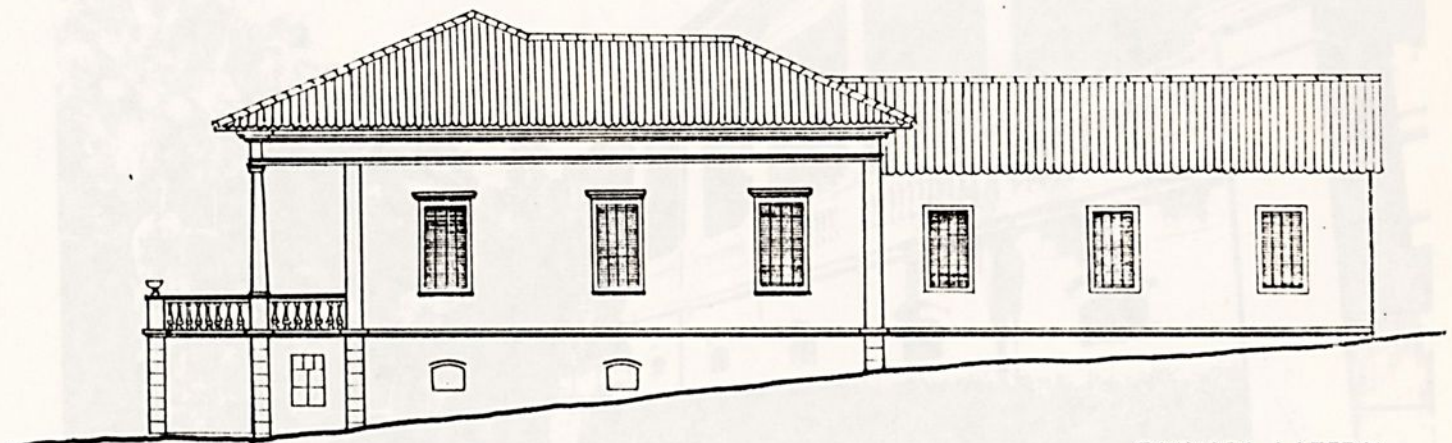


PLANTA





CHÁCARA NAZARETH



FACHADA LATERAL

Chácara Nazareth



Chácara Nazareth, região de Piracicaba;
O requinte do padrão construtivo, o luxo da decoração interna e as soluções plásticas externas diferenciam a fazenda das demais propriedades da região de Piracicaba. (9)
foto da autora.



Chácara Nazareth, região de Piracicaba;
O terraço é circundado com colunas neoclássicas em madeira, com balaustrada em alvenaria. A identificação com o gosto europeu expressa-se pela rejeição das formas arquitetônicas regionais da época;
foto da autora.



Chácara Nazareth, abertura do porão com gradil de ferro;

foto da autora.



Chácara Nazareth, região de Piracicaba;
É uma propriedade da época áurea do café, com construções de trabalho, casa de máquinas, antigo terreiro, jardim de programa italiano e grande sede cujo plano é da autoria do mesmo mestre-de-obra da fazenda Anhumas em Campinas, segundo entrevista com o proprietário João Pacheco Chaves; foto da autora.

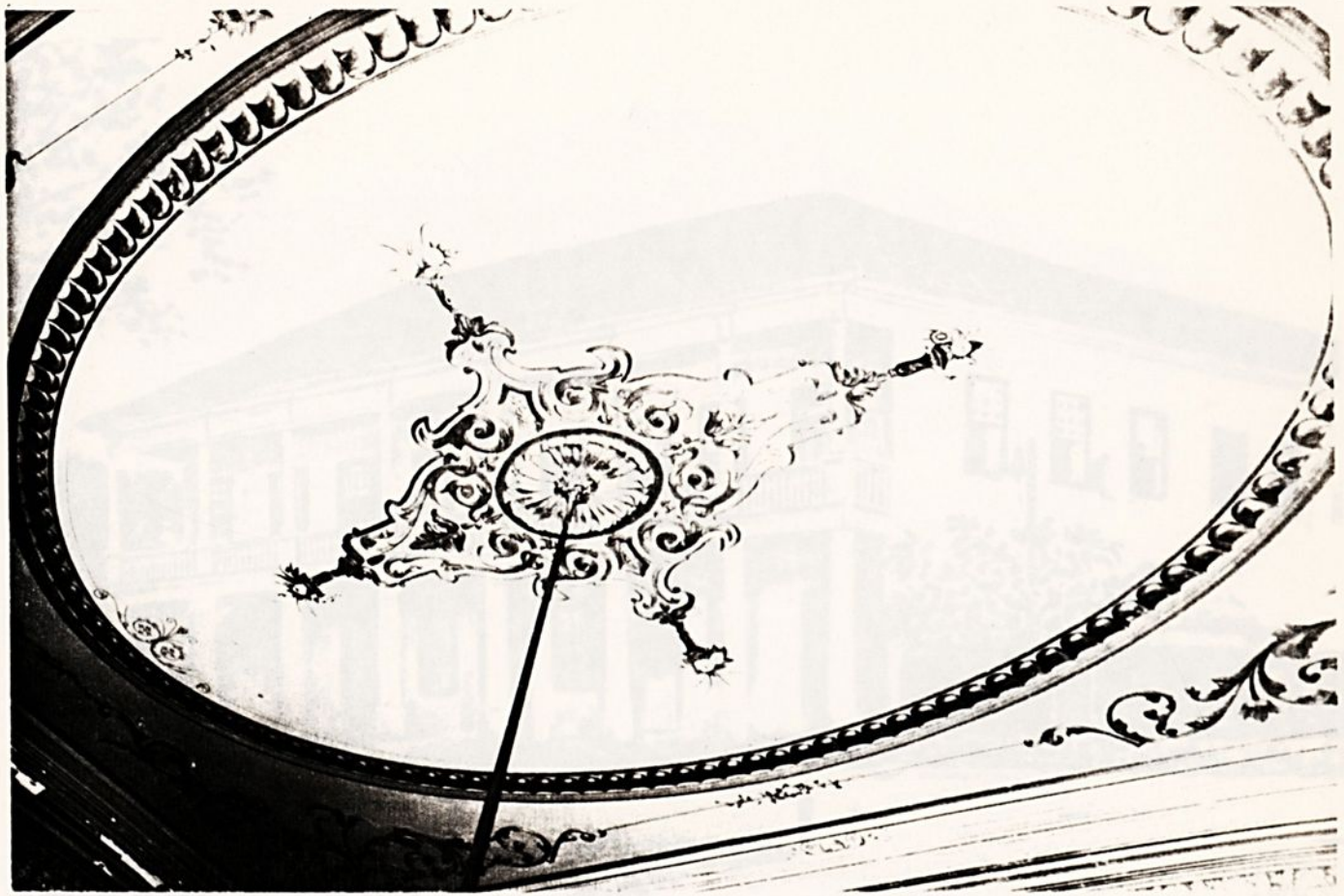


Chácara Nazareth;
detalhe de colunata
do terraço.
foto da autora.





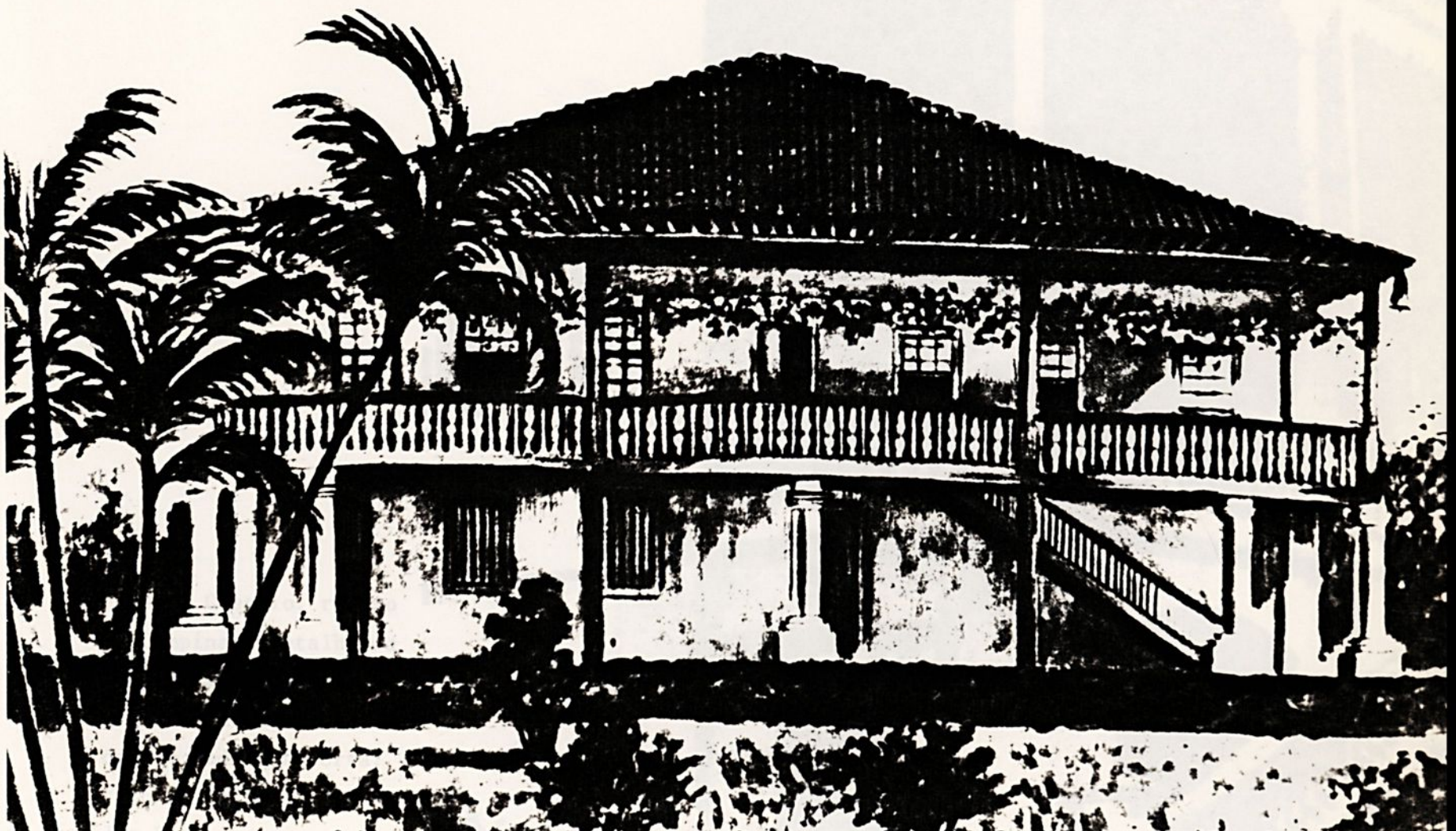
Chácara Nazareth, região de Piracicaba;
decoração interna;
foto da autora.



Chácara Nazareth, região de Piracicaba;
decoração interna; pintura no teto;
foto da autora.

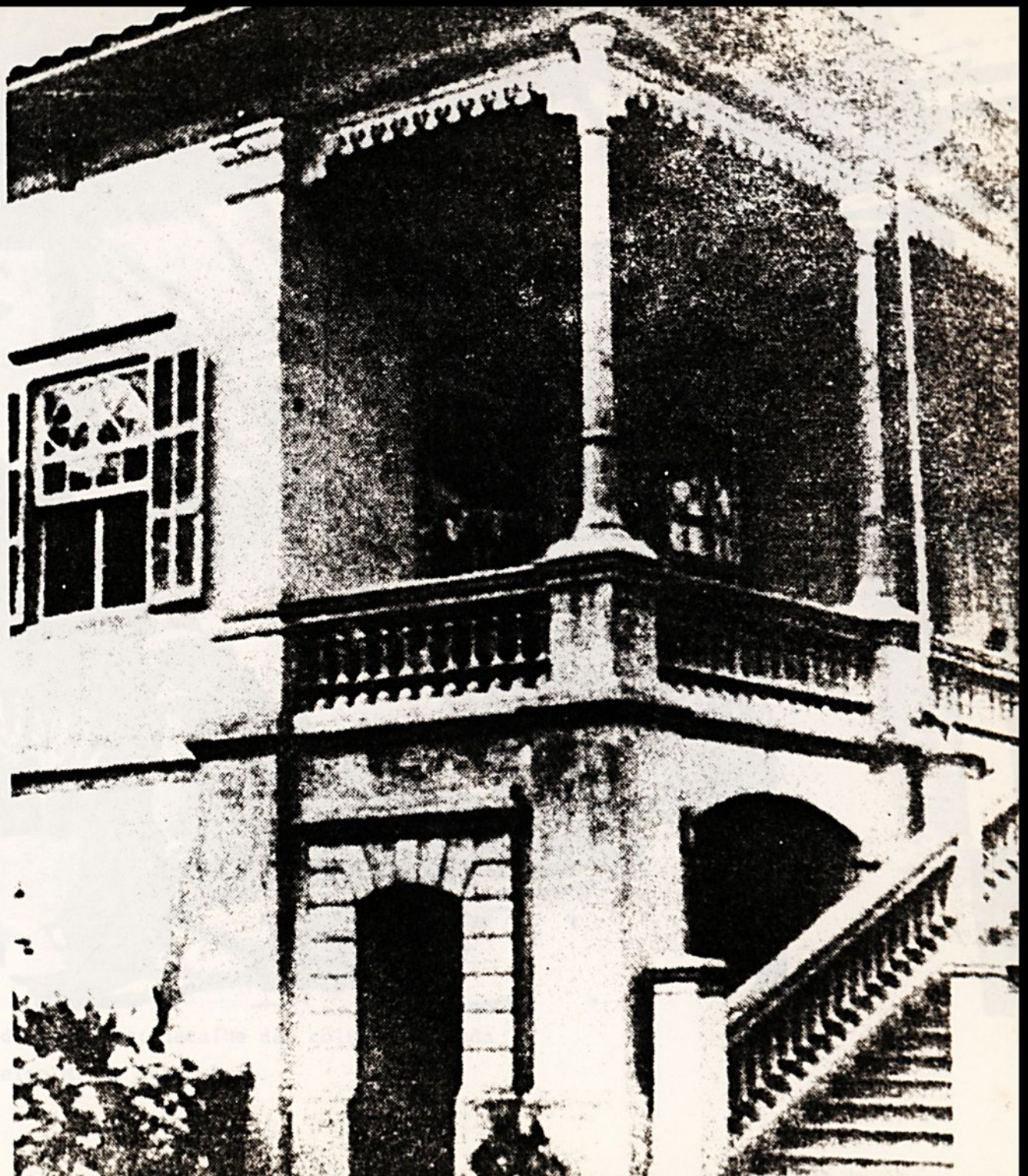


Fazenda Anhumas; eixo Campinas-Mogi Mirim;
aquarela de J. Castro Mendes.

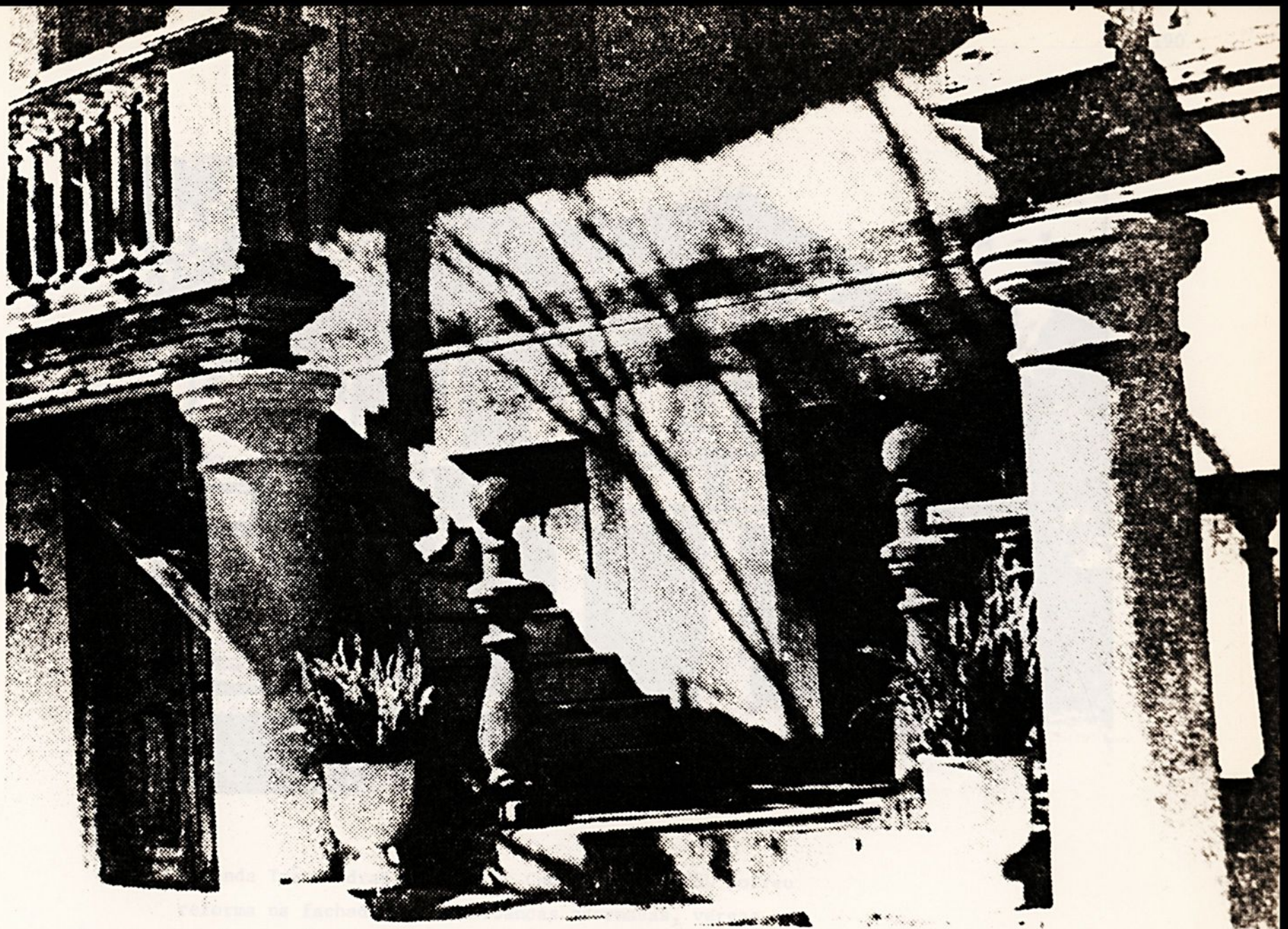


Fazenda Santa Francisca do Camanducaia;
região de Campinas; aquarela de J.Castro Mendes

unesp



Fazenda Castelo, região de Campinas, detalhe da escada, colunata, loggia e a imitação da pedra ao redor da porta; foto de Celso M. de Mello Pupo.



Fazenda Atibaia, região de Campinas; detalhe das colunas, escada e balaustrada; foto de Celso M. de Mello Pupo.



Fazenda Três Pedras, região de Campinas; em 1880 sofreu reforma na fachada com platibandas adornadas, vergas em semi-círculo;
foto do CONDEPHAAT.



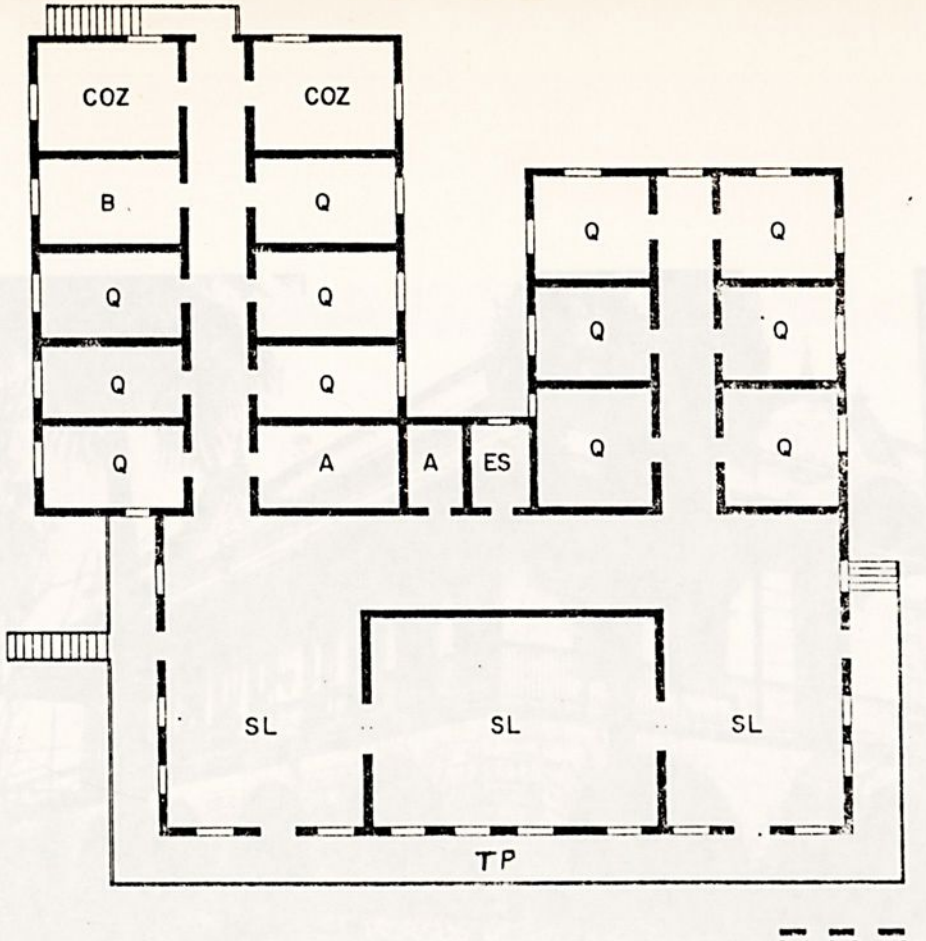
Fazenda Três Pedras, região de Campinas;
aquarela de J. Castro Mendes.

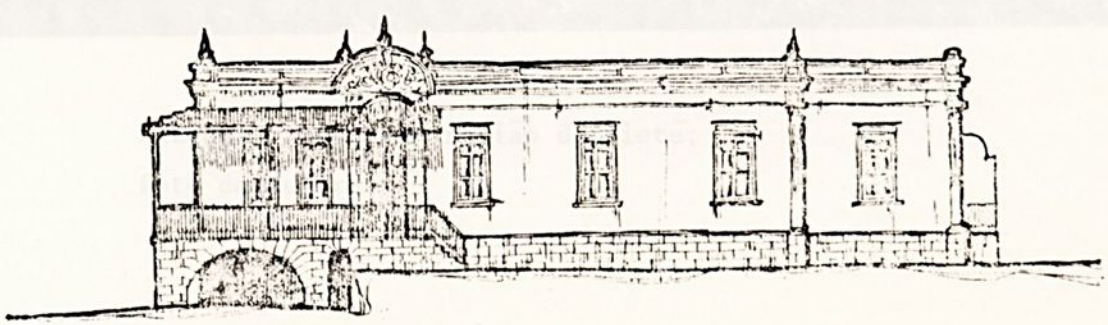


Fazenda Chave Preta, região de Serra Negra;
escada com gradil de ferro e colunas com
fuste canelado; foto de Silveira Nunciaroni



Fazenda Palmeiras. Em Tietê, à esquerda do rio a Fazenda Palmeiras teve o café como seu principal produto agrícola. A sede é construída em tijolos, com porão baixo à volta. Argamassa reveste o exemplar e junto aos arcos do porão apresenta desenhos imitando fileiras de pedras. O telhado está oculto por platibanda decorativa com cimalhas, pináculos e vasos. O frontão em semi-circulo traz a data de construção: 1899.





FACHADA LATERAL DIREITA



Fazenda Palmeiras, região de Tietê;
foto da autora.



Fazenda Palmeiras, região de Tietê. A parte do porão em arcos está sob o alpendre com gradil de ferro. O exemplar possui imitação de colunas trabalhadas nos cunhais em pedra;
foto da autora.





Fazenda Palmeiras, região de Tietê; detalhe da fachada, escada com gradil, abertura em arcos, cimalhas sobre a janela, coluna de quina, argamassa imitando pedra; foto da autora.





Fazenda Palmeiras, região de Tietê, detalhe da decoração interna com pintura nas paredes;
foto da autora.

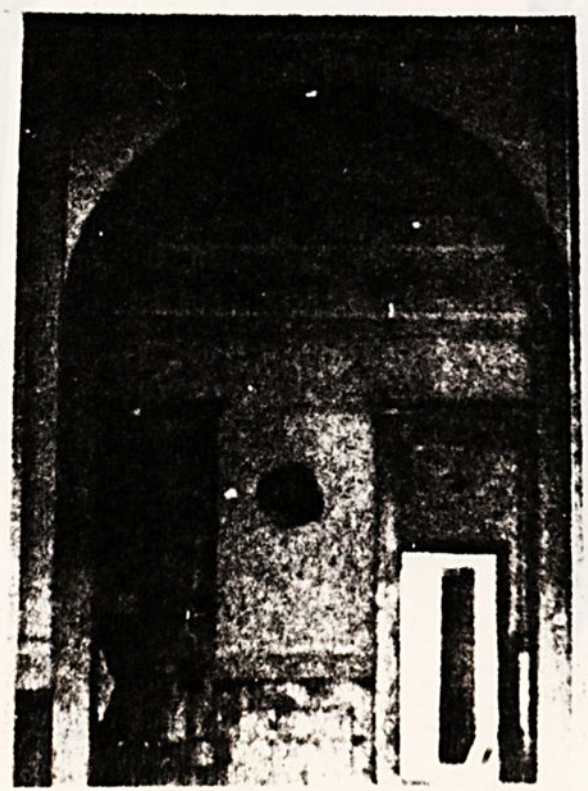


Fazenda Jambeiro, região de Campinas;
foto de Celso M. de Mello Pupo.



Fazenda Jambeiro, região de Campinas; detalhe da fachada lateral, ~~cornija~~ cimalha e pináculos;
foto de Celso M. de Mello Pupo.





Fazenda Santa Tereza da Serra, região de Campinas; detalhe da pintura interna;
foto de Celso M. de Mello Pupo.

INSTITUTO DE ARTES BIBLIOTECA UNESP

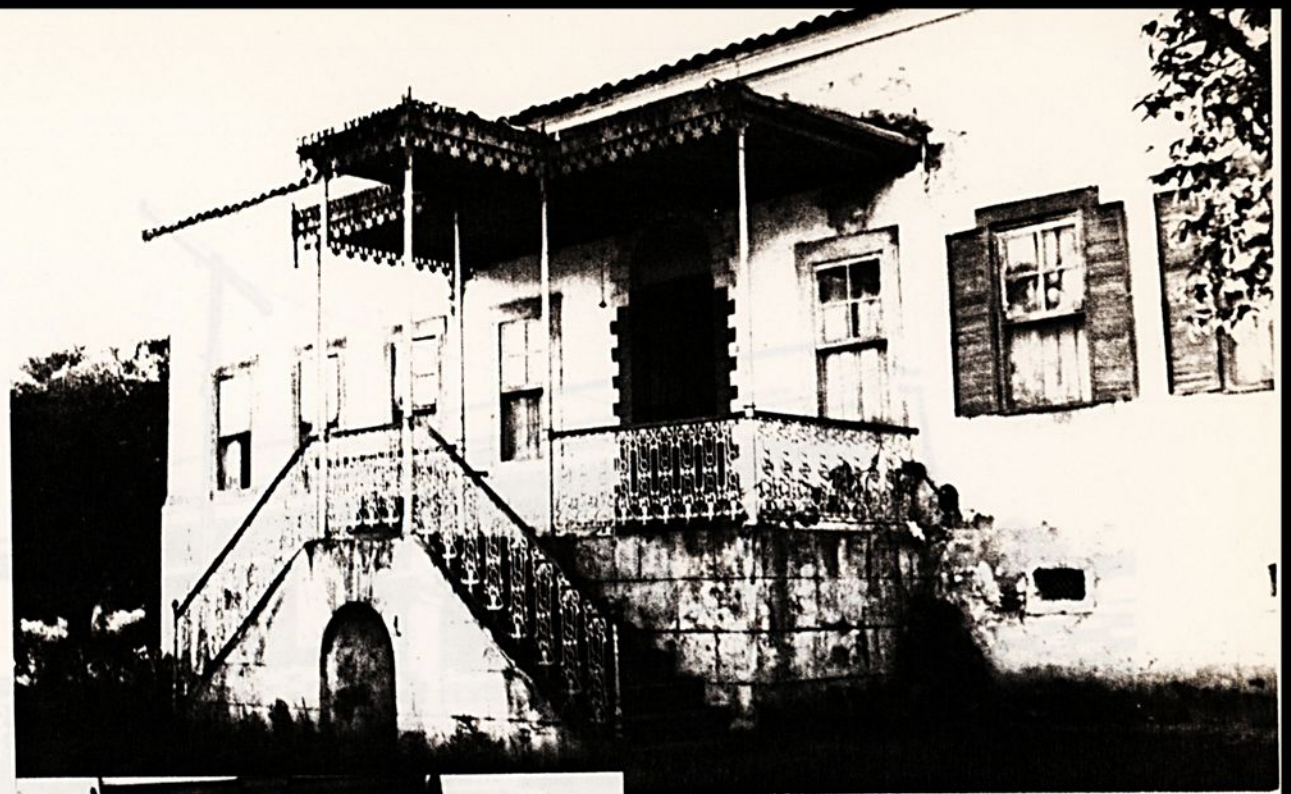


Fazenda Santa Tereza da Serra, região de Campinas; detalhe da pintura interna;
foto de Celso M. de Mello Pupo



Fazenda Jumirim, região de Tietê;
foto da autora.

Fazenda Jumirim, região de Tietê; fachada com gradil de ferro, argamassa imitando pedra e abertura em semi-circulo.





Detalhe da abertura com decoração em argamassa imitando pedra; foto da autora



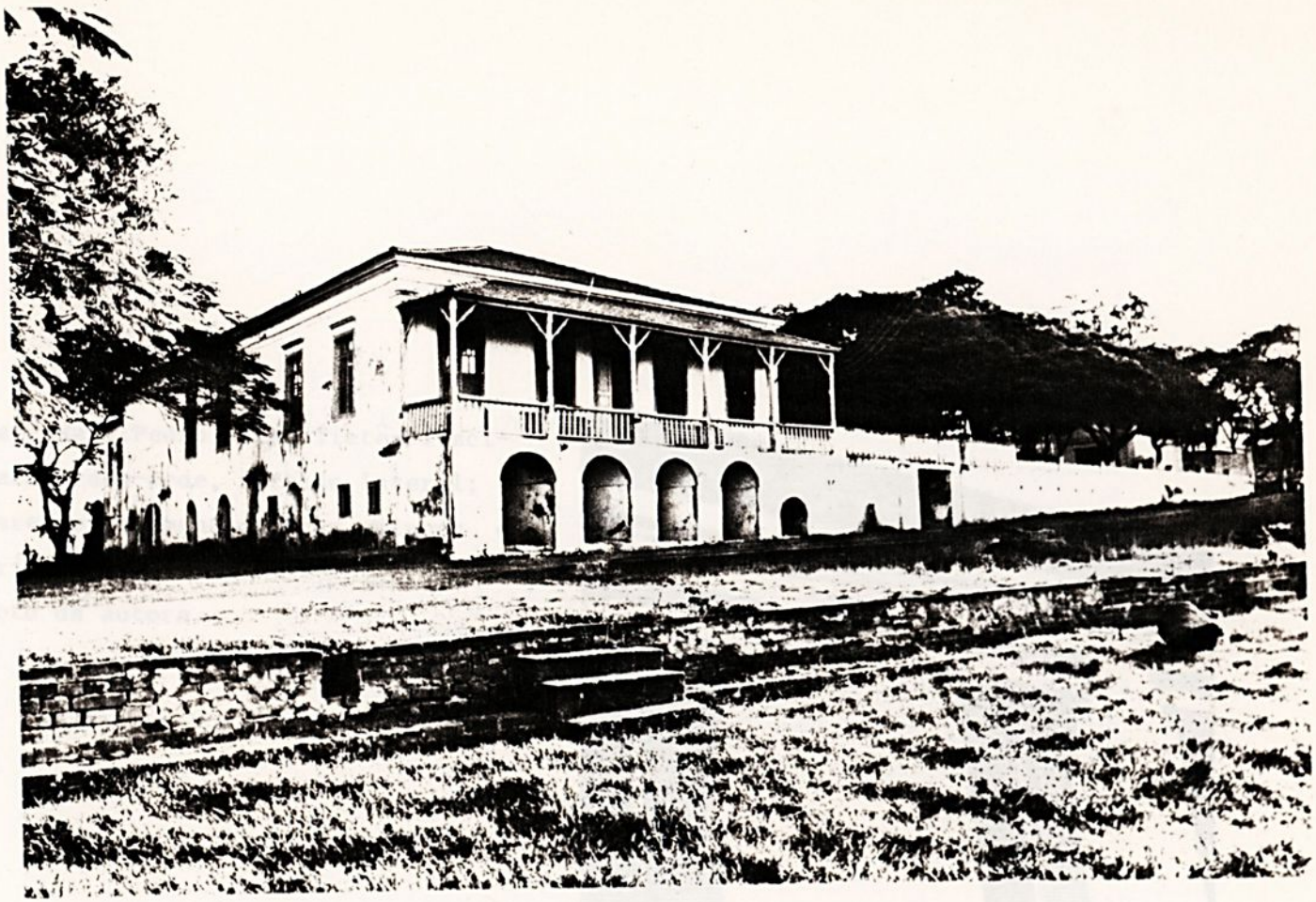
Fazenda São José, região de Piracicaba;
degraus em convite; muro de pedra;
terreiro de café;
foto da autora.

Fazenda São José, região de Piracicaba; fachada lateral com fonte no jardim; foto da autora.



detalhe da fachada com
escada, gradil de ferro,
lambrequins, platibanda
escondendo o telhado;
foto da autora.





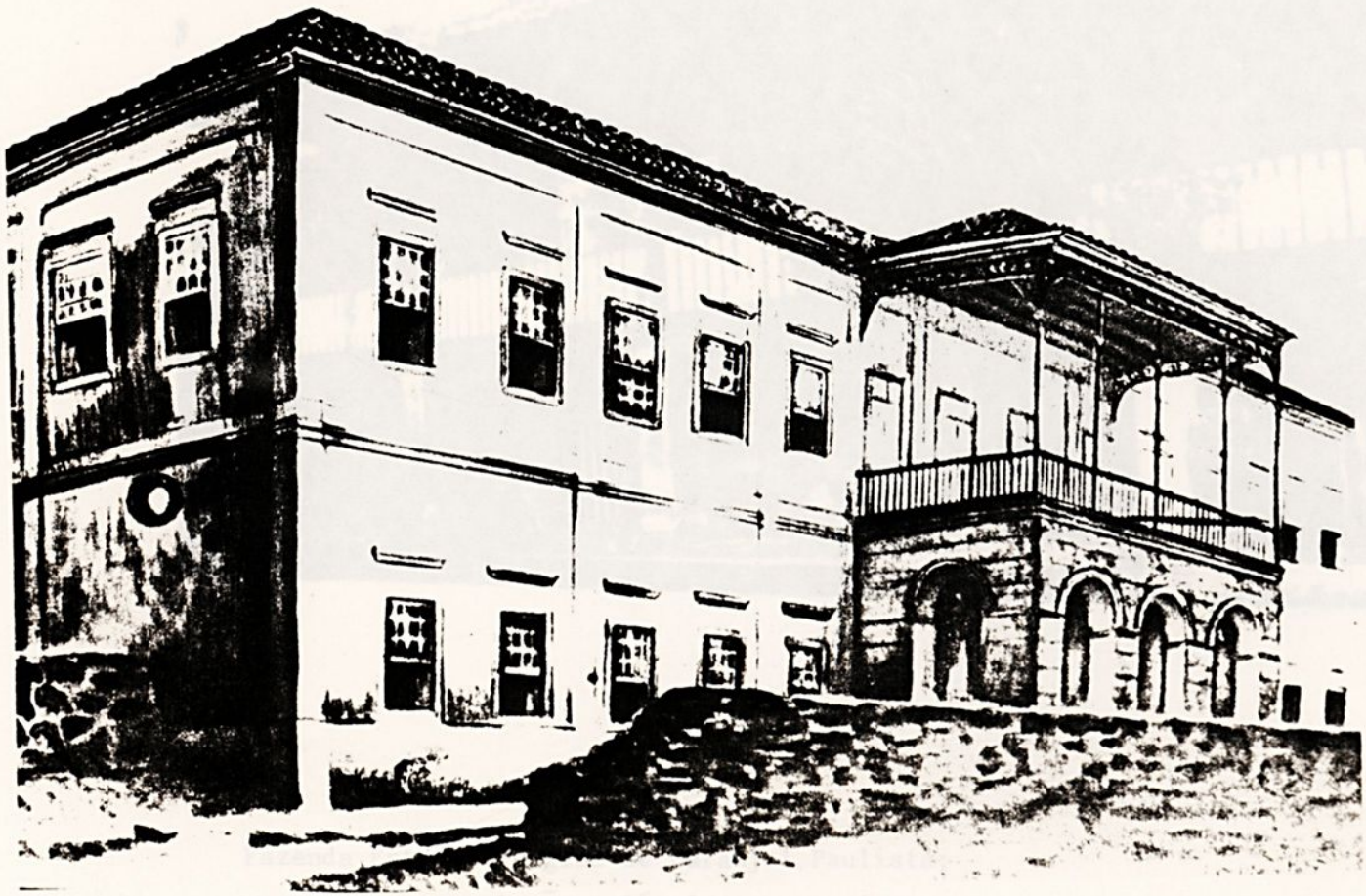
Fazenda D.Pedro, região de Piracicaba; no depósito térreo as aberturas são em arco, sob terraço com balaustrada em madeira ornamentada; ~~cornijas~~ cimalhas sobre as janelas e frisos ornamentais nas paredes;
foto da autora.

Fazenda D.Pedro, eixo Tietê-Piracicaba; casa-sede, fachada lateral; paredes ornamentadas com colunas e frisos;
foto da autora.





Capela da Fazenda D.Pedro;
foto da autora.



Fazenda Quilombo, região de Campinas;
aquarela de J. Castro Mendes.



Fazenda Estrela, região de Laranjal Paulista;
casa-sede com soluções plásticas posteriormente introduzidas: colunas e pináculos no muro do terreiro de café;
foto da autora.

Fazenda Boa Vista, região de Tietê; detalhe da fachada com escadas, gradil em madeira, ornamentos nas janelas e porta em arco com bandeira em ferro com iniciais dos proprietários; foto da autora.





Fazenda Boa Vista, região de Tietê; detalhe da porta com gradil e iniciais do proprietário;
foto da autora.

Fazenda Peri-Peri, região de Tietê;
foto da autora.



Fazenda Peri-Peri, região de Tietê;
detalhe da escada, balcão platibanda em madeira,
rosacéa em massa
ornamentando a coluna em cunhal;
foto da autora.





Fazenda Peri-Peri, região de Tietê;
fachada lateral com fonte;
foto da autora.





Fazenda Engenho d'Água, região de Capivari;
casa-sede e colônia;
foto da autora.



Fazenda Engenho d'Água, região de Capivari; O sobrado principal da fazenda é disposto em retângulo, com paredes em tijolos fabricados na própria fazenda. O esteio de quina são revestidos em forma de pilastras, terminadas em capitel com bordas salientes com desenhos de meia concha.

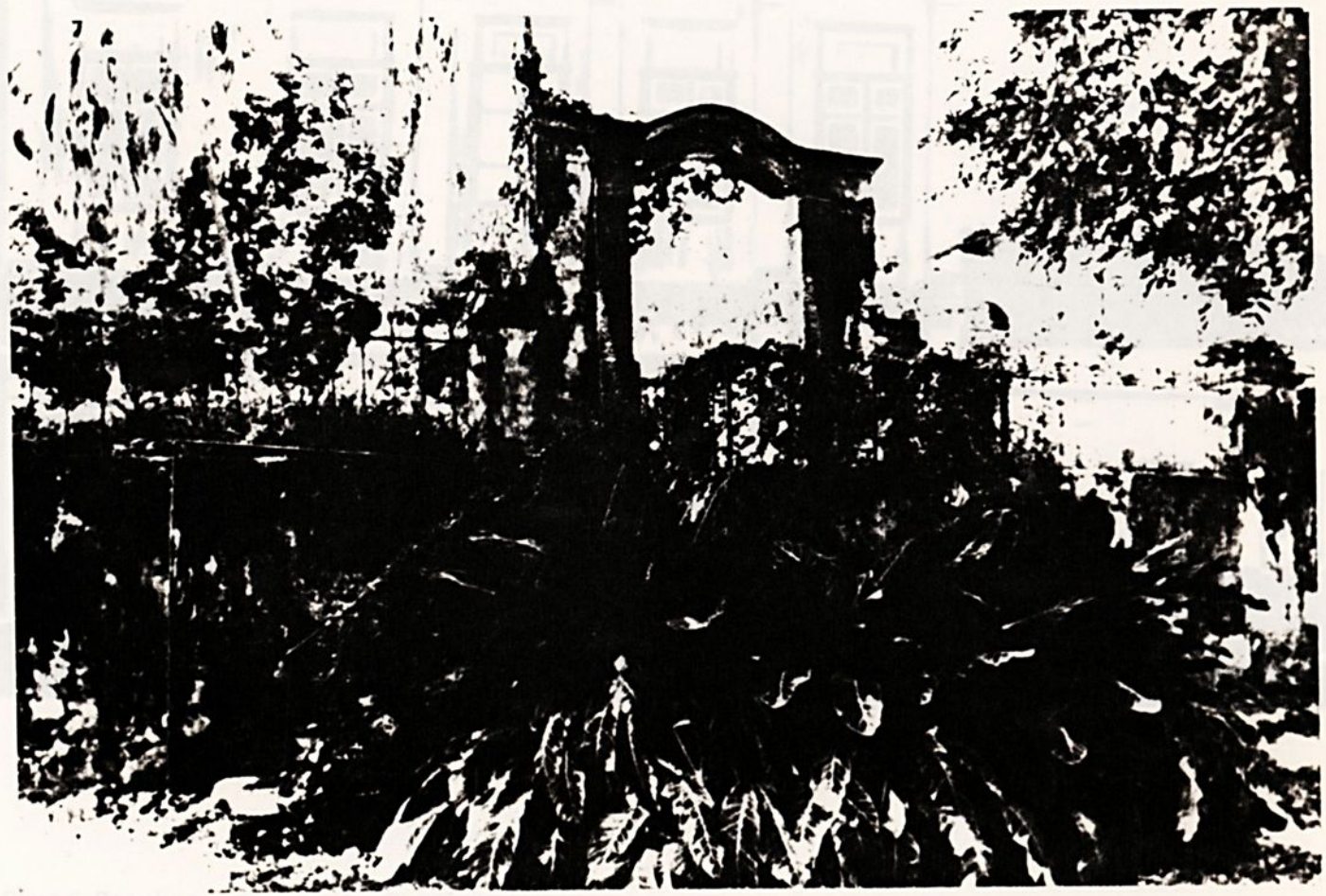


detalhe da fachada com paredão em pedra; fotos da autora.



Fazenda São Pedro, região de Tietê; escada externa com
balaustrada em madeira ornamentada;
foto da autora.

Fazenda Santa Úrsula, região de Campinas;
recanto do jardim com pórtico.
foto de Celso de Mello Pupo.





Fazenda Santa Genebra, região de Campinas;
aquarela de J. Castro Mendes.

Capela da Fazenda Fontoura, região de Campinas;
foto de Celso M. Mello Pupo





Capela da Fazenda Santa Leopoldina, região de Campinas; eixo Itatiba-Morungaba
foto de Antonio C. Bellia.

Cozinha da Fazenda Santa Leopoldina, eixo
Itatiba-Morungaba;
foto de Antonio C. Bellia.



O italiano distanciou-se dos padrões de comportamento econômico da população cabocla da área rural paulista. Quando dispunha de capital suficiente adquiria seu próprio negócio, seu próprio espaço. O imigrante formou seu pecúlio com a atividade no cafezal:

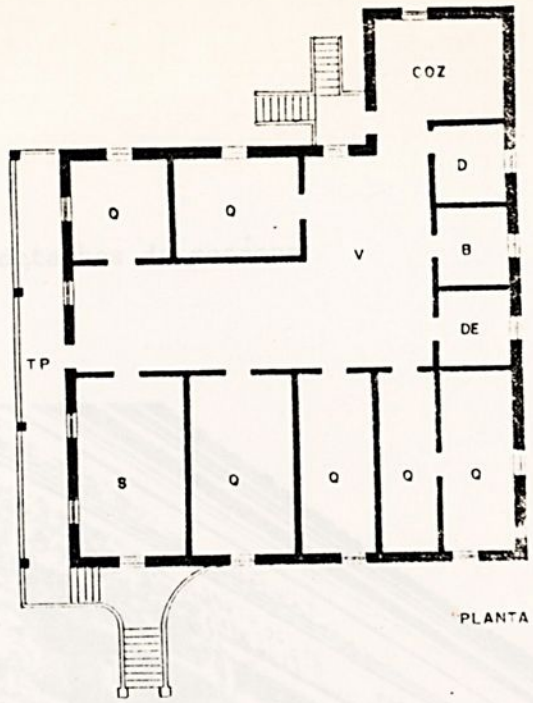
> *"o imigrante que se destina à fazenda nela não permanece sempre; como é natural, sua ambição é a formação de um pecúlio para com ele estabelecer-se definitivamente por conta própria". (12)*

Quando o italiano adquiria propriedade rural, se esmerava na construção e decoração de sua casa-sede. Investe em casas assobradadas que refletem certas concepções de moradia de determinadas regiões italianas; o padrão orientador é adaptado devido a falta de técnica de mão-de-obra local e material. Em 1890 as propriedades agrícolas no Estado de São Paulo totalizaram 282 com 29.683 hectares em 1900, 2.229 propriedades num total de 204.816 hectares. (10)

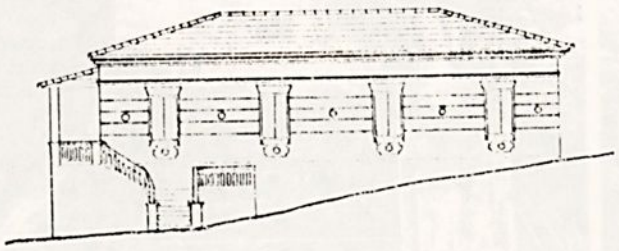
INSTITUTO DE ARTES - UNESP BIBLIOTECA

Fazenda Zuim, região de Piracicaba; propriedade do italiano Antonio Zuim
andar térreo com aberturas em arco, sob terraço com colunas e platibanda
foto da autora.

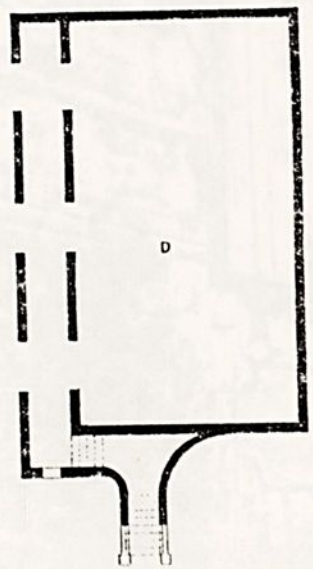




PLANTA



FACHADA LATERAL



FAZENDA ZUIM

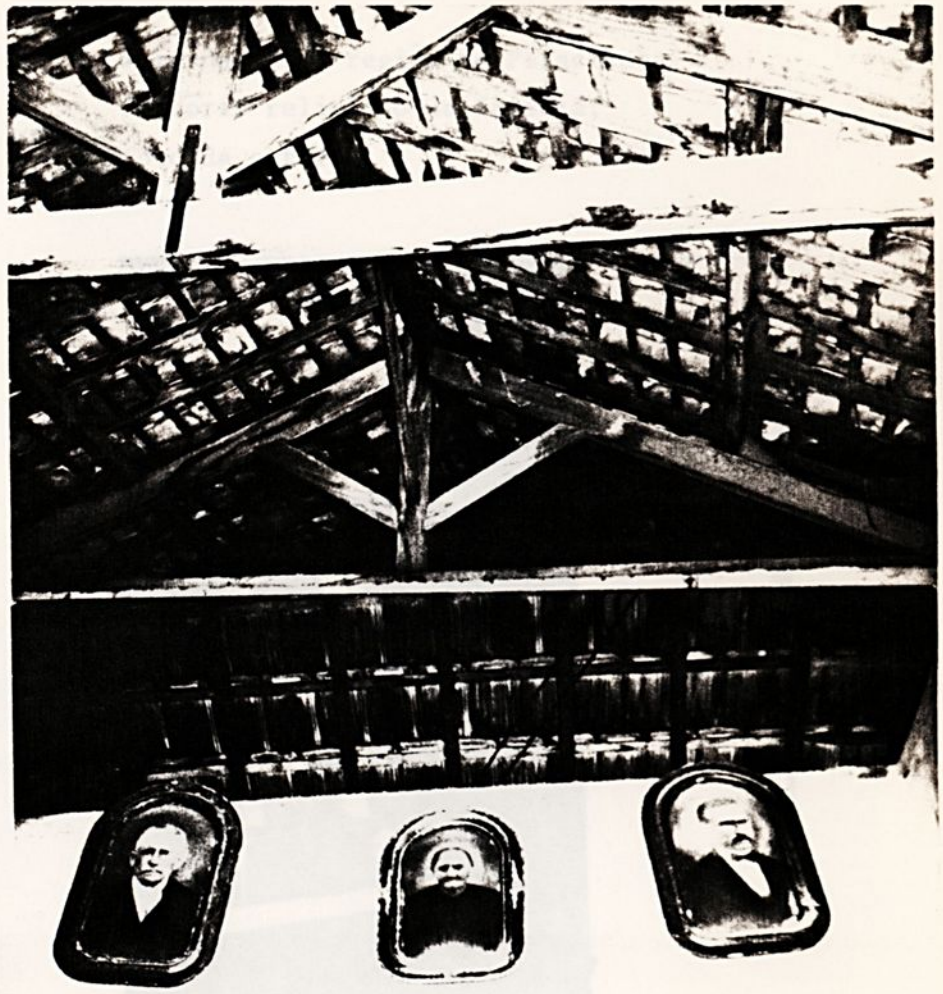
Fazenda Zuim, região de Piracicaba;
ornamentos nas paredes e sob a janela estão os detalhes de rosácea em argamassa;
foto da autora.

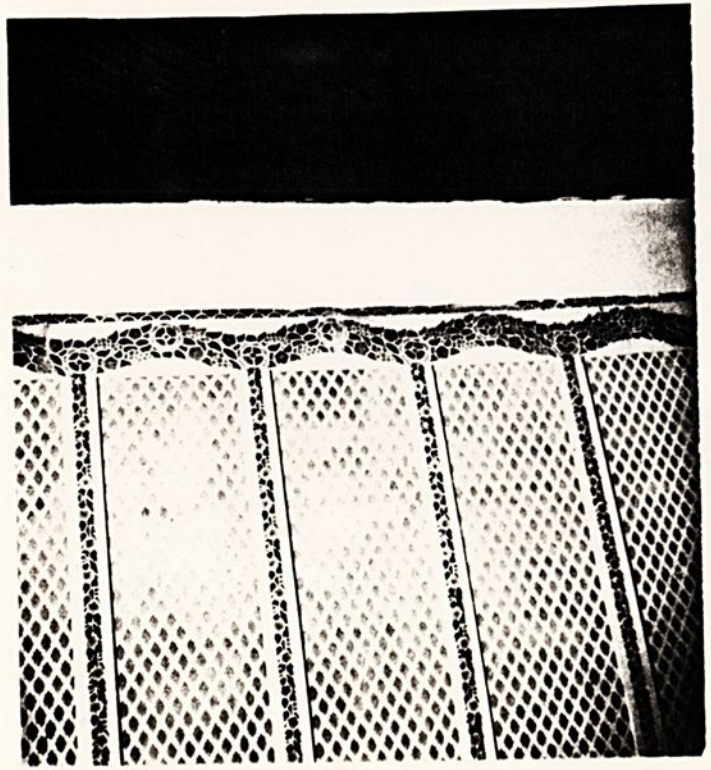


Fazenda Zuim, região de Piracicaba.



Fazenda Zuim, região de Piracicaba;
nas paredes, fotos dos imigrantes
italianos os Zuim, primeiros pro-
prietários; decoração da sala com
pinturas em várias cores;
foto da autora.





Fazenda Zuim, região de Piracicaba,
oratório religioso da família;
foto da autora.





Fazenda Serra Negra, região de Piracicaba; escadaria externa com degraus em "convite", balaustrada do terraço com grade em madeira ornamentada; propriedade de Natalio Sabino.
foto da autora.



Fazenda São Pedro, região de Piracicaba;
sala e corredor, decoração do madeiramento em cores cinza e verde;
foto do casal Sabino, primeiros proprietários.

Fazenda Pakes, região de Piracicaba;
antigos colonos italianos formaram sua
propriedade rural no eixo Tietê-Piraci
caba;
fotos da autora.



Fazenda Pakes, região de Piracicaba;
escada externa com degraus em "convi
te";
foto da autora.



Fazenda Pakes, região de Piracicaba;
detalhe da rosacéa e florão sobre a parede externa;
foto da autora.





Fazenda Pakes, eixo Tietê-Piracicaba; fachada lateral.



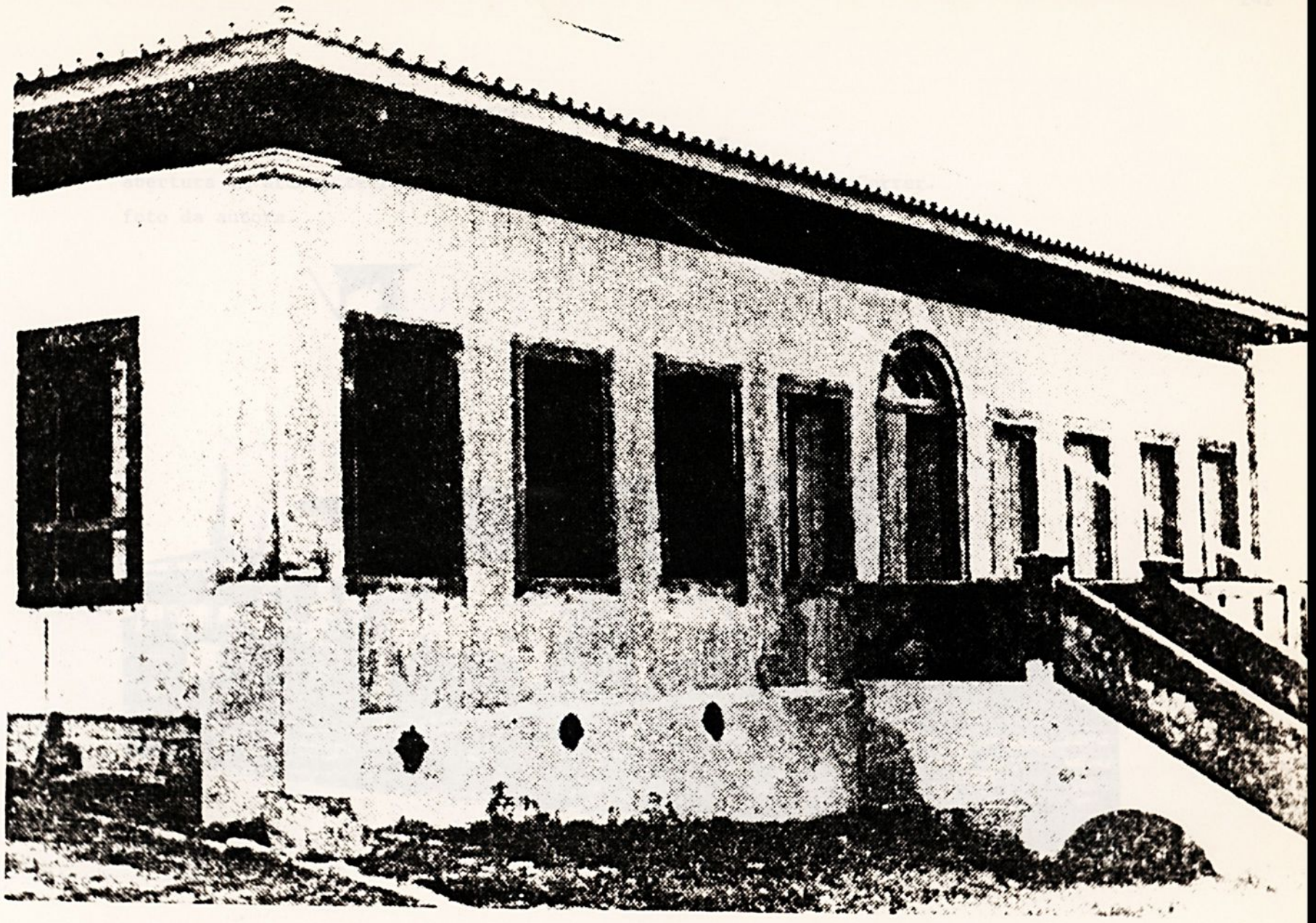
detalhe da abertura em arco, uso do tijolão fabricado na própria fazenda.
foto da autora.

Fazenda Pakes, região de Piracicaba; detalhe da fachada lateral, ~~cornija~~ cimalha sobre a janela;
foto da autora.





Fazenda Pakes, região de Piracicaba;
detalhe da cozinha com fogão-lareira;
foto da autora.



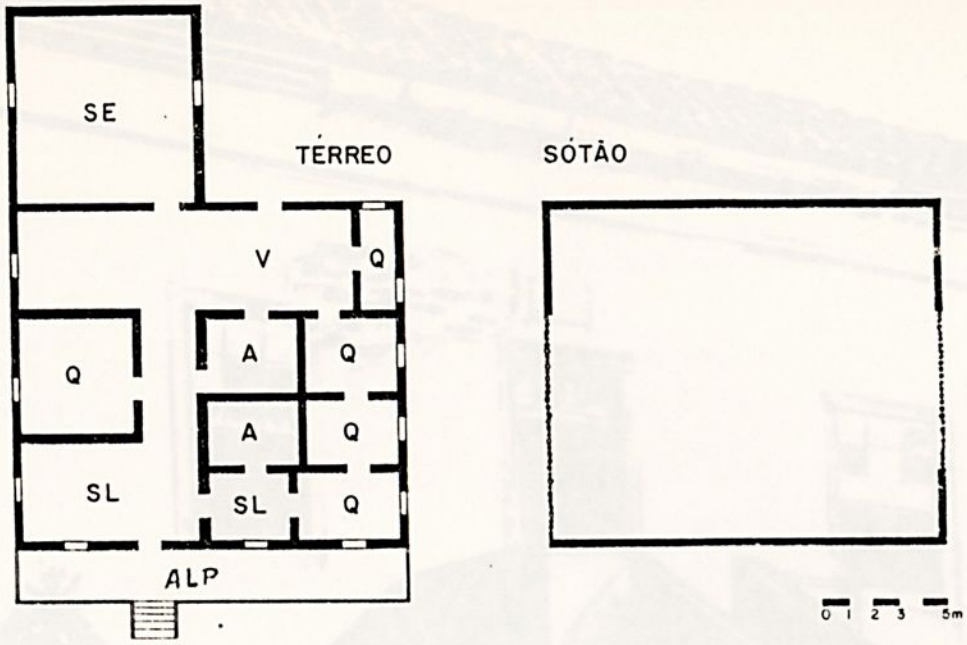
Fazenda Barreiro, região de Campinas;
foto de Celso M. de Mello Pupo.

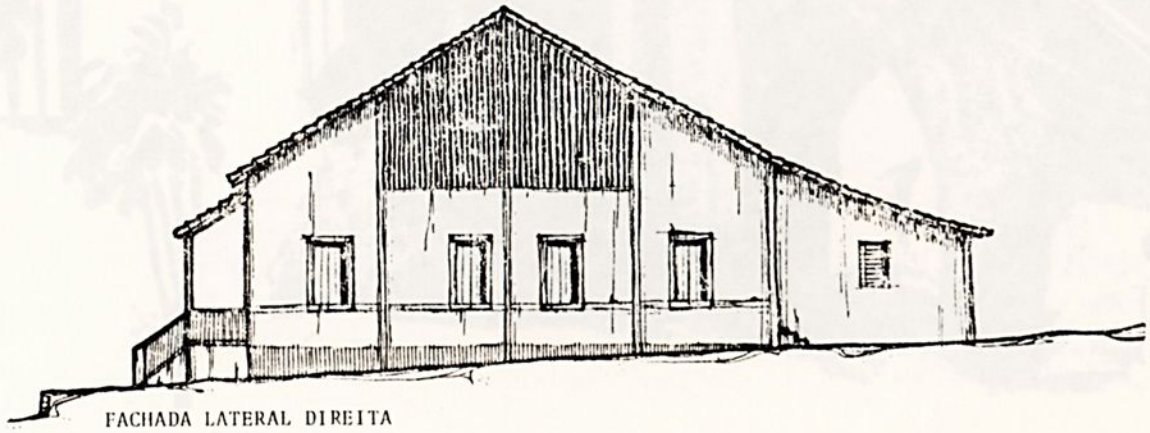
Vila Olímpia, região de Piracicaba;
antiga casa-sede com escada com degraus em "convite",
abertura em arcos, terraço com colunas; propriedade da família Correr.
foto da autora.



Fazenda de Paulo Madureira, região de Tietê;
fachada lateral com paredes em alvenaria e madeira;
foto da autora.







FACHADA LATERAL DIREITA



Fazenda Camanducaia, região de Campinas;
aquarela de J. Castro Mendes.

Referências Bibliográficas:

1) Ackerman, J. *"The Tuscan/Rustic Order: A study in the Metaphormal Language of Architecture".*
Journal of the Society of Architectural Historians
Março 83, vol. XLII nº 1 p. 15-33

2) Belli, B. *"Storia di un colono"*. Nápoles, Coll. M. H, 1904

3) Fabris, Annatereza. (organização). *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo, Nobel, 1987

4) *Gazeta de Notícias* - São Paulo, 20 de agosto de 1889

5) Goedick, Cetalli. *Thermoluminescense Dating in Architectural History: the cronology of Palladio's Villa Rotonda".*
Journal of the Society of Architectural Historians.
Dezembro 86, vol. XLV nº 4 p. 396-407

6) Goulart Filho, Nestor. *"Quadro da Arquitetura no Brasil"*. São Paulo, Perspectiva 1974

7) Guidoni, Enrico. *"L'Architettura Popolare Italiana"*. Roma e Bari, Laterza, 1980

8) Lazzaro, Claudio. *"Rustic Country House to Retined Farmhouse: The Evolucion and Migration of an Architectural Form"* *Journal of the Society of Architectural Historians* - Dezembro 85, vol. XLIV nº 4 p. 346-367

9) Martins, Neide Marcondes. *"Arquitetura Rural e Contexto Histórico-Cultural - Piracicaba - SP"*. São Paulo, IMS - Informações, Microformas e Sistemas, 1983

10) Monbeig, Pierre. *"Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo"*. São Paulo, Editora Hucitec e Polis, 1984

11) Orbann, A.F. *Documente sul Baroco in Rome*. Roma, 1920

12) Patetta, Luciano. *"Considerações sobre o Ecletismo na Europa"* in *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo, Nobel, 1982, p. 24

13) Puppi, Lionello e outros. *Le Grande Ville Italiane. Vêneto, Toscana, Lazio, Novara,* Instituto Geográfico De Agostini Spa, 1986

14) Washington Luis com citação em Beiguelman, Paula. *"A Formação do Povo no Complexo Cafeeiro - Aspectos Políticos"* São Paulo, Pioneira Editora, 1977.

7. MODELÍSTICA: TRANSFERÊNCIA; ADAPTAÇÃO E FUSÃO

7. MODELÍSTICA: TRANSFERÊNCIA, ADAPTAÇÃO E FUSÃO

Uma das formas de desintegração ou de perda de identidade cultural ocorre pelo desconhecimento dos traços específicos das expressões culturais. A visão reducionista dos enfoques estilísticos parece estar sendo a causa da incompreensão acerca de nossas características culturais. A sacralização de períodos e de suas sequências evolutivas, em estilos, origina-se no distanciamento em relação a nossa sequência histórica e em relação às nossas preocupações mais primárias. Trabalhar com a modelística do **"deve ser"** impede que se conheça bem o nosso próprio repertório. O pouco que se conhece é muitas vezes mal interpretado. As categorias de análise, quase sempre, são conformadas a partir de parâmetros, distantes de nossa realidade. O material que não se enquadra, em modelos previamente estabelecidos como **"monumentos"**, passam a ser considerados exóticos e/ou **"ingênuos"**.

A análise dos bens como **"objetos artísticos"** significativos, que se explicam por si mesmos, facilita a visão histórica. É possível abordar a análise do contexto para se chegar ao objeto, ou o inverso, da obra para o contexto. formar um inventário operacional, com estudos sistematizados, servirá para a tomada de decisões e medidas de adaptação, reconstrução, restauração e transformação aptas a garantirem a continuidade cultural de determinada região.

No caso **"A Vila Rural Italiana e a Fazenda Paulista"**, o estudo de propriedades de regiões rurais paulistas, do fim do século passado e do início deste, com o levantamento do programa-função, dos elementos construtivos/constitutivos, das soluções plásticas das construções apontou o conhecimento da presença de imigrantes italianos que responderam pe-

las alterações das técnicas construtivas chamadas coloniais.

O imigrante italiano distanciou-se dos padrões de comportamento econômico das populações caboclas da região paulista. Sua preocupação era a obtenção de capital suficiente para investir em propriedades. O desenvolvimento econômico do imigrante propicia a compra de terras, formando-se no início do século, bairros rurais que se concentravam próximos às cidades do interior paulista.

Os italianos, em São Paulo, localizaram-se no Centro-Oeste onde o café e as estradas de ferro avançavam. Nas áreas onde se situou o colono-italiano, apresentaram-se diferentes aspectos na organização rural. O programa das propriedades rurais paulistas, em muitos casos, apresenta-se como de solução mista. As construções de trabalho para funcionamento dos engenhos foram adaptadas para casa de máquinas, tulhas, celeiros, oficinas e terreiros para a secagem dos grãos de café. Muitas vezes uma adaptação da antiga senzala acomodava o colono italiano. A organização da propriedade do café, em molde capitalista, necessitava do trabalho assalariado do colono e o colono exige a mudança no modo de morar; são construídas casas em alvenaria muitas vezes com o mesmo telhado e outras isoladas.

Chegados ao Brasil antes de findar o século XIX, na última década os imigrantes italianos estavam representados em toda a hierarquia econômica, desde o mais importante industrial, comerciante, artista, mestre-de-obras, político, até o vendedor de jornais. Chamados para construção ou reforma de exemplares urbanos e rurais, deixaram características marcantes nos elementos constitutivos das casas, na adaptação dos materiais às formas neoclássicas com colunas, platibandas, colunatas, escadas, símbolos religiosos, florais, rosáceas, elementos transformados e transferidos do *"palazzo"* para o chamado palácio em chão de terra.

A associação dos índices descritivos apresentados na arquitetura rural paulista e os modelos italianos coletados em regiões rurais italianas, indicou o processo de aculturação das formas em termos de ajustamento e adaptação à nova forma de construir e morar dos italianos na nova terra.

Ainda que as formas de transferência estejam implantadas em modelística de síntaxe própria da cultura doadora, foram usados os meios mais aptos e selecionados, de tal maneira que existiu fusão e adaptação do modelo originário. As formas arquitetônicas e de urbanização na área rural paulista denotam resultados do processo de transferência, ajustamento, adaptação e fusão assimilados à nova realidade.



Glossário

. adro - espaço aberto fronteiro ao edifício. Pode ser plano ou escalonado.

. arcada - galeria ou passagem com sucessão de arcos.

. arquitrave - viga ou verga principal apoiada em suas extremidades em colunas ou pilares.

. "átrium" - átrio, vestíbulo, pátio, espaço que vai desde a entrada principal do edifício até a escadaria ao pavimento superior.

. balaustrada - conjunto de pesquenas colunas ou pilares que sustenta um corrimão ou parapeitos.

. balcão - sacada de peitoris situada nas fazendas dos edifícios.

. "barchesse" - espaço aberto superior, tipo balcão entre a sacada.

. bossagem - saliência sobre uma superfície, almofada saliente.

. capitel - parte superior da coluna, acima do fuste, em que descansa a arquitrave.

. cimalha - elemento colocado na parte superior com função de desviar as águas pluviais que descem pelo telhado.

. "colombara" - pequeno cômodo central construído entre os telhados acima do 2º piso.

. colunata - série de colunas enfileiradas simetricamente.

. cornija - moldura saliente que arremata a parte superior do edifício.

INSTITUTO DE ARTES - UNESP
BIBLIOTECA

.degraus "em convite" - degraus que precedem a escada, mais largos com a função de convidar para o acesso.

.frontão - elemento geralmente triangular de arremate superior nas construções ou coroando portas e janelas.

."impluvium" - implúvio, pátio descoberto, no interior da construção, para o qual convergem as águas pluviais do telhado.

.lambrequim - rendilhado de madeira usado na decoração das extremidades dos beirais.

."loggia" - lógia, galeria, arcada.

.partido - disposição final, técnica traduzida segundo determinações do programa, juntamente com a comodulação e modenatura.

.peristilo - colunata.

.platibanda - moldura de pouca espessura e contínua que contorna uma construção acima dos frechais.

.programa - conjunto das necessidades funcionais e sociais que caracterizará um tema arquitetônico.

.tímpano - superfície triangular limitada pelos três lados do frontão.

.tríglifo - ornamento dos frisos do entablamento dórico formado de três sulcos triangulares.

.verga - peça que fecha o vão superior da janela ou porta, apoiada nas ombreiras.

Documentação Iconográfica

Centros Rurais, Itália

Pequeno centro rural do Alto Adige ..... 22 e 24

Centros Rurais em formação rochosa: Duronia e Rochetta, Molise 23

Pequeno centro rural, região de Veneza 25

Centro rural, Sorano região Toscana 26

Centro de Casteltermini, Sicília 27

Centro rural siciliano 28

Vilas Rurais, Itália

Vila de Poggio 33
Vila Marcelo, edifício principal, construções de trabalho e agricultura 34
Edifício Principal, região de Pisa 35
Casa do Proprietário, e casas dos empregados, região de Pisa 36
Casa do Proprietário, casas dos empregados e agricultura 37
Casa do Proprietário, região de Perugia 38
Casa do Proprietário e casas dos empregados, região de Perugia 39
Vila de Cafaggiolo, edifício principal, construções de trabalho, pomar, bosque 40
Planta baixa de casa de trabalhadores, região de Valcellina 42
Casa de trabalhadores e espaço para ritos religiosos, região de Sardenha 43
Construções de trabalho, região de Navara 44
Construções de trabalho, região de Apenino Bolonhense 45
Casa do Proprietário e construções de trabalho, região da Alta Valsesia 48

Edifícios projetados por mestres-de-obras italianos, Campinas - SP.

Solar Barão de Itapura 105
Solar Ataliba Nogueira 106
Sobrado de Campinas 107
Capela de São Benedito 108
Escritórios da Cia Mogiana 109
Catedral de Campinas 110
Casa de Registros 111
Circolo Italiani Uniti 112
Teatro São Carlos 113

Engenheiro Italiano em São Paulo.

Família Samadello, 1924 117
Antonio Samadello e Celeste Candeo Samadello 118
Família Samadello, 1939 119

Núcleos Rurais, São Paulo

Santa Olímpia, região de Piracicaba 55
Igreja de Santa Olímpia 56
Família Correr, Santa Olímpia 57
Monte Alegre, Piracicaba 59
Implantação, Monte Alegre 60
Colônia, Monte Alegre 61
Edifício da Farmácia, Monte Alegre 62
Implantação, Capuava, Piracicaba 63

Programa das Fazendas, São Paulo

Implantação, Fazenda D. Pedro, Piracicaba 68
Fazenda D. Pedro, Casa-sede e terreiro de café 69
Colônia da Fazenda D.Pedro 70
Implantação, Fazenda Pakes, Piracicaba 73
Fazenda Pakes, Piracicaba
Fazenda Monte Olímpo, Piracicaba, casa-sede, tulha, aqueduto 74
Implantação, Fazenda São José, Piracicaba 75
Fazenda São José, casa-sede, terreno, construções de trabalho 76
Fazenda São Pedro, Piracicaba, construções do antigo engenho 77
Fazenda Engenho d'Água Capivari, casa-sede e colônia 79
Fazenda Sete Quedas de Itu, casa das máquinas 80
Fazenda Bacaina, Campinas, casa sede e colônia 81
Fazenda Rio das Pedras, Campinas, casa das máquinas 82
Fazenda Cachoeira, Campinas, casa das máquinas 83
Fazenda São Joaquim, Campinas, casa-sede, terreiro e tulha 84
Fazenda Pereiras, Campinas, casa sede, colônia, capela, terreiro 87
Fazenda Rio das Pedras, Campinas, casa das máquinas 88
Fazenda São Quirino, Campinas, pórtico de entrada, do terreiro 89
Fazenda Santa Leopoldina, Itatiba, casa das máquinas 90
Fazenda São Bento, Itatiba, tulha e casa das máquinas 92

"Palazzo" Rural, Itália

Vila Castelo de Giustinian, Veneziana 128
Vila Medici, região de Florença 130
Vila de Castelo, região de Toscana 131
Vila Lante, região do Lácio 132
Vila Poggio Imperiale, região Toscana 134
Vila Farnese, região do Lácio 135
Vila Godi Valmanara, região Toscana 136
Vila Agostini Giavera, região Veneziana 137
Vila de Vescovi, região de Pádua 139
Vila Valmanara, região Toscana 140
Vila Garzoni, região 141
Vila Aldo Brandini, região do Lácio 142
Vila Rezzonico, região Toscana 143
Vila Magia de Quarrata, região de Florença 144

Vila Marcelo, região Vêneta 145

Vila Conti, região Vêneta 146

Vila Pisani, região Vêneta 147

Casa do Proprietário Rural, região de Bergamo 148

Casa do Proprietário Rural, região de Consentino 149

Casa em madeira e pedra, região de Alta Valçelina 151

Pórtico e "loggia" e balcão, região do Apenino Bolonhense 152

Balcão em madeira, região de Triestre 155

Edifício em pedra, região Piemonti 156

Escada externa e colunas, região Toscana 157

Soluções plásticas nas aberturas, região de Apenino Bolonhense 158

Balcões em madeira, região do Vale Bergamasco 159

Vila Rural, interior da casa dos empregados, região de Valcelina 162

Capela de proteção, região Mezziogiorno 163

Edículas sacras, região de Sicília e região de Roma 164

Edículas sacras e capelas, região de Trento 167

Cornija e figuras sobre as janelas, região de Mezziogiorno 168

Cabeça apotropaica, região do Alto Lácio 169

Figura de proteção, região de Pisa. 171

Fazendas Paulistas

Chácara Nazareth, Piracicaba 175

Fazenda Ahumas, Campinas 186

Fazenda Santa Francisca do Camanducaia, Campinas 187

Fazenda Castelo, Campinas 188

Fazenda Atibaia, Campinas 189

Fazenda Três Pedras, Campinas 190

Fazenda Chave Preta, Serra Negra 192

Fazenda Palmeiras, Tietê 193

Fazenda Jambeiro, Campinas 199

Fazenda Santa Tereza da Terra, decoração interna, Campinas 201

Fazenda Jimirim, Tietê 203

Fazenda São José, Piracicaba 205

Fazenda D. Pedro, Campinas 208

Fazenda Quilombo, Campinas 211

Fazenda Estrela, Laranjal Paulista 212

Fazenda Boa Vista, Tietê 213

Fazenda Peri-Peri, Tietê 215

Fazenda Engenho d'Água, Capivari 219

Fazenda São Pedro, Tietê 220

Fazenda Santa Úrsula, pórtico do jardim, Campinas 221

Fazenda Santa Genebra, Campinas 222

Fazenda Fontoura, Capela, Campinas 223

Fazenda Santa Leopoldina e cozinha, Itatiba 225

Fazenda Zuim, Piracicaba 227

Fazenda Serra Negra, Piracicaba 233

Fazenda Pakes, Piracicaba 235

Fazenda Barreiro, Campinas 241

Fazenda Olímpia, Piracicaba 242

Fazenda Paulo Madureira, Tietê 243

Fazenda Camanducaia, Campinas 245

INSTITUTO DE ARTES - UNESP
BIBLIOTECA


cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12
unesp
16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28